

CURSO DE HISTORIA

LIBRARY OF THE
MUSEUM OF HISTORY

CURSO
DE
HISTORIA

DOS

DESCOBRIMENTOS, COLONISAÇÃO, INSTITUIÇÕES, CIVILIZAÇÃO,
INDEPENDENCIA E PROGRESSOS ATÉ NOSSOS DIAS

DOS

DIFFERENTES ESTADOS AMERICANOS

PELO

Conselheiro J. M. Pereira da Silva



Rio de Janeiro

Em casa dos Editores

EDUARDO & HENRIQUE LAEMMERT

66, Rua do Ouvidor, 66

—
1876

LIBRARY

HISTORIA

OF THE

AO LEITOR

Ao começar o anno de 1874 havia-se installado no Rio de Janeiro uma associação tendente a propagar o ensino publico, por meio de conferencias ou prelecções gratuitas acerca dos varios ramos dos conhecimentos humanos.

Propoz-se o Sr. Conselheiro Pereira da Silva a tratar da Historia comparada da America e Europa, e começou um curso a respeito de tão importante assumpto, perante SS. MM. Imperiaes que se dignaram honrar o auditorio, e perante numerosissimo e selecto concurso de cavalleiros e damas de todas as classes da sociedade.

Muitos dos seus amigos são de opinião que o devia publicar em um livro para que assim

melhor servisse de lição profícua e succulenta á mocidade estudiosa.

Cedeu o professor, conservando todavia a fórma oratoria, que foi empregada, e corrigindo apenas um ou outro pensamento, que não fosse bem explicado, ou desenvolvido.

Rio de Janeiro, 1 de Outubro de 1875.

CURSO DE HISTORIA

— 100 —

Primeira Conferencia

Idéas sobre o que seja civilisação.—Considerações acerca das actuaes nações europeas.—Como se deve escrever a historia geral e especial.—Necessidade de comparar uns com outros os povos contemporaneos.

Senhor, Senhora!

Minhas Senhoras e meus Senhores.

Ha muitos annos que com meu illustrado amigo, o Sr. conselheiro Manoel Francisco Corrêa, concordei na utilidade, sinão necessidade, de, por meio de conferencias publicas acerca de assumptos litterarios e scientificos, excitar a emulação dos nossos compatriotas, e entre elles formar associações, no sentido de propagar o progresso e desenvolvimento das luzes, e de tudo quanto póde contribuir para o bem-estar, melhoramento, instrucção e moralisação da nossa sociedade. Seguimos assim o exemplo das nações mais civilisadas da Europa, que têm reconhecido pela pratica deste meio quanto o ensino publico

se torna mais efficaz e proveitoso, e quanto o gosto pelas letras, artes e sciencias, se apura e promove com mais assignaladas vantagens.

Suspendemos, todavia então, o cumprimento de nossos planos por nos parecer inopportuna a occurrencia, e não preparado ainda o terreno sobre que nos cumpria operar.

Conseguimos hoje realisa-los, graças á marcha das idéas que provam a urgencia de derramar a instrucção publica; graças ao apoio valioso do chefe do Estado e de sua virtuosissima consorte, que nos honram e animam com suas augustas presenças; graças particularmente a nossos concidadãos, que em tão grande copia aqui concorrem no desejo de abrilhantar as nossas conferencias, demonstrando por este feitio que podemos contar com o seu favor, e caminhar desassombadamente.

Não ha um unico methodo de propagar os conhecimentos humanos por todas as classes da sociedade, além dos meninos e jovens aos quaes cumpre fazer prelecções apropriadas á idade, ao sexo, e ás habilitações; além dos operarios, que precisam de cursos profissionais e particulares, com que se illustrem, com que melhorem os elementos do seu trabalho, e com que progridam no desenvolvimento de seus officios e industrias; não é de menos vantagem este, que ora empregamos, de communicar nossos pensamentos em conferencias, em que se juntam pessoas mais illustradas. Da combinação das idéas, e da emulação suscitada por ellas, póde sahir o impulso necessario que dá incremento á propagação das luzes por todas as classes que formam a nossa associação.

O desejo, a aspiração, o destino, a lei das sociedades humanas, bem como dos cidadãos em particular, em

qualquer nação regular, é melhorar, progredir, moralisar-se, instruir-se, governar-se bem, gozar-se de liberdades publicas e individuaes, de garantias efficazes de seus direitos, ser feliz, aperfeiçoar-se na industria, no commercio, e em todos os ramos necessarios ao bem-estar de cada um, e ao proveito geral; enriquecer-se, engrandecer-se, civilisar-se, enfim.

As sociedades herdam principios, idéas, elementos materiaes, factos e opiniões; têm obrigação de augmentar o peculio e thesouros que receberam do passado, afim de melhorados transmitti-los aos descendentes.

Não se censura e condemna o pai de familia que estraga a fortuna legada por seus maiores em vez de accrescental-a para seus filhos? Não se critica e estigmatisa o que em vez de dar mais lustre ás tradições de sua genealogia, transmite aos posteros seu nome envergonhado?

O que cumpre portanto ás sociedades é conhecer e apreciar o seu estado e situação, comparando-os com o seu passado e com o dos outros povos, afim de, notadas as differenças, empregar todos os esforços tendentes a lucrar maiores melhoramentos, e preparar mais venturoso futuro a seus successores.

Trata-se de attingir ao maior gráo de civilisação possivel, porque a palavra — civilisação — comprehende tudo o que é melhoramento moral, intellectual e material. A civilisação não é uma idéa, um facto simples; não se refere só a luzes adquiridas nas sciencias, nas lettras, nas artes; é uma idéa, um facto complexo, multiplice, variado, que abrange todas as condições necessarias ao desenvolvimento, bem-estar e vantagens relativas, e proficuas a cada

um dos cidadãos isoladamente, e ao geral das diferentes classes ou camadas, que formam a associação.

O que se chama nação mais civilisada? É mister formar uma idéa certa e clara deste ponto para se apreciar a questão devidamente.

Será a que vive tranquilla e commodamente, paga poucos impostos, goza de boa justiça, é bem governada, mas vegeta na inercia? Não.

Será a que possui largo desenvolvimento de industria e commercio, trabalha com proveito e felicidade, goza de bens materiaes, mas não se governa com liberdades civis e politicas, não toma interesse constante e vigilante no governo, sujeitando-se ao papel de verdadeira pupilla, sem vontade e nem acção na direcção suprema da administração publica? Que não tem litteratura, artés, e nem propriamente riquezas moraes? Não.

Será a que possui grande instrucção litteraria, artistica, scientifica, mas não tem industria, commercio, fabricas, communicações? Tambem não.

Nação mais civilisada não é aquella que prima sobre as outras em uns e outros elementós que concorrem para a civilisação. É a que abrange a maior somma dos requisitos que fazem a felicidade, a gloria, a riqueza, a liberdade particular e publica, o bem-estar, a dignidade, o character, a elevação e melhora emfim de cada um e de todos os cidadãos, ainda que em varias das condições outras a excedam, posto que em geral menos civilisadas.

Quereis um exemplo? Para-mim, não tratando de nações pequenas, e só me occupando dos grandes povos, é a Inglaterra, nos nossos dias, a nação mais civilisada do globo. Não quer isto dizer que o fosse

em outras épocas historicas anteriores. Trato só do presente, e passo a adduzir as provas da minha opinião. Si tratasse tambem das pequenas nações, incluiria ao lado della a Hollanda.

A Inglaterra é inferior á França na expansão facil das idéas, privilegio puramente francez até aqui; na lingua universalmente aceita e cultivada, quasi unica e exclusiva para transmittir as idéas, embora pertencentes a outros povos, mas que ella recebe de uns para ensina-las aos outros; no solo mais rico que o de França em productos agricolas, em agricultura mais desenvolvida, em glorias ás vezes de momento, mas que offuscam, em quantidade de livros sympathicos e agradaveis, que imagina, publica, espalha, e fórma como uma litteratura sinão geral, pelo menos preponderante no mundo.

É inferior á Allemanha na cultura das sciencias abstractas e geraes, nas metaphysicas e especulativas; nos estudos e instrucção mais generalizada por todas as classes do povo; em quietação e socego de espirito, e vida intima de familia e grupos de cidades e cidadãos mais independentes.

É inferior á Italia no desenvolvimento das artes, em que a Italia sempre primou, pintura, musica, escultura, architectura, em ramos litterarios elevadamente alargados; ali estão esses museus admiraveis de quadros, esses monumentos de pedra e marmore erguidos pelo genio, e verdadeiros livros que conservam gravadas, e gravadas transmittem idéas grandiosas; terra classica de reminiscencias de gloria, que quando mesmo prostrada aos pés de pequenos tyrannos, ou curvada ao invasor estrangeiro, levantava ainda assim enthusiasmos merecidos.

Mas a Inglaterra concentra hoje todos os elementos em geral de civilisação, todas as condições intellectuaes, moraes e materiaes, que ennobrecem, enriquecem, melhoram, caracterisam um povo feliz, e cidadãos activos, industriosos, illustrados, afortunados, que por si marcham á frente do progresso, por si o promovem, ainda que cedendo a palma a um ou outro povo em certas e determinadas partes que concorrem para a civilisação. É por isso, por essa agglomeração de requisitos singulares, que eu a appellido a nação mais civilisada, a primeira nação do seculo XIX.

Notâi entretanto; até o seculo XIV a Italia era o paiz de maior somma de civilisação. Inglaterra, e essa parte da França então independente, chamada Provença, que não é só o actual departamento assim denominado, mas comprehendia então o territorio entre os Pyreneus e os Alpes; o resto de França e a Alemanha, vinham só depois della. Occupavam todavia lugar mais brilhante os povos arabes, que formaram reinos em Granada e Cordova.

No seculo XII a Inglaterra decahio, pôde-se dizer, desapareceu diante da invasão normanda. A raça saxonica foi toda convertida em escravos. O duque de Normandia, apoderando-se do solo, dividio-o por seus cabos de guerra, como elle ferozes, e baldos de todas as luzes e instrucção. Toda a propriedade foi roubada. Senhores e escravos; despotas e victimas; superstições e tyrannias; ignorancia crassa e completa de uns, pela prostração e captivo de outros; pelas desordens dos costumes, brutalidade de guerreiros obscuros e violencias a cada momento praticadas. Foi consequencia da conquista, por mais de dous seculos, a mais completa miseria e degradação.

Entretanto o Papa em Roma possuía sob seu poder temporal Estados Italianos com mais ou menos illustração e civilização sob varios aspectos, posto que sempre theocraticamente governados, e dominava os reis e os povos, como rei dos reis: as republicas italianas de Genova, Veneza, Pizza, Florença, resplandeciam com um tal qual lustre, tendo mais herdado do Oriente os thesouros litterarios e artisticos que para lá se encaminharam logo que Constantinopla foi convertida em capital dos imperadores antigos do mundo. Os Arabes em Hespanha cultivavam lettras, artes, sciencias, industria, agricultura; França e Allemanha no meio das lutas do feudalismo conservavam alguns elementos de civilização, posto que confundidos e obscuros.

Como marchou, progredio, e tornou-se a Inglaterra superior ás outras nações?

Começou por obter uma tal ou qual liberdade politica, que nem um outro povo moderno conheceu e conseguiu antes da Inglaterra. Os nobres descendentes dos Normandos obrigaram o rei João a conceder uma carta de direitos e principios de liberdade politica. Os reis e os nobres precisavam do povo, das massas mais numerosas para não perderem o que tinham ganho; d'ahi o trabalho dos reis e dos nobres em chamar a si as sympathias do povo, tratando de illustra-lo, e crear-lhe interesses proprios ligados aos seus, e misturando-se com o povo para alcançarem forças, prestigio e apoio, que elle só podia fornecer-lhes. O povo foi representado em assembléas por seus eleitos; estes a pouco e pouco se foram tornando preponderantes, juizes e arbitros na luta continuada e constante da corôa e da fidalguia: foi-se o povo assim acostumando a tomar

parte e interesse na direcção dos negocios politicos, na governação do Estado, na concessão de fundos para a guerra, para a administração, para as necessidades do governo. Dello foi tudo dependendo d'ahi por diante, e paulatina e pacificamente alcançou a conquista dos seus direitos, e aprendeu o uso e exercicio de suas forças.

Com a instrucção politica se formou a instrucção geral, e um movimento novo, extraordinario, espantoso, nasceu das doutrinas de um grande philosopho e homem de Estado. Bacon disse e proclamou — As sciencias no terreno abstracto até aqui conhecido não servem ao homem de visivel melhoramento, precisam de applicação aos misteres da vida, ao desenvolvimento da industria, á acquisição de bens e gozos materiaes. Cuidai de applicar as sciencias, de materialisa-las, por assim dizer, servindo-vos d'ellas para todos os vossos interesses, necessidades, e fortuna—.

Esta palavra, esta doutrina foi geralmente aceita. Depois da revolução politica de 1688 começou pacificamente a revolução moral, intellectual e material da Inglaterra.

A liberdade politica creou a independencia do character inglez, realçou os brios do cidadão, levantou-lhe a emulação para não só tomar parte constante e permanente na direcção dos negocios do Estado, como para tratar de illustrar-se, civilisar-se, enriquecer-se, desenvolver por si sua industria, commercio e navegação, applicando as sciencias, as letras e as artes a machinas, fabricas, inventos proveitosos, e duplicativos da força humana, e dos lucros do trabalho do homem, e do bem-estar do homem. Todos foram iguaes perante a lei; os cargos publicos, as honras se abriram

para o plebeu, para o filho do povo de talentos, de habilitações, que quizesse subir. Ahi estava a imprensa, o trabalho, os meios livres para se ir erguendo em reputação, riqueza, influencia, preponderancia, gloria. Ahi se creou a iniciativa individual que regenerou e emancipou o cidadão.

Periodicos se espalharam por toda parte, para todas as classes, para todas as fortunas; folhetos, revistas, a preços baixos, contendo noções sobre industria, commercio, agricultura, melhoramentos, profusamente diffundidos por entre o povo: liberdade completa de imprensa, escolas em todas as localidades por meio de associações, conferencias e preleções nas cidades, villas, fabricas, manufacturas, campos, tomando parte os homens profissionaes, e concorrendo os operarios para o gosto e necessidade de instrucção proveitosa, as proprias Senhoras, com sua influencia de mães, de esposas, de irmãs, com a applicação dos dotes que lhes deu a Providencia se dedicaram á propagação das luzes; e assim se organisou a applicação das sciencias, das letras, e artes liberaes ás necessidades materiaes e usuaes da vida, ao desenvolvimento das riquezas, da industria e de todos os interesses, commodos e progressos do individuo e da sociedade.

Esta foi e é uma das grandes, das maiores alavancas da grandeza, prosperidade, da civilisação de Inglaterra. As sciencias antigamente se conservavam em theorias, em principios abstractos. Platão e Aristoteles produziram bellos escriptos, phrases e discussões infinitas, mas que não utilisavam pratica e visivelmente ao homem. O objecto das sciencias não é a theoria, é a applicação. O das mathematicas, por exemplo, teria tanto valor e utilidade, si não significasse a invenção

de machinas, processos, e modos praticos de augmentar o producto do trabalho do homem, domar a natureza, tornar a vida mais segura, mais commoda e mais feliz? O da astronomia se cifraria em calculos aerios e cosmogonias poeticas, si se contentasse com saber que o sol é um milhão e quatrocentas mil vezes maior que a Terra, que esta é um planeta como Saturno e Jupiter, menor que o primeiro novecentas vezes e que o segundo mil e quatrocentas? Que as estrellas são fôcos de luz, e que esta percorre oitenta mil leguas em um minuto? O verdadeiro, o principal fim da astronomia é servir á geographia, ensinar as variações da atmospheria para serem a tempo prevenidas e aproveitadas, guiar a navegação, fixar os pontos terrestres, e dar lições applicaveis á agricultura. A zoologia e a botanica não se cultivam para suggerir systemas sobre a natureza das organizações, ou sobre engenhosas classificações, sim com mais utilidade real para conduzir a mão do cirurgião e esclarecer as previsões e diagnosticos do medico. A physica, a chimica e a mecanica o que valeriam, si não sahisses de estudos de laboratorio agradaveis e interessantes? Mas applicadas, descobrem os meios de augmentar os elementos do trabalho, os melhoramentos das officinas e fabricas, as invenções de caminhos de ferro, do fio electrico, e de tantas outras invenções admiraveis, e visivelmente uteis ao homem. A arvore da sciencia, emfim, não pôde e nem deve ser apreciada sinão pelos seus fructos, e não pela belleza da folhagem e elegancia da estrutura. A applicação das idéas produzio a diminuição da dôr, o aperfeiçoamento da cura das molestias, a prevenção de males; augmentou a liberdade natural do solo, dobrou, centuplicou as forças do homem, aproveitou

os raios do sol, os proprios effeitos da chuva, a luz que irradia da lua; roubou o raio ao céu, esclareceu as noites, estendeu a vista do homem além do espaço e dos horizontes visiveis naturalmente; accelerou o movimento; quebrou as distancias; pelo fio electrico communicou o pensamento em um minuto; fez o homem penetrar nas profundezas do mar, elevar-se aos ares, atravessar a terra e o oceano por meio do vapor, para que nem ventos, nem correntes, nem montanhas lhe oppuzessem estorvo á marcha.

Operando assim no caminho do progresso, é que a Inglaterra conseguiu attingir á maior somma de elementos de civilisação. Sua historia é a do progresso por excellencia, do movimento constante do espirito publico em todo o sentido social, politico, industrial, commercial, scientifico; marcha, marcha sempre sem abalos, sem revoluções desastrosas e atrazadoras, conquistando novas vantagens e melhoramentos. Por isso, ao passo que se foi enriquecendo sob todos os aspectos, fixando as normas de um governo livre, garantindo direitos dos cidadãos, interessando a todos na marcha dos negocios do estado, e chamando-os a decidir por si, graças á eleição livre dos seus representantes e delegados, apurando invenções mechanicas, aperfeçoando machinas, melhorando as condições de todos, dando-lhes independencia de character, brios e sentimentos de dignidade, justa apreciação do seu valor pessoal, opiniões proprias, emancipação emfim do espirito, das necessidades physicas, creando a emulação, pôde a Inglaterra, devassando os mares plantar colonias que se consideram estados poderosos, uma Republica na America da sua procedencia, que pesa já na balança do mundo, o Canadá que não quer

aceitar até a independência apesar de lh'a offerecer a metropole, a Australia que é uma grande nação! É assim que ella se tornou pacifica e ordeira no interior, respeitada e influente no estrangeiro; é assim que ella alcançou possuir estensissima copia de sabios conhecidos, de litteratos illustres, de estadistas respeitados, de artistas até, a que não pareciam os Ingleses propensos; de economistas e industrialistas que se nobilitam, e ganham os primeiros cargos; é por isso que é hoje a mestra da liberdade politica, do verdadeiro patriotismo; o deposito das riquezas e fortunas do universo, o sol em torno do qual gyra o commercio universal, a grande fabrica de todos os productos industriaes, o banco emfim do mundo civilisado.

Como se acham as outras nações modernas, inclusive as americanas, sahidas das entranhas da Europa, sob o aspecto de elementos de civilisação? O que possuem, o que desenvolvem, o que representam? Conhecidas as condições que formam o que se chama civilisação, o que todas as nações procuram, e devem procurar attingir, o que nós, particularmente Brazileiros, temos, o que nos falta, relativamente á nossa posição, aos nossos interesses, ás nossas necessidades, em comparação com as demais nações contemporaneas, quer do continente americano, que comnosco procedem da Europa conquistadora, quer da propria Europa, onde as revoluções moraes, politicas e physicas demonstram hoje quadro tão differente dos seculos passados?

Não é este um estudo proveitoso, utilissimo, digno de ser por nós tratado, desenvolvido, discutido e esclarecido?

Mas, senhores, não está o presente ligado ao passado? Não herdámos nós, Americanos, dos tempos coloniaes

idéas, factos, elementos, condições, que temos, sim, modificado, melhorado, mas que lá tiveram seu germen, e que ainda hoje influem em nossa situação? Não deixou o passado traços indelevelis, que se não podem destruir? Como saber o que somos sem saber o que fomos?

Precisamos da luz que a historia derrama para completo esclarecimento. A historia é que ha de entranhar-se nas idéas, nos elementos, nas condições do passado para que comprehendamos o presente. Seria ainda imperfeito esse exame, esse estudo, sem uma comparação proporcional relativamente ás outras nações no mesmo periodo, na mesma época, tanto as que foram colonias como metropoles, e que mudirão com o andar dos tempos. Sem essa comparação faltaria uma parte importante de luz para nosso juizo. Basta para podermos julgar a apresentação de um quadro, ou de uma estatua, uma vista do occaso do sol em tal ou tal localidade, de uma noite recamada de estrellas neste ou naquelle ponto, a leitura de um livro de poesias e de critica, a physionomia de uma belleza feminina, o aspecto de um templo ou monumento? Sem notarmos outros identicos, sem compararmos com objectos semelhantes, sem apreciarmos varios exemplares do mesmo genero e especie, com que direito poderemos exclamar — É o melhor? A historia comparada é pois o verdadeiro raio de luz, que tudo mostra patente ao espirito, á alma, ao coração e até aos sentidos physicos.

No seculo XIX, senhores, ha um cosmopolitismo que não exclue o verdadeiro patriotismo. Não ganha uma nação com as desgraças e destroços das outras. Pelo contrario, com o trabalho proficuo, emulação

e progresso de todas, é que podemos lucrar e muito, estudando-as e comparando-as comnosco, procurando não ficar atrásdos, antes tomar-lhes a dianteira, melhorando, progredindo sempre.

Cumpre-nos, portanto, instruir e educar o povo; derramar por todas as classes e camadas, em que elle se espalha e se expande, os conhecimentos scientificos, litterarios, artisticos; incitar-lhe o desejo de estudar, emular, trabalhar, desenvolver-se, e por si, com seus proprios esforços, e não esperando tudo de cima, dos governos ou da Providencia divina. Os indolentes e ociosos atizam-se e portanto se arruinam. Os trabalhadores e activos caminham, progredem e attingem á prosperidade.

A instrucção por todos os modos é excellente; é uma grande questão social, propaguemo-la nas escolas, nos lyceus, nas academias, nas sociedades, em palestras, em conferencias, em prelecções, umas destinadas aos animos tenros ou pouco cultivados, outras aos espiritos já adiantados que sempre ganham nesta luta da mutua emulação.

Eduquemos ainda o povo, infiltrando-lhe o gosto dos verdadeiros principios sociaes, politicos e moraes, para que elle conheça e aprecie os seus direitos e os saiba conservar e exercer; a instrucção sem a educação sente um grande vasio; uma e outra se dão as mãos como irmãs gêmeas, destinadas ao mesmo fim. A instrucção e a educação formam o acto pelo qual uma geração transmite á outra os thesouros do progresso moral, intellectual e material, que herdou e tem obrigação de augmentar ou desenvolver.

Todos os estudos concorrem para esse fim necessario ás nações e aos povos. As sciencias applicadas, as

letras, as artes, apuram o gosto, enriquecem a intelligencia, incitam a emulação do progresso, ensinam os deveres do trabalho.

A poesia enthusiasma ; a critica attrahe o raciocinio e aperfeiçoa o gosto do bello, do bom e do util ; a comedia agrada satyrisando os máus costumes e tendencias ; o drama commove os affectos ; o romance arrebatá o espirito descrevendo o precipicio das paixões ; a philosophia moral purifica as almas ; a pintura, a esculptura, a architectura, a musica sorriem aos sentidos physicos, e enternecem os corações ; as sciencias applicadas centuplicam o fructo do trabalho, melhoram as condições da vida, rasgam novos horizontes á industria e a historia. esse grande pharol de luz, que descreve a marcha do espirito humano, que summaria os progressos de todas as sciencias, letras e artes, que narra os factos, descobre-lhes as causas e effectos, pinta os costumes dos povos, substancia-lhes os haveres, esclarece-lhes as vidas. A historia reúne todos os referidos requisitos para se aprender e caninhariar mais prudente e proficicemente.

É por isso que o historiador precisa de ser philosopho e homem de estado, moralista e sabio, critico e poeta, artista e industrioso : não é simples narrador de factos physicos ; é o grande instrumento da pintura da vida intima do cidadão, da vida social, da vida publica, da situação completa e inteira intellectual, moral e material de um povo.

Reunindo-nos nestas palestras uteis, agradaveis e interessantes, que relevantes serviços não faremos mutuamente, trocando idéas tendentes ao melhoramento, á prosperidade, ao progresso, á civilisação do nosso bello e admiravel paiz, tão pomposa e ricamente

dado pela Providencia divina de elementos e condições para formar uma grande nação, um grande povo?

Cumpre-nos concorrer, pois, para obra tão meritoria. Príncipes, cidadãos particulares, auctoridades, sábios, litteratos, artistas, negociantes, industriaes, obreiros, operarios, ricos e pobres, carreguemos nossa pedra para a edificação do monumento, que nos convem levantar. Por minha parte, ainda que sem as habilitações de meus companheiros, por minha parte, empregarei todos os meus esforços para ir paulatinamente aqui desenvolvendo as idéas que me preoccupam o espirito. Pretendo esboçar o que fomos como Americanos para apreciar o que somos, e descobrir o que devemos fazer para o futuro. Não encontrareis em minhas palavras a pureza da linguagem, a elegancia do estylo, a eloquencia da elocução, mas deparareis zelo, boa vontade, boa fé, desejos de acertar, alguns estados serios, posto que desordenados e desmethodizados pela curteza do tempo; pelo menos ficarei contente e satisfeito, caso penseis que com razão eu possa repctir e ao mesmo tempo applicar-me o verso do grande poeta philosophico do seculo XVI:

« A minha terra amei e a minha gente. »

(Grandes e geraes applausos rebentam de todos os espectadores.)

CURSO DE HISTÓRIA

Segunda Conferencia

Comparação entre as nações europeas conquistadoras, e differença entre as instituições, sociedades e costumes que plantaram nas suas colonias americanas.

Minhas Senhoras e meus Senhores.

O assumpto de que me incumbi tratar perante este tão illustrado quanto benevolo auditorio, é um estudo a respeito do seguinte ponto historico : — O que fomos? — Isto é o que era, o que representava a sociedade americana, colonia da Europa, comparada a sua situação com as respectivas metropoles.

É vasto e importante, porque abrange todas as relações, todos os elementos, todas as condições, todos os requisitos da civilização, plantados e existentes na America de 1500 a principios de 1800, durante os tres seculos da conquista. É util, interessante e instructivo, porque na comparação entre as colonias descobriremos pontos de contacto e de dissimilhança, causas diversas e effectos varios ou identicos.

Minha primeira conferencia pôde ter sido denominada o portico que fixou as bases e proporções do edificio que pretendia levantar; desenhou-lhe os traços e a physionomia, e annunciou-lhe o proposito e destino.

Foi um estudo geral, posto que substanciado em phrases concisas, em largos traços, e penso que com toda a exactidão e verdade; em observações elevadas, procurando não esquecer nem um dos requisitos e factos grandes e expressivos, e apenas deixar na sombra os mais pequenos e insignificantes.

Não podemos apreciar o presente sem conhecer o passado; não podemos examinar o que temos e somos sem descobrir o que herdámos e o que fômos. As sociedades humanas modificam-se, transformam-se, melhoram-se, é verdade, mas guardam sempre gravados em seu scio os elementos, principios e educação dos tempos anteriores, porque o presente é continuação do passado, como o futuro será a consequencia do presente. Nas edades avançadas do homem elle lembra-se e conserva reminiscencias e costumes da juventude e da idade madura, ainda que seus habitos e idéas, suas apreciações e experiencias lhe offereçam modos diversos de encarar, julgar e praticar as cousas da vida. As sociedades não são mais que agglomerações de familias, como as familias agglomerações de homens. A lei do mesmo destino é igual e applicavel a todos.

Assim, portanto, a historia é a luz principal para abrir os olhos no meio das trevas: abrangendo todos os conhecimentos humanos, summariando a marcha e progresso da civilisação, referindo acontecimentos physicos, descortinando causas e effeitos moraes, animando o painel do passado, desenhando sob suas côres

fiéis os traços todos da sociedade encarada moral, intellectual e materialmente: a historia pôde-se appellar a sciencia — mestra.

Os antigos não a conhecêram em esphera tão elevada, sob aspecto tão nobre e tão proficuo. Possuiam uma civilisação simples, subordinada a um só principio predominante. A nossa civilisação, com o correr das idéas novas, com as necessidades não conhecidas então, é um facto complexo, multiplice; concentra elementos e condições variadas e até oppostas, principios em ebulição e em luta, vivendo ao lado uns dos outros, e um progresso de sciencias applicadas, e de conhecimentos uteis que lhe mudam os caracteristicos, a phisionomia e o espirito.

Por esta razão a historia nos tempos antigos foi elegantemente escripta, eloquentemente narrada, perfeita obra litteraria, como hoje se não faz; mas foi simples, como a civilisação da epocha, parcial e não geral, narrativa e não profunda e pratica.

Escreveu-a Cesar militarmente, Tito Livio oratoriamente, Thucydides politicamente, Xenophonte descriptivamente, Sallustio, litterariamente, Tacito moralmente. Polybio percebeu-a, adivinhou-a com caracteristicos e horizontes mais levantados. Faltou-lhe, porém, o genio para executa-la, e a epocha para proclama-la como devia ser no futuro.

Na idade media não appareceram historiadores, apenas chronistas e analysts, ainda que agradaveis e sinceros como Fernão Lopes, Commines, Ayala ou Azurara.

A reacção litteraria do seculo XVI volveu o gosto para o classico. Os estudos convergiram para Roma e Grecia. A historia partilhou-se em materias e objectos.

particulares, e dedicou-se á proclamação de systemas e crenças religiosas. Estes, como Robertson, Mariana, João de Barros, se contentavam escrevendo elegantemente, embora sem averiguação inteira e imparcial dos factos. Aquelles, como Guicciardini, Ferrera, ou Masdeu, mostraram mais escrupulo em apreciar os acontecimentos, posto que não conseguiram de todo illustra-los. Montesquien e Machiavelli convergem tudo para a politica ; Voltaire, Gibbon e Hume para sustentação da philosophia por elles proclamada ; Vico para a diyindade ; Bossuet para o catholicismo.

Todas estas historias têm sua importancia e valor. As parciaes completam quadros com suas particularidades. Mas a verdadeira historia pertence ao seculo XIX, de largos horizontes, de mescla e luta de todas as idéas e principios verdadeiramente civilisadores. A verdadeira historia é a que summaria e demonstra a marcha da civilisação em traços seguros, sem olvidar a mais pequena particularidade, que para ella concorra. Equivale ao vôo da aguia pairando sobre tudo e todos. O historiador deve pesquisar, joeirar, apurar os acontecimentos com o escrupulo do verdadeiro critico; fixar-lhes a exactidão como o mathematico; descobrir as causas e effeitos, a logica e o curso dos factos ou idéas moraes como o philosopho; estudar as crenças, as tradições, as opiniões religiosas, as superstições, as tendencias do espirito do povo como o moralista ; o progresso e applicações das sciencias e seus melhoramentos nos ramos da industria e no bem-estar das sociedades como o sabio; a indole e desenvolvimento das letras e das artes como o litterato e artista ; a importancia do commercio, industria, finanças, e repartição das riquezas como o economista; o pensamento das instituições politicas e

complementares da administração como o homem de Estado; entranhar-se no viver íntimo, nos costumes e usos particulares, nas relações da família, no estudo de suas paixões, e sentimentos, como o poeta e o romancista. Assim já Napoleão I em Santa Helena dizia que na era actual só podia escrever a historia o homem de Estado, e não mais o homem de gabinete. Escreva-se com todas estas condições, e a historia será o painel perfeito da epocha e da sociedade que se propõe desenhar ao vivo, e colorir ao natural, de modo que se perceberá o sentir, o arfar, o pensar, o desenvolver, o aspirar, o gozar, o viver do povo, o correr dos acontecimentos, o progredir das idéas.

Vou mais longe ainda. Para que se não saiba e se não conheça só o que houve, mas se possa também julgar, decidir quem mais caminhou, quem foi mais feliz, é necessario comparar. A comparação na historia dos povos em determinados periodos é um complemento indispensavel para aperfeiçoamento das obras.

Queremos descrever o que fomos? Ajuntemos neste estudo o que fôram as outras colonias americanas, na mesma época; apreciemos também o que fôram as suas respectivas metropoles.

Appliquemos estes principios á nossa these actual. A Europa descobriu a America; a Europa conquistou a America sobre seus indigenas; a Europa colonizou a America com a sua raça; a Europa dominou a America durante tres seculos. A Europa perdeu a America no fim desse periodo, pela emancipação forçada de todas as colonias, que proclamaram sua independencia civil, social e politica. Só resta ligado á metropole o Canadá, porque não quer accitar a liberdade inteira que a Inglaterra lhe offerece diariamente, mas

governa-se quasi independentemente. Só existem sob o jugo de Hespanha e outros povos algumas ilhas dispersas, fracas pela mesquinhez de seus territorios, pelo numero de seus habitantes, e algumas zonas sem quasi importancia no continente americano.

Que relações travaram os conquistadores com os indigenas, porque a America, posto que não adivinhada por Strabon e Ptolomeu, e ignorada dos Europeus até fins do seculo XV, não foi encontrada, todavia-erma de habitadores?

Que elementos de civilisação, que instituições, interesses, industria, costumes, vida, plantaram no solo, e ahi deixaram até terminar o periodo da dominação europea? Cinco fôram os povos europeus conquistadores da America: Hespanhol, Portuguez, Inglez, Hollandez, Francez. O Hespanhol descobrio e se assenhoreou de varias das provincias actuaes da grande Republica Americana do Norte, de todos os territorios e ilhas do golpho do Mexico, com excepção da provincia da Luisiania; das margens do Orinoco, da Columbia, da orla do Pacifico comprehendendo o Perú, o Chile, da Patagonia e Estreito, das terras sobre o oceano Pacifico desde o cabo de Horn até pouco ao norte do rio da Prata. Foi o proprietario maior da America. O Portuguez povoou o Brazil sobre o mar Atlantico no centro da dominação hespanhola. O Inglez contentou-se com algumas provincias que hoje formam a patria de Washington. O Hollandez apenas uma dellas, actualmente o Estado de Nova-York e uma lingua de terras no sul da America, que é a Goyanna Hollandeza, e o Francez a Luisiania, o Canadá e pequenos pontos.

Que povos encontraram esses audazes conquistadores? Uma raça de indigenas desde o norte até o sul,

que, posto differente sob um ou outro ponto de vista, parecia sahir do mesmo tronco, partilhar do mesmo typo, formar uma só nação. Havia alguma diversidade de dialectos, alguma variedade de costumes. Umhas nações mais ferozes e crueis, outras mais mansas e pacificas; estas antropophagas, aquellas guerreiras, ao lado de varias tribus que não empregavam senão a astucia e a traição: todas porém selvagens, que não tinham noções moraes, religiosas e nem sociaes, tribus espalhadas, sem habitações fixas, combatendo-se, trucidando-se sempre; vivendo da caça e da pesca, ao ar, sem vestes, segundo a natureza primitiva. Alli plantavam umas especies de casebres que duravam a estação que passada elles abandonavam. Outras nem isso, penduravam-se ás rédes onde queriam descansar, ou deitavam-se no solo expostas ás intemperies. Estas ainda confiavam á terra algumas raizes para se nutrirem, milho para prepararem bebidas alcoholicas no desejo de se embriagarem. Aquellas nem disso se entretinham, entregavam-se á sorte, ao destino.

Mas os Iroquezes, Natchez, Hurons e Sioux do norte da America, os Carabas e das Antilhas, os Muiscaes do centro, os Pitaguares, Tupinambás, Tamoyos, Caethés, e Carijós do Brazil; os Pampas e Charruas do Rio da Prata, os Guaranyes do Paraguay, os Guaycurús da Bolivia e Matto-Grosso, os Araucanios do Chile, embora em varios aspectos diversos, tinham de certo a mesma origem, descendiam da mesma familia, procediam do mesmo tronco, conservavam o mesmo typo selvagem, e bruto do homem da natureza.

Não se admirem, pois, que facil fôsse a conquista, porque os Europeus dispunham de armas de fogo, desconhecidas dos indigenas, empregavam tactica prudente

contra as ciladas e estratagemas por estes postos em pratica, animavam-se com enthusiasmos de guerreiros aventureiros, decididos a triumphar, dirigiam-se por chefes valentes e resolutos que se deixavam inspirar pelos instinctos barbaros do lucro e pelo brilho nobre da gloria. Os selvagens não podiam resistir a seus adversarios, ainda que elles muitos, e estes em pequeno numero, mas disciplinados e regularizados.

No centro desta America povoada de hordas selvagens é notavel que duas nações se encontrassem dotadas de uma tal qual civilisação, possuindo cidades, ennobrecendo-se com monumentos artisticos, gozando de instituições politicas mais ou menos regulares, de usos administrativos bastante adiantados, de letras e noções religiosas e moraes, de alguma industria, e desenvolvimento intellectual e moral. A côr de cobre da face e do corpo era a mesma de todos, mas estes dous povos se vestiam e praticavam costumes muito diversos e differentes.

Eram os Mexicanos, na sua lingua chamados Aztecas; eram igualmente os Peruanos.

O Mexico formava um imperio, com varias cidades, vias de comunicação, chefe hereditario dynastico, e instituições apropriadas aos costumes e indole dos habitadores. No centro delle havia duas republicas, ambas independentes, uma aristocratica, Tlascala, outra theocratica, Cholula. A cidade provincial de Tecuco entretinha uma academia litteraria. Pyramides com inscripções gravadas, templos, palacios, se derramavam pelo solo mexicano. A industria do algodão, da cochonilha, do papel feito de pita, do chocolate e outros objectos, se achava desenvolvida. Leis, canticos, lengendas, regulamentos, apparecêram escriptos.

O Perú guardava egualmente thesouros preciosos, ornava-se de monumentos; só as estradas de Quito a Cuzco se estendiam por centenas de milhas, e mereciam a attenção. Ambas estas duas importantes cidades enriqueciam-se com templos artisticos e jardins encantadores. Havia rei, administração, repartições publicas, legislação, proprias de um povo que possui uma tal qual civilização.

Como se desenvolvêram estes dous povos no centro de outros selvagens, e sem communicações com elles? Que phenomeno é este, digno de nosso reparo, do nosso exame?

Problema da historia. A supposição mais razoavel é que os primitivos habitantes da America pertencêram á raça dos Mexicanos e Peruanos; que provieram da Asia, porque facil era e é a communicação pelo estreito da extremidade norte; porque os hieroglyphicos do Egypto, as inscrições chinezas, os traços tartaricos se assemelhavam aos disticos symbolicos das pyramides, e dos monumentos mais ainda do Mexico que do Perú, que já algum tanto diversificavam.

Porque as raças selvagens entrando posteriormente na America, desenvolvendo-se e propagando-se mais acceleradamente, não combateriam, repelliriam, concentrariam naquelles dous pontos interiores, chamados Mexico e Perú, as raças mais adiantadas primitivas? Não se pôde crear com o raciocinio outro modo de resolver o problema. Pelo menos é o mais razoavel. Afugentadas as raças dos Aztecas e Peruanos, recolhêram-se estas aos territorios internos e ali se fortificaram, abandonando ás raças selvagens todo o resto do solo do norte ao sul da America.

O que eram os conquistadores europeus, e como

procederam em relação aos indigenas, possuidores da America, que elles descobriram e colonisaram ?

Não fallarei dos Hollandezes, que apenas encetaram a colonisação de uma pequena provincia ao norte, que logo depois da conquista foi transferida aos Inglezes, e incorporada nos dominios destes. A posse de Pernambuco e varias capitancias do Brasil, no seculo XVII, pelos Hollandezes, não durou tambem mais de trinta annos e não deixou traços. Os Portuguezes donos do solo, guerreando e resistindo sempre, conseguiram expellir no fim desse periodo os invasores; e estes, abandonando a America, se passaram para a Africa; corridos ainda de Angola pelos Portuguezes, lá se fóram aninhar na Asia, onde permanecêram e fundaram colonias importantes.

Não fallarei egualmente dos Francezes, posto que mais que os Hollandezes se demoraram na America. Occuparam a Louisiana e o Canadá. Mas a historia nos diz que os Francezes não conseguiram jamais possuir e praticar verdadeiras qualidades de colonisadores. A Argelia dos nossos dias precisa ainda do despotismo militar, não descansa nas lutas com os Mouros do deserto africano, e offerece difficuldades que se não poderam ainda vencer para a colonisação. Os Francezes, posto que deixassem na America vestigios de seu dominio, familias e raça franceza, tiveram de ceder pela força, ou por meio de pactos amigaveis, o solo que possuiam, antes que este estivesse preparado para a emancipação politica e inteira independencia da Europa. Menos tempo se conservaram no Maranhão, que conquistaram no correr do seculo XVII, restituindo-o logo aos Portuguezes, a quem tentaram arranca-lo.

Tratarei pois, e só de Inglezes, Hespanhoes e Portuguezes, por quanto conservaram suas colonias até a independencia; e que unicos deixaram nações novas sahidas de suas entranhas e da sua raça; e podem assim admirar nos seus descendentes da America as qualidades que elles lhes legaram, os novos povos que produziram, e que são hoje seus irmãos na lingua, na origem, nos costumes e nas tendencias.

Os Inglezes já possuíam algumas instituições livres no seculo XVI; a grande carta do rei João, a reunião da casa dos communs, representando o povo, a camara dos lords, exclusiva da nobreza, municipalidades e juizes locais, pela maior parte de eleição popular, a descentralisação administrativa. Os Inglezes, entrando na America, não quizeram relações com os indigenas, combateram-nos, repelliram-nos para os desertos interiores; o que pretenderam foi apoderar-se do solo, e crear povoações e sociedades. Eram seitas religiosas pela maior parte que se expatriavam para esse fim, aspirando formar povoações novas, ongo do influxo da metropole. Contentaram-se os Inglezes com obrigar os indigenas a lhes abandonarem o solo preciso para habitarem e cultivarem.

Os Hespanhoes eram os filhos e descendentes dos Godos avassallados e derrotados pelos Arabes, aninhados em Cavadonga para escaparem ao jugo dos adoradores de Mahomet, e que de seus escondrijos do norte não tardavam muito tempo em sahir para combater os Arabes e Mouros, que se haviam da Africa transplantado para Hespanha, foi sendo seu intento restaurar sua autonomia e sua religião. Guerreiros sempre, não se passou seculo, anno, mez, nem quasi dia, sem lutas sangrentas, sem derrotas ou victorias. Oito seculos

batalharam Godos e Arabes: o odio passou de pais a filhos, de filhos aos descendentes. O odio persistio sempre no coração, mesmo depois que sob Fernando e Isabel conquistaram os Godos o ultimo reducto possuido pelos Arabes na Hespanha, a pittoresca e poetica cidade de Granada, os seus campos fertéis, e montanhas encantadoras, e o seu solo admiravel até o mar, que bafejava com sorrisos de amor a voluptuosa cidade de Malaga. O odio continuou contra Mouros, estendeu-se aos Judeos, subio de intensidade contra todos quantos não eram catholicos. A religião foi o estandarte que animou os Hespanhoes, conservou-lhes as paixões e os instinctos, e dirigio-lhes o pensamento. A religião unio-se á politica, governou, dominou a politica. O povo tornou-se excessivamente fanatico, attribuia seus triumphos á sua religião, pensava que o maior serviço á crença, aliás doce e misericordiosa prégada por Jesus Christo, era derramar o sangue e fazer desaparecer do numero dos viventes da terra quantos não professavam obediencia cega ao santissimo papa de Roma e ao clero que se lhe subordinava.

Os Hespanhoes, eivados desse patriotismo ardente, e desse fanatismo religioso, condemnaveis pelos seus excessos e exagerações, comquanto moderados constituissem nobres virtudes, tomando conta do solo americano, entenderam conveniente dar cabo da raça conquistada que não era catholica, apostolica, romana. Trucidaram em combates, trucidaram na paz, trucidaram sem acharem resistencia nas victimas, de sangue frio, e com inaudita crueldade, os indigenas que apanhavam ás mãos ou descobriam com os olhos. Nem os Peruanos e Mexicanos, apezar de lhes offerecerem

cidadas e riquezas, escaparam á sentença de condemnação, quanto mais os miseraveis Caraibas e outras tribus selvagens. O proprio Fernando Cortez, tão cavalheiro, tornou-se perseguidor e cruel com os vencidos. Para isso a espingarda, a espada, os cadafalsos, os cães de fila, nada pouparam os Hespanhoes de Fernando e Isabel, de Carlos V e de Philippe II. As raças americanas foram condemnadas ao exterminio. Las Casas, missionario hespanhol, descreve e pinta com horror e indignação as matanças de Bernardo Velazco e de Bovadilha, as hediondas matanças dos indigenas, que poupados mesmo nos primeiros dias, eram ou mortos pouco depois, mettidos nos trabalhos das minas que os conquistadores descobriram até perderem a vida, ou carregados de pesos tão arduos, que a morte se tornava sua unica salvação e seu verdadeiro allivio. A violencia formava o fundo do caracter do conquistador, a violencia guardou-se e conservou-se nos seus descendentes, que lutaram sempre já contra indigenas, já contra si proprios, como os Pizarros e Almagros, confundindo-se no sangue e no sentimento a altivez nacional e a altivez religiosa, e arrastando-se uns aos outros ao patibulo e á morte.

Os Portuguezes, industriosos e tão moralizados como os Inglezes, posto que não orgulhosos de sua terra e do seu sangue, nem fanaticos como os Hespanhoes sim aventureiros, mercadores e levados pela ambição das riquezas, os Portuguezes fundaram suas colonias e trataram de captivar os indigenas para o seu serviço. O governo estabeleceu missões de catechese, afim de chamar á vida social e á religião tantas almas selvagens; nas proprias missões iam os Portuguezes buscar indigenas para escravisa-los, e fazer delles

sua propriedade. Não os perseguiram, não os trucidaram, não os afugentaram para longe, para o seio das brenhas e dos ermos, como os outros conquistadores; mas olharam para a raça vencida como para instrumentos escravos de que deviam tirar todos os proveitos.

Cada uma colonia tornou-se por este feitio a imagem do seu fundador.

Os Ingleses introduziram nas suas possessões instituições de governo proprio e local, descentralisação administrativa; permittiram que se reunissem os povos em assembléas, elegessem seus magistrados e autoridades. Satisfiz-se a metropole com um agente superior que a representasse nos seus interesses economicos e politicos.

Os Hespanhoes fundaram a tyrannia militar e a supremacia theocratica: a patria, o governo, a religião estavam reunidos em um só pensamento: religião e politica viviam consorciadas: a orthodoxia era virtude civil: o clero estreitava sua acção com as autoridades temporaes para, ligados, viverem e dirigirem a sociedade. A Hespanha passou tribunaes de Santo Officio para as colonias, concedeu privilegios extraordinarios ao clero, cedeu aos Jesuitas uma provincia, afim de a educarem e governarem, porque só continha indigenas: refiro-me ao Paraguay.

Os Portuguezes crearam o governo absoluto civil, posto que ao principio feudal, dividido o Brazil em doze donatarias dadas de presente a dez fidalgos felizes ou predilectos: não podendo elles manter-se, chamou a corôa a si os feudos, indemnizando-os; estabeleceu governadores e capitães generaes, simples

governadores, e capitães-môres de capitánias, verdadeiros regulos. Guardava a legislação a theoria da limitação dos poderes e autoridade dos delegados; eram estes sujeitos á residencia ao deixarem o governo e ao abandonarem a colonia, isto é, a uma devassa aberta pelos ouvidores, chamados os povos a deporem sobre seus actos e feitos para ser presente á corôa; dava a legislação certos privilegios de camaras de termos e villas; mas a pratica nullificava todas estas providencias; o governador era tudo, curvava camaras, magistratura e povos; desprezava a residencia e devassa que se fizessem, certo da impunidade. O Portuguez não quiz, porém, o Santo Officio no Brazil, admittio apenas delegados d'elle para prenderem, processarem os denunciados de Judéos ou sectarios de outra religião que não fosse a catholica, e os remetterem para os tribunaes da metropole. O governo portuguez tratou sempre de cohibir immixção do clero nos negocios temporaneos, dando ordem para se refrear seus abusos; censurou bispos, e desfez-lhes actos praticados; não consentio conventos com privilegios; mandou até levantar civilmente excommunhões injustas lançadas pelo clero; admittio recurso á corôa de todas as decisões dos bispos, que offendessem interesses dos subditos. É que o Portuguez não era fanatico, posto que fosse religioso; embora o rei frade D. João V considerasse Roma como o céu, e de Roma esperasse a salvação temporal e espirital, os poetas zombeteavam de frades e padres, os litteratos os criticavam francamente, o povo acompanhava com motejos e risotas os episodios que ridicularisavam os representantes da Igreja, separando o pessoal do espirital. Os Portuguezes admittiram

as missões de catechese, em que primaram os primeiros Jesuitas, e se cobriram de benções, arriscando-se no meio das brenhas na salvação dos selvagens, com perigo de vida, e morte ingloria. Não permittiram, porém, nunca que a Igreja dominasse o Estado: devia viver a seu lado, concorrendo para seu bem, mas dentro do circulo de suas attribuições espirituaes, que já bem largo se tornára com a adopção das doutrinas do concilio de Trento, admittido na monarchia portugueza, porque ficou o clero senhor dos registos de nascimentos e mortes, juiz e executor dos casamentos e de todas as questões suscitadas de divorcio.

Os Inglezes estabeleceram liberdade de commercio e de industria, sem o menor receio de concorrência de outros povos nas suas colonias; o Hespanhol e Portuguez fecharam os portos das suas possessões a todos os navios estrangeiros, a todos os outros povos; crearam até estancos, companhias privilegiadas para o commercio e navegação de certas mercancias e localidades; regulamentaram a vida mercantil, como a civil se achava manietada. O que os Hespanhoes procuravam eram riquezas, prata das minas, cargas preciosas e galeões, em frota e disciplinados: os Portuguezes ao principio o assucar que elles acclimaram, passando a canna da Madeira para o Brazil, o Páu Brazil que era producto de preço, o algodão; depois o ouro e os diamantes que a corôa monopolizou: por todas as colonias hespanholas e portuguezas privilegios, monopolios. Os Portuguezes, ao principio, preferindo as Indias ao Brazil, prohibiram plantar-se na sua America arvores asiaticas para não concorrerem com as de suas possessões no oriente; depois de 1640, restaurada sua independência curvada na Europa durante sessenta annos

ao jugo castelhano, vendo-se sem colonias na Asia, roubadas pelos Inglezes e Hollandezes em seu captivoiro, permittiram então que no Brazil se cultivassem especiarias asiaticas, não porém ainda as européas por que podiam fazer mal ás de Portugal. Os Portuguezes obrigaram até a fecharem-se as fabricas de ourives, que começaram a fundar-se no Rio de Janeiro no seculo XVIII, por que se receiaram de que predominassem sobre as de Lisboa e Porto. Não consentiram Hespanhoes e Portuguezes que seus proprios navios navegassem livres e sempre, e só em certas estações do anno, e em comboios e frotas. Navios estrangeiros de commercio ou de guerra que por arribada forçada procurassem refugio em portos coloniaes de Hespanha e Portugal, collocavam-se sob vigia; tripolação e passageiros só desembarcavam acompanhados de tropas e policia para se não communicarem com os habitadores da terra, e os não contaminarem com os maos exemplos e doutrinas perniciosas.

Os Inglezes, concedendo direitos e garantias civis e politicas fundaram o *self government* nas colonias; cada uma dellas teve suas assembléas, nomeava seus magistrados, votava seus impostos, desenvolvia sua civilização por si e independente do governo metropolitano. Assim os colonisadores inglezes fundaram escolas em larga escala, levantaram templos e egrojas para suas ceitas, estabeleceram typographias para publicar suas obras. A religião não se unio ao Estado; foi livre, e costeada à custa dos seus fieis e sectarios, cada um segundo as crenças que professava. Nos primeiros annos do seculo XVIII, nas varias colonias americanas inglezas não menos de vinte e sete periodicos e gazetas se publicavam, além de folhetos e livros.

Os Portuguezes e Hespanhoes não admittiram nos subditos senão obediencia cega ás auctoridades; as queixas dos moradores só nas metropoles podiam encontrar remedio, que se lhes não dava, ou tão tardiamente quando de clamorosa justiça, que já não aliviava os males e soffrimentos dos offendidos. Tudo, todo o poder, todas as attribuições, toda a acção, todo a vida collectiva ou individual, dependia nas colonias portuguezas dos governadores e capitães generaes, e nas hespanholas dos vice-reis e do clero. Religião, uma só, a catholica e apostolica romana, e o que não fosse orthodoxo na fé era perseguido; prohibidas todas as mais crenças. Religião ligada ao Estado, sustentada pelo Estado, e pertencente ao Estado. Imprensa, isso era crime de lesa magestade; era um instrumento de perigo, anarchia, calamidades, depravação dos costumes e das boas praticas politicas e religiosas. Nunca um periodico se publicou nas colonias hespanholas e portuguezas sob o dominio metropolitano, nunca uma typographia foi consentida. Ousaram os moradores do Rio de Janeiro, sob o paternal governo de Gomes Freire de Andrade, no seculo XVIII, fundar uma typographia para publicar memorias uteis, e sessões de academias litterarias; a côrte de Lisboa, apenas chegou-lhe a noticia de tão hediondo feito, mandou-a incontinentemente destruir, e prohibio que se repetisse factio no seu parecer tão escandaloso.

Nas colonias hespanholas multiplicaram-se as ordens monasticas religiosas; no Brazil só se consentiram algumas, e subordinadas ao civil em parte, e destinadas ao ensino publico da mocidade e á catechese dos indigenas. Escolas de primeiras letras poucas no Brazil, quer publicas, quer particulares e só nas grandes cidades e

alguns povoados importantes; nas colonias hespanholas maior numero, mais derramadas, porém quasi todas do governo e sob o magisterio de religiosos. Instrucção secundaria bastava em umas e outras colonias a dos conventos, afóra a de algumas aulas publicas de latin, rhetorica, logica e grego. Ensino superior Hespanha plantára em quatro universidades, Santa Fé, Lima, Santiago e Quito, dedicado todavia mais ás sciencias theologicas e aos estudos canonicos, que aos civis, porque estes se subordinavam áquelles. Portugal possuia a universidade de Ccimbra, para que dar instrucção superior aos colonos? Dirigissem-se os jovens que pretendiam instruir-se, á metropole, e ali bebessem as noções necessarias dos conhecimentos humanos.

Deste conjuncto de factos resultou um que merece especial e notavel menção. Durante o jugo colonial, os dominios inglezes esclareceram-se com estudos profissionaes, e desenvolveram-se em industria, riquezas, commercio e commodos da vida; praticaram actos de Estados livres, governaram-se bem, mas não produziram um homem notavel americano nas letras, nas sciencias, nas artes. Não admira que das artes não entendesse o colono americano. Nunca o gosto das artes foi ahi introduzido pelas respectivas metropoles. Nem a estatuaría, nem a pintura. A musica era geral e não formava profissão que elevasse ou excitasse o genio. A architectura cifrou-se em templos e casas sem o menor gosto de construcção, sem a menor belleza das formas: monumentos apenas toscos, e copias estragadas de outros mediocres. Os colonos inglezes devotavam se quasi exclusivamente ao progresso e desenvolvimento das riquezas pela industria, commercio e navegação.

A intelligencia toda applicavam aos negocios politicos locais, ao governo proprio.

As colonias hespanholas deram vida a alguns theologos e chronistas de valor; mas a um só poeta que se celebrizou, em Hespanha, para onde se transferira, frade, mas frade de talento e engenho, Ruiz Alarcon, autor de dramas de grande merito e de merecida reputação, occupando lugar proeminente após Calderon e Lopo da Vega.

O Brazil brilhou, fulgurou sob este ponto, mais que seus conterraneos. Muitos colonos nascidos no Brazil iam estudar á metropole, porque na terra natal não se permittiam estudos serios, litterarios ou scientificos. Grande parte por lá se ficava, e confundia-se na sociedade portugueza, e então alguns ganharam nome, fama, logo no seculo XVII, como Angelo dos Reis e Antonio de Sá na oratoria sagrada, Rocha Pitta como escriptor litterario mais que como historiador, posto que escrevesse uma historia, Gregorio de Mattos como poeta satyrico; estes dous domiciliaram depois no Brazil, onde escreveram suas composições, que remetteram para Lisboa afim de serem lá publicadas. No seculo XVIII foi berço o Brazil de excellentes poetas: José Basilio da Gama e Santa Rita Durão, notaveis não pelo genio creador, mas pela melodia do metro, e mais ainda porque fôram os primeiros que cantaram feitos americanos, lutas, usos e costumes de Americanos, amores americanos, heroínas e heroes americanos, o que foi assumpto original, e incitou depois o exemplo em outros escriptores. O padre Souza Caldas, oh! esse foi verdadeiro genio lyrico. Não ha nas suas composições placidez oratoria, compassando a locução, apurando a rima, sopesando a

phrases
o arro
creado
terrive
de cost
de Co
Ramos
desenv
veis A
loso; e
Coutin
lomeu
verdad
xandre
plana.
plausi
navam
ropa,
seguia
os hoz
o espir
differe
atmos
Shaks
lidas c
são m
um fo
um m
Em
virtud
coraçã
tres po
que ell

phrase, jocirando o vocabulo; mas transluz o impeto, o arrobo, o enthusiasmo, a audacia que formam o genio creador do poeta. Antonio José da Silva, victima da terrivel inquisição, igualou Gil Vicente na comedia de costumes. Alli trabalham na reforma da universidade de Coimbra os talentos robustos de João Pereira Ramos, e seu irmão o bispo Francisco de Lemos; lá desenvolvem conhecimentos scientificos novos e notaveis Alexandre Rodrigues Ferreira e Conceição Velloso; economicos e politicos o bispo d'Elvas Azeredo Coutinho; lá descobre os balões aerostaticos Bartholomeu Gusmão, e serve como escriptão da puridade, verdadeiro ministro de Estado de D. João V, Alexandre de Gusmão, intelligencia politica de primeira plana. A razão desta differença anormal procede com plausibilidade de que os colonos portuguezes se tornavam europeus, estudando e domiciliando na Europa, enquanto que os hespanhoes e inglezes não seguiam a mesma marcha, porque todos os climas, todos os horizontes animam, vivificam, apuram, incitam o espirito, posto que por vias diversas, sob impressões differentes, com formas especiaes e particulares: as atmosferas frias e sombrias produzem os Miltons e Shakspeares tristonhos e philosophos; as regiões calidas do meio dia podem dar vida a um Dante, mas são mais abundantes de um Camões cavalheiroso, de um folgazão Ariosto, de um sarcastico Cervantes, de um melodico Garção, ou harmonioso Gonzaga.

Em costumes, nas relações intimas da familia, nas virtudes domesticas, nas idéas civis, nas tendencias do coração, do espirito, d'alma, que differenças entre os tres povos conquistadores, que diversida le nas colonias que elles fundaram e desenvolveram na America?

Os Ingleses entregavam-se mais aos melhoramentos materiaes, aos gozos da vida, á prosperidade individual, que é origem e desenvolvimento da do Estado. Educação, davam-na para este fim; o amor ao trabalho, a dignidade do character, a independencia do homem, a espontaneidade do progresso, a liberdade propria para marchar e inventar, sem depender do governo, sem nada esperar do governo. A mulher considerou-se egual ao homem, semelhante ao homem para o trabalho, para o progresso, para as luzes, para a influencia social. A mulher foi instruida e educada para ser professora, directora da manufactura e da escripturação, iniciada nos negocios, participante e influente delles, como si fóra o proprio homem. A mulher ganhou liberdades e pôde por si desenvolver-se, pesar na familia, na sociedade, nas especulações mercantis, e valer por si. A tendencia de todos os espiritos foi guardar e desenvolver os bens que possuíam, os direitos e garantias asseguradas, não cedendo o menor delles quaesquer que fôsem os sacrificios a que se expôzessem.

Os Hespanhoes em lutas constantes pelas ambições do predomínio, curvados todavia ao elemento theocratico, arrastados pelo fanatismo religioso, empregando sempre meios de força e violencia, ardendo em ciúmes contra estrangeiros, orgulhando-se de sua origem, de sua historia, de seus triumphos contra Francezes, Allemães, Italianos, Arabes, Mouros, Gentios americanos, plantavam uma sociedade patriotica, mas em excesso, que a compromettia, religiosa, mas exagerada que a fanatisava, pervertendo as aspirações nobres. A Providencia tomava parte e exercia influxo em todas as acções e actos da vida intima e publica.

A mulh
dades; c
enfeito d
licia de
substitu
e illustr
vremen

Os P
tuados a
vam, el
dos seus
ticas tra
superior
narcha
nos ma
guezes
narchist
aos que
dores e
esposa,
casa, era
não per
milia; s
de cerm
e pratic
recebim
panhola
senão a
quando
frestas d
baram o
nos, nes
já egual

A mulher não foi a companheira das dôres e das felicidades; converteu-se em uma especie de symbolo para enfeite da existencia, para alma dos saráus, para delicia dos sentidos, e não podia egualar-se ao homem, substituir e ajudar o homem no trabalho, educar-se e illustrar-se para valer por si e por si marchar livremente.

Os Portuguezes, obedientes ao seu governo, habituados a seguir e executar o que as autoridades mandavam, elevando a culto a dedicação á corôa e á dynastia dos seus reis, que a revolução de 1640 orlára de patrióticas tradições, acostumavam-se a soffrer tudo dos seus superiores, a não adiantar-se por si, a esperar do monarcha e seus delegados a palavra que os guiasse, nos mais pequenos negocios intimos até; os portuguezes colonos foram religiosos sem fanatismo, monarchistas extremados, subservientes por essa razão aos que fallavam em nome da magestade, trabalhadores e moralizados. Mas a mulher, para elles, era a esposa, a mãe de filhos, a governadora domestica da casa, era só a companheira para o interior da familia: não permittiam os costumes, folguedos senão em familia; sahidas de casa senão para algumas visitas de cermeonia, e ir ás igrejas fazer oração, ouvir missas e praticar os actos religiosos. Na propria casa, nos recebimentos de visita, a Ingleza dava ordens, a Hespanhola recreava, mas a Portugueza não apparecia senão a pessoas do seu sexo; homens que se mostrassem quando muito a curiosidade as levava a espiar pelas frestas da porta cerrada quem eram, e por que perturbaram o socego domestico. Eu já sou adiantado em annos, neste notavel recinto, como eu, vejo pessoas que já egualmente caminham para a sepultura, não somos

desse tempo ainda, não assistimos a espectaculos identicos ?

Eis aqui, senhores, uma parte do quadro largamente esboçada, mas exacta e verdadeira nos seus traços e figuras, do que fomos como colonos, do que foram os colonos inglezes e hespanhoes durante os seculos XVI, XVII e XVIII do jugo metropolitano.

Qual foi a consequencia ?

Será de certo um estudo curioso e instructivo, que virá a seu tempo. Contentar-me-hei, porém, hoje, com atirar algumas observações geraes.

Estes colonos americanos emanciparam-se por si da Europa, e crearam novas e independentes nacionalidades.

Foi o primeiro o colono inglez. Não brigou com a metropole por causas politicas. Era já livre, cada uma provincia formava como que um estado independente, educada no gozo de liberdades privadas e politicas, de assembléas deliberantes proprias, e de governo local quasi que exclusivo seu. Procedeu a desintelligencia de um acto do parlamento britannico, decretando impostos novos na colonia. A colonia declarou que só ella o podia fazer, e não o parlamento britannico. Dahi a luta, dahi a proclamação da independencia. Do estado colonial ao de emancipação não houve mudança senão na união de todas as provincias sob a fórmula federal. Adoptaram uma constituição politica geral para formar um só Estado. Mas cada uma provincia chamou-se tambem Estado e guardou direitos de se governar em tudo que era exclusivo seu. A republica foi a instituição necessaria desta independencia, desta revolução, porque a republica como que

já ex
não

Nc
tica,
fez-se
tada
péas,
ambi
necer
giou-
home
traze.

Ac
vida.

estav:

Brazi

portu.

trato

e nem

sidade

fausto

officia

e am

parec

altam

indep

sivel

O E

guez

restav

Qu

dos E

D. M

já existia de facto em cada uma das provincias. Outra não podia ser alli a fôrma de governo.

No Brazil, pôde-se dizer que a independencia politica, a emancipação do povo, a nacionalidade nova, fez-se em 1808, desde que a côrte portugueza, assustada com a invasão franceza nas suas possessões europeas, com a sorte que lhe estava reservada pela ambição do guerreiro da Corsega, no caso de permanecer em Portugal, abandonou o solo europeu, refugiou-se no Brazil com grande parte da nobreza e dos homens ricos, e com os thesouros que pôde comsigo trazer.

Ao chegar ao Brazil eram-lhe precisos meios de vida. Portugal avassallára-se á França: seus portos estavam interceptados pelas esquadras inglezas. O Brazil só restava á côrte, á casa real, ao governo portuguez. O Brazil tinha sido sequestrado do contrato do mundo, a continuar, nada poderia vender e nem comprar, nada poderia render para as necessidades crescentes e maiores da administração, e o fausto indispensavel da côrte. Abriram-se, portanto, officialmente os portos do Brazil ás nações estrangeiras e amigas. Esta emancipação, que á primeira vista parece apenas civil, economica, administrativa, foi altamente politica e social. Esta emancipação foi a independencia do Brazil de facto. Não era mais possível desfaze-la.

O Brazil tornou-se logo séde da monarchia portugueza, e metropole dos Estados da India e Africa que restavam ainda á corôa da casa de Bragança.

Quando dous annos depois Portugal se vio livre dos Francezes, e foi restituído á corôa e governo do D. Maria I e de D. João VI, Portugal converteu-se,

seu turno, em colonia do Brazil. O Principe Regente não se quizera transferir para lá, voltar á sua antiga capital. Portugal governou-se até 1821 por delegados nomeados por D. João VI no Rio de Janeiro, como até 1808 o Brazil se governava por delegados nomeados em Lisboa: só por causa de uma revolução em Portugal, a do Porto, de 1820, é que violentado el-rei deixou o Brazil e volveu a Portugal; o Brazil, pôde-se dizer, estava independente: mais se affirmou este facto com ficar o principe real D. Pedro no governo do Brazil. As côrtes de Lisboa quizeram arrancar o governo do Brazil ao principe reduzindo o Brazil á situação colonial. Era tarde. O principe e o Brazil ligaram-se, de direito proclamou-se a independencia inteira e fundou-se um Imperio.

Deve-se a este facto a salvação do Brazil, a sua união em um só todo compacto, formando um só Estado; o povo por si, pela educação que recebera, pelas suas tendencias, não seria unanime e portanto habilitado para fazer logo a independencia, para um levantamento contra seu rei, e o povo não o ousaria: mas D. João VI fez dar o primeiro passo; D. Pedro I, que nos primeiros tempos é para nós um principe magnanimo e merecedor de todas as gratidões, apressou a independencia com ligar sua sorte, sua vida, seus destinos á sorte, á vida aos destinos do Brazil. A historia deve ser sempre justa! O Brazil continuou, pelos seus habitos e sentimentos, a ser monarchico, admittindo, todavia, as idéas liberaes do tempo. Senhores, a liberdade moderna é resultado da razão, não o producto artificial de instituições imaginadas no gabinete, e decretadas pelos congressos. Pôde-se

hoje
giosu,
de re
Ha m
não c
ticam

Nas
cipaçã
hespa

José
d'ahi
e suas
taram

parte
e o q
exemp
juntas
ninsul

D. Fe
procee

Qua
Bonap
era ta
idéas
lhadas
as col

Dan
sangre
Hespa
indep
da vic
cidos

hoje gozar de tanta liberdade politica, social, religiosa, civil, sob uma monarchia com as constituições de regimen parlamentar, como sob uma republica. Ha mesmo grande numero de republicas em que se não conhecem liberdades algumas, governadas despoticamente pelo capricho ou pela espada.

Nas colonias hespanholas o movimento da emancipação partio egualmente da occupação do solo hespanhol pelos Francezes, sob o reinado intruso de José Napoleão, e a suspensão de communicações que d'ahi resultaram entre Hespanha em poder dos Gallos e suas colonias, porque as armadas inglezas lh'as cortaram de todo, bloqueando os Inglezes por toda a parte aos Francezes: o que fizeram os Americanos, e o que não podiam deixar de fazer. Seguiram o exemplo da metropole, elegeram revolucionariamente juntas governativas; como os Hespanhoes na peninsula, quando não tiveram seu rei D. Carlos ou D. Fernando, e nem sua cõrte, prisioneiros em França procederam os Americanos.

Quando Fernando VII, pela retirada de José Bonaparte, volveu á Hespanha e empunhou o sceptro, era tarde já para governar as colonias americanas. As idéas de independencia estavam por demais espalhadas com o exercicio de governo proprio e local que as colonias haviam adoptado.

Dahi se suscitaram guerras, lutas prolongadas, sangrentas, barbaras, entre Hespanhoes da Europa e Hespanhoes da America. Proclamou-se por fim a independencia total das colonias hespanholas. Mas da violencia e crueldade da luta, dos costumes endurecidos por ellas, da educação severa dos caracteres

resultou que, expulsos da America os Hespanhoes, brigaram entre os independentes com a mesma barbaria, como o haviam feito os Hespanhoes entre si depois da conquista e massacres dos indigenas, no seculo XVI.

Os vice-reinados coloniaes hespanhoes retalharam-se em pequenas republicas ou Estados com esse nome, posto que de facto governados despotica e militarmente. Nem uma peça conservou-se e transmittio-se inteiriça, em quanto que todo o Brazil formou um só imperio, e as colonias inglezas emancipadas, antes separadas, se uniram todas em uma federação e constituiram um só Estado. Os Americanos inglezes já tinham liberdades republicanas e se organizaram em republica. Os Americanos portuguezes começaram sua independencia de facto sob o regimen monarchico absoluto, mas proclamaram de direito a emancipação, e depois formaram um imperio, e mudando o regimen absoluto por um constitucional, liberal e parlamentar. Os Americanos hespanhoes passaram do jugo militar da metropole para o jugo militar dos proprios Americanos, posto que creassem Estados denominados republicanos, e todos os dias publicassem e decretassem constituições escriptas, que uma revolução desfazia e annullava logo depois.

Ahi está a logica dos acontecimentos.

As idéas marcham, o progresso, a civilização é a lei da humanidade. É nosso dever applicar todos os nossos cuidados, esforços e zelo para, marchando cada vez mais na estrada que se nos abriu, desenvolvendo com mais amor e força os elementos de grandeza que adquirimos, illustrando e educando mais primorosamente nossos coevos, deixar a nossos filhos uma

patria mais rica e civilisada do que recebemos dos nossos pais, porque nos caberá gloria incontestavel em praticar tudo quanto possa concorrer para fazer nossos filhos [mais felizes e melhores do que nós, transmitindo-lhes] tradições honrosas, moraes e intellectuaes, e copia extensa e notavel de beneficios materiaes.

(Muitos e geraes applausos do auditorio)

CURSO DE HISTORIA

Terceira Conferencia

Continuação do mesmo assumpto, e feição particular das letras, sciencias e artes. Diferença entre as varias colonias americanas.

Minhas senhoras e senhores.

Já tive a honra de descrever perante este distincto auditorio uma face da situação geral da civilização plantada e desenvolvida nas colonias americanas pelas suas respectivas metropoles europeas durante o tempo de seu dominio, nos seculos XVI, XVII e XVIII. Os elementos, condições e requisitos, que formam o estado e marcha da civilização, mostraram-vos, evidenciaram-vos as tendencias sociaes e politicas dos povos conquistadores sob o ponto de vista mais geral, abrangendo todas as sociedades existentes e por elles estabelecidas no solo americano.

Missão, não differente, mas particular todavia, trouxe-me hoje de novo á tribuna. Proponho-me desenhar outra face especial das colonias, comparando-as ainda

entre si, e em relação as suas metropoles dominadoras. Pretendo historiar a situação e marcha das luzes, isto é, das sciencias, das letras e das artes, abstrahindo-as dos outros elementos, que conjunctamente com ellas constituem o que propriamente se intitula civilização.

Uma observação convem, antes de mais nada, offerrecer a vosso erudito criterio. Quando se diz progresso de luzes, a idéa correspondente é derramamento de instrucção publica. Muitas vezes, todavia, nota-se que uma nação possui o beneficio de uma instrucção primaria generalizada por quasi todos os seus membros, e entretanto não produz talentos, capacidades, homens notaveis nas sciencias, nas artes, nas letras; estas se acham em grande atrazo, quando aquella é quasi universal; o povo sabe em geral ler, escrever e contar; mas não se descobre instrucção secundaria ou superior na massa dos cidadãos.

É que então não ha mais que um trabalho, por assim dizer, meccanico, que não aproveita tanto quanto fóra de desejar. Temos um exemplo no Paraguay, particularmente durante o periodo da dominação dos padres da Companhia de Jesus. Os missionarios governadores propagavam o ensino primario, tornando-o effectivo e obrigatorio. Pararam, porém, ahi, e não alimentavam mais succulentamente os povos que dirigiam, por assim lhes convir aos interesses.

Ao inverso egualmente, demonstra-se que nações ha, onde grande parte, maioria notavel da população não sabe ler, particularmente nos campos, pela difficuldade de praticar-se e propagar-se o ensino. Dahi as tentativas do nosso tempo de estabelecer a instrucção

primaria obrigatoria, o que se não tem podido generalisar em toda parte, pelos estorvos e condições inherentes ao solo, aos costumes, ás distancias de moradores entre si, e por muitas outras circumstancias especiaes. Todavia estas nações têm gozado de grande desenvolvimento de luzes, nas sciencias, nas artes, nas letras; têm-se gloriado com filhos illustres, com talentos primorosos, com genios esplendidos, que são a honra da patria e do seculo. Fructos proveitosos adquirem-se de preferencia pela espontaneidade e esforços individuaes a trabalhos e exigencias de governos.

Um exemplo ahi se depara na França, berço de tantas celebridades scientificas, litterarias e artisticas, mesmo na época actual, brilhando sempre e fulgurando como paiz predilecto das luzes: ahi se encontra tambem em Italia e em Portugal, onde a instrucção primaria esteve sempre desprezada, e que se tem illustrado na historia com grande copia de jurisconsultos, philosophos, theologos, litteratos, poetas, historiadores, naturalistas, politicos, navegantes e eloquentes escriptores.

É que não basta que todo o povo saiba ler, escrever e contar; torna-se mister, para se obterem fructos mais proveitosos, que depois se espalhe por entre elle o gosto do aperfeiçoamento intellectual, ministrando-lhe livros, folhetos, gazetas, opusculos apropriados ás edades, aos sexos, ás profissões, abrindo-lhe escolas mais instructivas, formando associações que o incitem a comparecer em cursos e conferencias publicas, e ouvir lições que lhe desenvolvam o espirito, aguecem-lhe a curiosidade e desejo de aprender mais, e melhorar assim a sua situação moral. Ás vezes, de homens por

este feitiço chamados e attrahidos inscientemente ao appello das luzes, nascem sabios e litteratos, que ganham nome e reputação notavel.

As sciencias, as letras e as artes formam um complexo de estudos, que se prendem, se ligam, se coadjuvam, se desenvolvem, se influem mutua e reciprocamente. Por si se não podem espriar as sciencias sem a base das letras, sem o auxilio das artes; as letras tambem carecem do conhecimento das sciencias, e do gosto apurado das artes para attingirem ao grau de elevação e sublimidade, a que devem aspirar: as artes igualmente como alcançam proporções, harmonia, pompa, belleza visivel, encantos e attractivos, sem que as sciencias as auxiliem, e as letras as aperfeiçoem?

Formam ellas, em linguagem verdadeira, um todo, um complexo, um conjuncto de propriedades, posto que diversas. Póde-se dizer que constituem o corpo, a alma, o espirito das nações e dos povos.

Tudo hoje é livro. O monumento de marmore, a pyramide de pedra, a estatua de bronze, o busto de porphyro, o quadro a oleo, a pintura a traços de simples desenho, os hieroglyphos gravados, os riscos e plantas de machinismos e industrias lançados no papel: tudo explica o estudo, a marcha, o progresso das luzes, e constitue elementos indispensaveis da instrucção de um paiz, de um povo, que não póde viver e florescer, sómente satisfazendo suas necessidades physicas, mas que carece tambem, e indispensavelmente, do alimento, da cultura intellectual e moral, como o homem, que não é só corpo physico, mas que tem espirito e alma.

O que foram, praticaram e pensaram os nossos antecessores? Que papel representam na marcha das luzes?

O Oriente, primeira nação conhecida, não se illustrava pela ordem, pela liga dos conhecimentos humanos, dos elementos civilisadores. O Egypto apenas fulgurava pelas suas pyramides magestosas; a China pelos poemas longos e informes, sem methodo e nem requisitos litterarios; a Judéa pela Biblia, unico livro dos tempos remotos, que é ainda hoje admiração do mundo, como a joia mais preciosa do gosto e pureza litteraria, como um thesouro intellectual; a Persia, a India, a Arabia, os Indios pelos seus canticos pastoris e proverbios singulares e transcendentales. No mais tudo confusão, desordem, o que prova uma situação manca e incompleta, associações esparsas e descuidadas.

A Grecia, porém, reuniu tudo, converteu-se em lumiar brilhante e sublime, que tem com suas luzes esclarecido os seculos posteriores, e resplandece ainda actualmente como a mais portentosa nação que o sol allumiou. A Grecia quasi se cifra em Athenas, pequena cidade mas que concentrou um progresso tal de luzes; quasi todas as sciencias, letras e artes, foram tão desenvolvidas e cultivadas que chegaram a espantoso aperfeiçoamento, algumas ao apogeo mesmo da maior gloria.

Que nação póde com a Grecia emparelhar-se ainda hoje na architectura? Que edificios rivalisam com o Parthenon, o templo de Theseu, os Propyleos? Que estatuas posteriores possuem aquelle bello ideal que anima as de Venus, Apollo, Laocoonte, nas quaes transpira a vida, corre a alma, transporta-se o sentimento, como se foram entes animados? Que quadros, desenhos, frescos e pintura dos artistas seus successores egualam aos que se conheceram na Grecia?

Nas sciencias ahí estão Archimedes e Euclides para as exactas, Hippocrates e Galeno para as physicas,

Platão, Aristoteles e Socrates para as philosophicas e moraes, Péricles para a politica, Thucydides para a historia, Demosthenes e Eschyro para a eloquencia, Homero, Eschylo e Pindaro para a poesia.

Roma, que lhe succedeu na gloria, e muito mais no poderio e influencia politica, Roma copiou a Grecia nas sciencias, nas letras e nas artes. Raros Romanos se aproximaram dos Gregos como Cicero, Sallustio e Tacito. Em distancia, sempre acompanharam os Latinos aos Gregos, tendo-os por mestres e modelos. A Grecia era para Roma como o astro attrahente, que allumiava e esclarecia o horizonte. O que Roma legou á posteridade em livros, monumentos, estatuas e quadros, posto que em ponto grandioso e digno de admiração, é comtudo mais imitação da Grecia que verdadeiro original.

Mas Roma guardava e cultivava as luzes; com a queda de Roma, e o triumpho dos barbaros sahidos dos antros da Asia e da Europa Septentrional, succedeu ao dia a noite; toda a civilisação desapareceu da sociedade occidental, sumiu-se no montão de destroços, ruinas e incendios dos invasores novos que a Europa avassallaram.

Felizmente, senhores, essa noite assemelhou-se á noite de estio no polo artico. Ainda se deslumbravam os raios do sol, que partia, no horizonte por elles allumiado, e já o crepuseculo da aurora por outro lado começava a levantar novo dia, não dando espaço ás trovões para se mostrarem. (*Muito bem!*). Ahi estavam os padres das Egrejas Latina e Grega, os Basilios, Jeronymos, Athanasios e Agostinhos; ahi estavam os conventos e as ermidas dos cenobitas espalhadas como asylo dos sabios e dos desgraçados, que conservavam as

luzes como depositos de thesouros preciosos e sagrados; ahi estavam tambem os Arabes, que, pelas suas relações com os habitantes de Constantinopla e Alexandria, cultivavam as sciencias e letras, conservaram muitos livros gregos e romanos, e os foram espalhando pelos paizes, cuja conquista começaram desde então, alargando os dominios de sua raça.

Mas os sabios da Europa continuaram a fallar e escrever a lingua latina, quando já se tinham formado entre os varios povos differentes dialectos, sahidos de diversas origens, e mesclados de contrarios elementos, e que eram as linguas geralmente falladas, e substitutas da latina, já corrupta pelos tempos.

Na Proença, não na Proença só de hoje, que é territorio mais circumscripto, mas que então comprehendia o espaço entre os Pyrineus, o Gironde e o Rhodano, formou-se no correr do seculo XII a primeira lingua litteraria moderna; em proença escreveram-se chronicas, poesias, canticos de trovadores, hymnos de amorosos suspiros, que se tornaram populares. Póde-se dizer que concorreu para isso a visinhança e exemplos dos Arabes de Hespanha. A lingua chamou-se d'oc, e a mais brilhante e florescente cidade foi Tolosa.

Seguiu-se á Proença Italia no seculo XIV. Foi a segunda lingua litteraria moderna, que depois se converteu em primeira pela annexação de Proença á França e pelo desuso e decadencia da lingua daquella parte interessante da Europa, logo que ella perdeu as galas de escripta, e desapareceu diante da franceza invasora.

Dante, e apoz elle Boccacio e Petrarca, entenderam

que a lingua do povo devia ser a lingua litteraria e a lingua official. Em Italia foi o conspurcado latin, que restava, substituido por esse bello e harmonioso idioma italiano, que sôa aos ouvidos como toada musical, e corresponde a todos os brandos e suaves sentimentos do coração humano.

Do século XV datam as linguas litterarias franceza, ingleza, hespanhola e portugueza. As da Allemanha, da Hollanda e do Norte, só do seculo XVII começa-ram a contar-se e mostrar-se litterariamente.

Tem-se tratado do nosso seculo, que para uns se distingue dos seus antecessores pelo progresso particular e exclusivo dos interesses e progressos materiaes, produzidos pela espantosa applicação das sciencias mathematicas, physicas e naturaes; para outros deve ser considerado espontaneo, de movimento proprio e original, pela força que o arrasta á liberdade politica, social e religiosa, e ao governo da democracia, que parecem seus destinos inevitaveis.

Util, utilissimo se torna analysar um pouco estas idéas e restabelecer o verdadeiro sentido dellas. Peço licença para gastar alguns dos vossos preciosos momentos no desenvolvimento, posto que succinto, destas theorias.

Ha um engano, um erro nas duas apreciações que apresentei: cumpre-nos rectifica-las.

O seculo XIX tem tido, é uma verdade incontestavel, maravilhoso progresso nos interesses e bem-estar materiaes da sociedade e dos homens. Nem um dos seus antecessores conseguiu marchar com tanta celeridade quanta ventura nos progressos e interesses materiaes. Ahi estão os machinismos de fabricas, aperfeiçoamento de instrumentos da industria e da

agricultura, os caminhos de ferro, os navios a vapor, os requintes das armas de fogo, a construção encouraçada das armadas, o desenvolvimento do espirito das associações mercantis, o telegrapho, o emprego dos balões aerostaticos. Mas as invenções não lhe pertencem todas, ditam de seus progenitores; as applicações das sciencias já se praticavam antes d'elle; apenas as tem o seculo XIX melhorado e aperfeiçoado. Bacon proclamou a doutrina nos primeiros annos do seculo XVII, tentando tirar as sciencias da esphera abstracta, em que se cultivavam até então. Galileu, Newton e Watt, adivinharam o movimento, a lei da attracção, a força do vapor. Smith e Quesnay methodisaram as sciencias economicas; Veneza e Génova crearam os bancos de circulação e organisaram os cambios. O seculo XIX o que faz, portanto, é melhorar e aperfeiçoar os inventos anteriores, e crear novos para a seu tempo serem aproveitados. Não é espontaneo e nem original o seu movimento, como o não foi o de nenhum outro seculo.

E se mais accelerada e espantosamente se tem desenvolvido, deve-se este facto á theoria incontestada de que é difficil, muito difficil ser rico, facil e facillimo, depois do rico, ser riquissimo. (*Muito bem, muito bem.*)

Mas o caracteristico do seculo XIX não é o movimento e progresso dos interesses materiaes; é, sim, ser elle encyclopedico; não é só no desenvolvimento referido que se tem alargado espantosamente; é nas sciencias, é nas letras, é nas artes, é nos costumes, é em tudo, emfim, que elle prima e se distingue dos seus antecessores: dahi o seu caracter de encyclopedico.

C
scie:
mur
a p
sonh
nera
cula
disc
e p
vari
Com
ção
eter
plan
os c
porp
rior,
fieu
pass
maic
exig
pal
maic
gost
N
pela
do tu
que
deser
attin
obje
arre
Ross

Como estão hoje, mais que nunca, adiantadas as sciencias? Quanta applicação das mathematicas ao mundo real e aos factos palpaveis? Não è quasi nova a physica, a mecanica, a chimica? Não parece já um sonho o progresso da astronomia? A zoologia, a mineralogia, a botanica, a medicina, a pharmacia, particularmente a cirurgia e a geologia? O que se não discute e esclarece nas sciencias philosophicas, moraes e politicas? Como se descortinam os mysterios das varias religiões, que amparam e moralisam o homem? Como se escrevem obras antevendo, não a transmigração das almas, preconizada por Pythagoras, mas a eternidade do homem, transferindo-se para outros planetas? Como se entregam a lucubrações divinas os chamados espiritistas? Como tem a historia tomado porporções gigantescas? A historia hoje não é superior, não fallo litterariamente, mas scientifica e proficua, e elevadamente á historia antiga e á dos seculos passados? Não se exige actualmente do historiador maior copia de requisitos do que do orador Cicero exigia, porque em sua época o orador era o principal instrumento da litteratura, o ente que carecia do maior intelligencia, mais vasta erudição e mais apurado gosto?

Não se illustra o seculo XIX pelas artes de imitação, pela esculptura, pela pintura, pela architectura, sabendo tudo e praticando tudo, e em algumas partes melhor que seus antecessores? A industria fina com os seus desenhos, fórmãs, harmonia, gosto, perfeição, não attingio a um ponto não conhecido até aqui, em varios objectos de luxo? A musica, quando chegou á melodia arrebatadora, á sciencia mesmo, como com Meyerbeer, Rossini e Bellini? Só o seculo XVIII a conseguira,

posto que em gráu inferior. Antes, nunca alcançara tantos vôos e produzira tamanha utilidade, e ao mesmo tempo encantos tão arrebatadores. E as artes não são sómente assumptos de gosto e luxo; são necessidades da vida humana e social: a musica, por exemplo, não attrahe o espirito á meditação, não sensibilisa a alma e a faz elevar-se ao mundo invisivel, não suavisa os costumes, não arrasta os guerreiros ao fogo dos combates, electrizando-os, inebriando-os de modo a esquecer a morte, e a lembrar-se só da gloria e da victoria? (*Muito bem.*)

A critica, que Longino e Quintiliano apenas conheciam pela eloquencia e não pela sciencia, a que alturas se levanta hoje! Como ultrapassou os limites e circulo traçados pelos antigos, que só a apreciavam sob o ponto de vista de logica, rhetorica, ou linguistica? Não se tornou creadora até?

A poesia, oh! essa flôr mimosa da litteratura, que todos os homens, todas as nações, todos os seculos cultivam sem lhe esgotar a seiva por que é immaterial e não tangivel, é por ventura a poesia inferior no nosso seculo? Não, não, senhores. Dir-se-hia antes melhor que é por excellencia poetico o seculo XIX. A poesia percorre-lhe todas as fibras, introduz-se-lhe em todos os poros, transpira e fulgura por todas as fórnas, no verso, na prosa, nos poemas, nas odes, no drama, na satyra, nos romances, na historia, na philosophia, em todos os escriptos litterarios, como um perfume indispensavel, que, partindo da imaginação, presta vida, alma e espirito a suas produções.

E notai, a poesia do seculo XIX possui caracteristico differente das outras épocas. Nossos antepassados, desde os Hebreus, os Persas, os Grégos e os Romanos,

inspiravam sua poesia nas obras visiveis da creação, no mundo dos sentidos physicos, nos objectos que os olhos alcançavam e admiravam. As imagens eram physicas, os pensamentos mundanos; os caracteres descriptos mais geraes, os sentimentos e paixões despidos de individualisação. Para elles a noite era o céu recamado de estrellas fulgurantes, nuvens douradas, espectaculos estupendos para a vista humana; a campina e o horizonte estendiam-se além, além, com perspectivas agradaveis e risonhas; os rios, as cascatas, o bosque, o valle e os montes, alegravam o espectaculo, tirando-lhe a monotonia. (*Muito bem.*)

A poesia de nossos tempos é outra: nasce do coração, brota d'alma, interna-se nos mysterios espirituaes que se acham depositados no homem; é do sentimento, da dôr, da paixão, da melancolia, dos sonhos; o horizonte visivel desaparece diante da idéa immaterial que se agita no cerebro, perturba o coração, commove a alma e rasga a consciencia. O dia será a imagem do esplendor e poder de Deus; a noite será a hora das reminiscencias doridas do passado; a tarde, o momento das tristezas e melancolia. O amor não é já aquelle instincto ou desejo material; constituirá uma paixão ideal, um sonho do espirito, uma aspiração da alma.

O prototypo da poesia do nosso seculo é Lord Byron, que não conheceu cadeias que manietassem o genio, obstaculo que se oppuzesse ao estro, formula em que se circumscrevesse a arte, limite que sopeasse a inspiração. Nada importa que se o censure por saber só pintar uma mulher e um homem; a mulher doce, terna, querendo ser adorada, capaz de sentimentos mais sublimes, de devoção, mas propria para

transformar-se em fôra desde que o ciume a torture e a suspeita a atormente; o homem altivo, desigual, desordenado, cynico, desprezador da humanidade, implacavel na vingança, ardendo em despeito e desesperação, animado, porém, pela paixão sensual mais exaltada e profunda. Nada importa que se diga que esse typo de mulher é só fructo de imaginação escandecida, que esse typo de homem é elle; Harold, Manfredo, Lara, o Giaour, são Byrons disfarçados; que as maravilhas do mundo, Cintra, Hespanha, os marmores do Pentelico, o Rheno, as ruinas de Roma são apenas accessorios dessa figura sombria e melancolica. Ninguém o excede na expressão da dôr, na intensidade do sentimento, na belleza ideal da descripção, na vida animada das scenas, no pathetico dos pensamentos apaixonados, e, o que é mais, nesse mesmo espirito de duvida entre o septicismo e o mysticismo, que parece uma das feições do nosso seculo. É um grande poeta, que arranca do coração humano sons desconhecidos até então, e que pôde correr justas com os maiores genios que o mundo tem produzido. Não é Camões no patriotismo ardente e na verdade do sentimentalismo; não é Virgilio na doçura e maviosidade do metro; não é Homero, gigante do pensamento; não é Tasso na expressão cavalheirosa e artistica; mas dispõe de dotes que o realçam e o collocam entre os maiores vultos queridos das Musas.

Assim, portanto, o nosso seculo é encyclopedico, e superior, em muitos sentidos, aos seus antecessores, posto que delles herdasse factós e idéas que têm desenvolvido e aperfeiçoado; mas não se pôde dizer só brilhante sob um ponto de vista, e nem igualmente original; o nosso seculo é filho legitimo, descendente

incon
se m
na n

E
gabin
da ce
de V
ment
talent
e que
hind
intell
verna
dores
da m
socie
de di
bem.)

Já
appli
ment
das c
vista

No
estas
res cu
os in
posse
deu p
plant

Ma
posse
estud

incontestavel do seculo XVIII, onde principalmente se manipularam as idéas moraes e philosophicas, que na nossa éra se têm desenvolvido e aclarado.

E não foi das eminencias elevadas do poder, ou dos gabinetes dos governos que partio o movimento; foi da cella particular dos philosophos do seculo XVIII, de Voltaire, de Rousseau, de Montesquieu, particularmente, tres grandes astros, que dominaram todos os talentos e genios do seu tempo, mesmo estrangeiros, e que tornaram da França o fóco de luz que, dahi sahindo, irradiou por todo o mundo, e influiu sobre a intelligencia humana e universal. Os estadistas governam só os negocios visiveis do presente; os pensadores, ás vezes obscuros, ás vezes escondidos aos olhos da multidão, outras vezes desconhecidos até da sua sociedade e do seu seculo, é que atiram idéas que têm de dirigir no futuro os destinos da humanidade. (*Muito bem.*)

Já basta de generalisar as nossas considerações; applicuemol-as agora, depois de um pleno esclarecimento, á tarefa particular que nos impômos: fallemos das colonias americanas, apreciando-as sob o ponto de vista que temos desenhado.

No seculo XVI nem um caracteristico apresentam estas colonias, porque foi elle gasto pelos conquistadores europeus nos trabalhos da occupação, guerras com os indigenas, arroteamentos de arraiaes e primeiras posses. Tudo estava em embryão, e tempo se despendeu para regularisar as associações, que se tratava de plantar no novo solo descoberto.

Mas no seculo XVII já se havia formado bases de posse e bases de sociedade. Dahi data o nosso estudo presente.

Iniciaram as colonias inglezas sua vida social pela liberdade religiosa, e quasi politica com governos domesticos municipaes. Espalharam escolas primarias e profissionaes por todo o solo; publicaram gazetas ensinando o povo nos progressos agricolas, industriaes, commerciaes, incitando-o a trabalhar, a melhorar, a progredir na senda dos interesses materiaes. A educação uniu-se á instrucção, não se separou uma de outra cousa; illustrou-se a intelligencia e creou-se o cidadão, aquella devotada aos progressos e bem-estar do povo, este destinado a conhecer seus direitos e garantias politicas e civis, e a não sacrificar nunca a mais pequena parte dos seus fóros, o menor dos seus direitos: instrucção professional mecanica, educação forte e robusta, negociantes, navegantes, manufactureiros, agricultores, fabricantes, agrimensores, patriotas e independentes: dahi resultou que o paiz produziu Washington e Franklin, mas não alcançou dar vida a sabios, artistas ou litteratos, emquanto dominou a metropole: para esta a imprensa era livre, e espalhava luzes de direito publico, de litteratura e sciencias, noções e gosto do espirito; os litteratos subiam ás camaras e ao governo pelos seus artigos em gazetas, pelos seus escriptos em revistas periodicas. Para as colonias foi tambem de todo livre a imprensa; mas a sociedade colonial dispensava o alimento do espirito em favor do pão fecundo do corpo, preferindo engrandecer-se pelo trabalho das fabricas e industrias, a nobilitar-se pelas letras e sciencias; era ainda muito pouco numerosa; careciam todos de bens da fortuna, careciam do trabalho physico, não se dedicaram ás letras, contentando-se com instrucção primaria e professional.

As colonias hespanholas receberam clero poderoso,

lig-
em tu
palha
ção p
unive
desde
para
pitar.
Carlo
tação
ameri
para
dos h
drara
as art
nenhu
eques
em He
fulgur
nista,
mais s
se not
nias h
Amer.
lenda
Hespa
dario,
culo X
artes; s
a exub
pos de
Che
guezes

ligado estreitamente com o governo civil e governando em tudo; conventos de diferentes ordens de monges espalhados por todos os vice-reinados; bastante instrução primaria e secundaria, e até superior, pelas quatro universidades que se fundaram; mas o ensino inteiro, desde o primeiro gráo até o derradeiro, sujeito ao clero, para se converter em religioso, a fim de se não precipitar, na opinião dominante, no abysmo da impiedade. Carlos V, por um decreto de 1545, até prohibiu a importação e leitura de romances de cavallarias nas colonias americanas que eram propriedade exclusiva da corôa, para se não estragarem os costumes, moral e religião dos habitantes. Dahi resultou que as sciencias não medraram, as lettras nem um desenvolvimento receberam, as artes, posto que uma escola se fundasse no Mexico, nenhuns fructos produziram, que nada ó uma estatua equestre de Carlos III pelo esculptor Tolza. Apenas, e em Hespanha, onde sempre e toda a vida residiram, fulgurou Garcilaso de la Vega, de Cuxco, como chronista, e o frade Alarcon como poeta dramatico. No mais só alguns prégadores sagrados, alguns theologos se notam americanos. As proprias chronicas das colonias hespanholas são escriptas por Hespanhoes, e não Americanos. Pedro Martyr, Gomara, Teive, Solis; a lenda americana não inspirou vates americanos; só um Hespanhol da metropole a cantou em um poema secundario, Ercilla no Araucania. Entretanto até o seculo XVII brilhára Hespanha muito nas lettras e nas artes; a patria de Murillo e Velazquez mostrou sempre a exuberancia do genio de seus filhos, que já nos tempos de Roma imperial se haviam nobilitado.

Cheguemos agora ao Brazil, colonia dos Portuguezes.

Ensino primario pouco deu o governo ao povo; secundario, uma ou outra aula de latim aqui e alli se encontrava nas principaes cidades da colonia. Ensino superior parecia aterrorisar o governo, que nunca o ministrou ás suas colonias.

Foram os conventos que abriram a maioria de aulas de primeiras lettras, calculos arithmeticos e algebricos, rhetorica, logica, methaphysica, latim e grammatica. Ahi e a o deposito destes conhecimentos, dahi sahia o maior numero de alumnos, com estudos imperfeitos, e civados de um tal ou qual odor de theologia. Os Jesuitas se haviam fixado no paiz em 1549, os Benedictinos em 1587, os Franciscanos em 1592, e os Carmelitas em 1593. Tambem o governo só permittiu estas quatro ordens no Brazil; e estas mesmas circumscriptas ás zonas e localidades; em Minas, particularmente nos terrenos auriferos e diamantinos, nem a frades mendicantes se tolerava o ingresso.

Parece que o governo portuguez sempre se arreceiou do clero nas suas colonias: conteve-o constantemente com disposições legislativas, e actos de autoridade.

Os dizimos reservou-os para si a corôa, dando ao clero salarios ou estipendios, para o ter dependente do Estado, e não livre e independente. Os bispos, officiaes dos cabidos, vjgarios e funcionarios da igreja, foram todos considerados empregados publicos e estipendiados do Estado. Os bispos eram de apresentação da corôa, para só ser bispo quem a corôa quizesse; os vigarios de parochias, da escolha do governo, sobre apresentação dos bispos; os officiaes dos cabidos, de nomeação directa do governo. Assim, tudo partia do governo.

E, como se não bastasse, havia recurso á corôa de todas as decisões dos bispos, ainda mesmo *ex informata*.

cons
naci
a cor
não
mate
o pla
em
dade
mez
temp
encom
que h
ciam
autor
emp
laçã
por
desge

As
tuas
na so
a edu

Ma
zileir
estud
os jo
litter

Po
nistr
os ass
e ord
das c
gados

conscientia, hypothese que ultimamente o nosso governo nacional cedeu a Roma; o beneplacito sustentou sempre a corôa portugueza, para que sob assumptos espirituaes não se entendesse o santissimo papa com os bispos em materias civis: nada se publicava descido de Roma sem o *placet* da corôa portugueza. Não se devia demorar vaga em nenhuma parochia da co'onia; o alvará das faculdades ordenava que se abrisse concurso no prazo de um mez para as vig. rarias. O governo não queria por muito tempo o pastorio das ovelhas em mãos de parochos encomendados, porque dependiam dos bispos; exigia que houvesse sempre vigarios collados, porque pertenciam ao Estado como empregados publicos. A nenhuma autoridade da egreja consentia o governo deixar o seu emprego sem licença prévia da corôa. Esta foi a legislação portugueza, o direito que nos foi legado, o qual por não cumprirmos exactamente, temos passado por desgostos e difficuldades com o clero no nosso imperio.

Assim contido o clero nas suas attribuições espirituaes, sem poder tomar iniciativa ou ingerencia alguma na sociedade civil, podia, sem perigo para as idéas e para a educação, instruir e illustrar a mocidade.

Mas como pouco aprendiam no seu paiz os Brazileiros, arrastava-os e a suas familias o desejo de mais estudar na metropole; para a metropole se enviavam os jovens, em quem madrugavam talentos e inclinações litterarias e scientificas.

Portugal gostou sempre da centralisação administrativa, politica e litteraria. Regulamentava todos os assumptos e interesses no Brazil por meio de decretos e ordens dirigidas aos governadores e capitães-generaes das colonias; nomeavam-se em Lisboa todos os empregados, desde o mais inferior; praticavam-se em Lisboa

as arrematações dos varios impostos que se cobravam no Brazil; fixava-se até em Lisboa a qualidade da madeira, o tamanho das caixas, o peso do assucar que cada uma devia conter, para que o commercio se conformasse a um padrão official.

Concentrava-se, portanto, tambem, e só em Coimbra, todo o ensino superior nos diversos ramos dos conhecimentos humanos, abrangendo a Universidade alli fundada as necessarias e differentes faculdades.

Coimbra fulgurava assim no horizonte e solo da metropole como uma estrella, um astro de luz, e o unico onde se enthesourava a sciencia humana.

Como o peregrino da idade média, propondo-se salvar a alma, e ganhar a vida eterna no gremio de Deus, e se encaminha a pé para Jerusalém, a fazer a decantada romaria, e a beijar a terra empapada do sangue do homem-filho de Deus; de longe está sempre a lançar avidas vistas pelo immenso horizonte, no intuito de descobrir quanto antes o monumento que guarda o tumulo do martyr, como fim de suas aspirações: assim tambem as familias no Brazil, logo que tinham um filho, o destinavam á carreira das lettras, e olhavam com os olhos da imaginação para Coimbra, acompanhando a universidade portugueza com o seu pensamento atravez do espaço e dos mares, já que a não podiam ver com seus olhos. (*Bravos e muito bem.*) Para Coimbra partiam, pois, os jovens Brasileiros a procurar instrucção nas aulas cursadas por Camões, Luiz de Souza, Damião de Góes, e tantos celebrados escriptores.

A vida em Portugal era, de certo, mais agradável que a do Brazil para os espiritos cultos. A intelligencia encontrava um mundo, povoado de talentos,

de en
espiri
Por
zileiro
lharan
Gusm
V; B.
ceitua
geára
com C
vestes
guezes
às im
Anton
pela o
Por
domin
de 16
não rel
sepulta
p. lo es
ainda c
D. Fra
Vieira,
quasi a
rival n
sciencia
e hespa
ainda c
Alcacer
seculos
primeir
quena

de engenhos e de capacidades; havia uma existencia espiritual que não existia na colonia americana.

Por lá, portanto, se fixaram muitos desses Brasileiros, que não volveram mais á patria, e lá brilharam com seus feitos ou escriptos. Alexandre de Gusmão chegou a ser escrivão de puridade sob D. João V; Bartholomeu de Gusmão, diplomata e sabio conceituado; Antonio José da Silva, poeta comico, grangeára nome invejavel, porque emparelhara no genio com Gil Vicente, e creára a comedia nacional com vestes e costumes portuguezes, scenas e successos portuguezes, annexins e phrases portuguezas, arrancando-as imitações e traducções hespanholas e francezas. Antonio de Sá, Eusebio de Mattos se celebrisaram pela oratoria sagrada.

Portugal possuirá grande riqueza intellectual até o dominio castelhano dos Philippes. A revolução heroica de 1640 restaurou a autonomia e nacionalidade, mas não rehabilitou a intelligencia e o genio, que pereceram sepultados nas ruinas da patria até então escravidada pelo estrangeiro. Se no seculo XVII resplenderam ainda dous grandes vultos, dous eminentes escriptores, D. Francisco Manuel de Mello e o jesuita Antonio Vieira, e se alguns Brasileiros na oratoria primaram quasi ao lado deste grande prégador, que não conheceu rival no mundo pela eloquencia de fogo, posto que em sciencia abaixe a fronte a alguns prégadores francezes e hespanhoes, pôde-se dizer que elles representavam ainda o seculo anterior, a época que findára em Alcacer-Kuibir com o rei D. Sebastião. Portugal nos seculos XV e XVI podera no emtanto considerar-se a primeira nação do mundo, porque, com tão pequena população e solo tão diminuto, possuiu poetas,

historiadores, navegantes, sabios, theologos, philosophos, politicos, guerreiros, juriscultos, em numero, relativamente á sua situação, muito mais vasto e crescido; nenhuma das glorias deixava de ornar-lhe a frente, na guerra, na paz, nos descobrimentos, nas lutas da intelligencia e do espirito.

D. João V comprehendendo quanto as lettras, es ciencias e artes estavam decadentes, pensou restaural-as officialmente. Levantou um theatro de musica italiana, academias de pintura, uma sociedade de litteratos com o titulo de Historia Portugueza. Animou associações scientificas. Tudo foi, porém, baldado. Quando a arvorenão nasce espontanea, vive sempre enfezada. O favor do governo não póde suscitar o merito e nem creal-o.

Os Brasileiros que em Portugal se não poderam fixar após seus estudos universitarios, e voltaram para o Brazil, ou cahiam no marasmo e lethargia do paiz, ou, se ainda lhes sorriam á mente as Musas travessas, graciosas ou serenas, o que escreviam mandavam a publicar-se em Lisboa; e eram, ou saudades pelas planicies amenas banhadas pelo Tejo e Douro, ou elogios á vida feliz que haviam passado na cidade do Mondego. Não deparavam poesia e nem assumpto de inspiração nas florestas, nos rios, nas serranias, nas veigas, nas flores, no céo limpido da patria; sonhavam ainda com as pastoras da Beira. (*Hilaridade.*)

Aqui, na Bahia e Rio de Janeiro, tentaram alguns espiritos cultos, e conseguiram estabelecer associações litterarias, semelhantes ás de Portugal, que eram já uma imitação italiana do seculo XVII. Mas o terreno não estava preparado, poucos eram os homens illustrados e de gosto; o povo os não apreciava, afóra algum prégador de nomeada; como medrar, e sem

impre
o seu
Rezen
memb
uma á
Ignac
outros
a alg
fence
Cor
as sci
nasc
auxili
a mer
absolu
princ
quer
reform
Asia
Christ
narau
deram
versio
estud
propa
dar os
teiras
novas
cultu
de Po
das le
perli
tria, c

imprensa para espalhar escriptos? Foi, todavia, notavel o seu numero, tolerado até que o vice-rei, conde de Rezende, temeroso de que se occupassem de politica os membros de sociedades litterarias, mandou dissolver uma á que pertenciam José Basilio da Gama, Manuel Ignacio da Silva Alvarenga, Bartholomeu Cordovil, e outros sujeitos distinctos, e condemnou seus membros a alguns mezes de cadeia. Com semelhante desastre fenececeram novas tentativas de sociedades litterarias.

Com o governo despotico do marquez de Pombal, as sciencias, as letras e as artes como que foram renascendo em Portugal. O ministro-rei honrava-as, auxiliava-as. Reduzindo o santo-officio da inquisição a mero tribunal civil, e instrumento do seu governo absoluto; expellindo os jesuitas, que depois de no principio da sua instituição tanto haverem brilhado, quer em defesa do catholicismo contra a expansão da reforma religiosa, quer nas missões e catecheses na Asia e America, chamando á vida civil e ao culto de Christo milhares de almas perdidas e selvagens, se tornaram depois mercadores e intrigantes, e pretenderam dominar o governo e a corôa; levantando a universidade de Coimbra com uma reforma completa de estudos mais livres, mais esclarecidos, mais luminosos; propagando escolas por todo o Portugal, fazendo estudar os rios do Brazil e fixar padastros nas suas fronteiras; reanimando a industria e o commercio; rasgando novas estradas e communicações; coadjuvando a agricultura; estabelecendo a canalisação dos rios, o marquez de Pombal como que fez renascer o gosto das sciencias, das letras e artes em Portugal; posto que ellas tivessem perdido aquelle sopro original, aquella inspiração patria, que as tinham vivificado no seculo de quinhentos.

Foi um Portuguez quem fundiu a estatua equestre de D. José I; foram Portuguezes e Brasileiros, depois de terem estudado em paizes estrangeiros, que fizeram grandes descobrimentos nas sciencias, particularmente naturaes e physicas. Ao lado de Brotero e Anastacio da Cunha, figuram os Brasileiros Alexandre Rodrigues Ferreira, Arruda da Camara, Conceição Velloso, e José Bonifacio. Se Portuguezes como Brito Freire, Berredo, Raphael de Jesus, Balthazar Telles, Calado, Simão de Vasconcellos, escreveram chronicas brasileiras, Brasileiros como Jaboatão, Ayres de Casal, Madre de Deus, e Rocha Pitta não lhes foram inferiores na mesma missão patriotica. Entre os juriconsultos e economistas, ali estão os Brasileiros bispo d'Elvas João Pereira Ramos e o bispo de Coimbra, para mostrarem o talento dos filhos da America.

Alguna liberdade litteraria e scientifica concedida pelo Marquez de Pombal, estudos mais livres em Coimbra, bastaram para que em Portugal e seus dominios apparecessem de novo poetas lyricos como Garção, Cruz e Silva, Portuguezes, e Souza Caldas, Brasileiro, e Gonzaga, que se pôde tambem dizer Brasileiro, porque, posto nascido no Porto, no Brazil viveu quasi toda a sua vida, e pela causa da independencia sonhada do Brazil em tempos inoportunos ainda, e em circumstancias ainda não possiveis, mais incitado pelos enthusiasmos nobres do coração e do patriotismo que pautados pela perspicácia e tino necessario, p - deceu Gonzaga prisão dura, desterro cruel, e nos pes - tilentos areias de Moçambique foi acabar seus dias desditosos.

O Padre Souza Caldas, já delle aqui tratei succintamente, foi um grande genio! Como se exalta e

entusiasma no púlpito, convocando, suspensos a seus lábios e á sua palavra eloquente, milhares de espectadores admirados ! Como sabe arrojarse á sublimidade do pensamento, celebrando a grandeza de Deus, as maravilhas da criação ! Lyrico altanado, vò e paira nos astros como a aguia, sem se importar com a phrase, com a rima, com a harmonia da palavra, mas atirando imagens grandiloquas e esplendidas. Dir-se-hia que, nas suas inspirações, a imagem, o pensamento lhe escapa espontaneo do cerebro, borbulhando-lhe na mente, fuzilando-lhe nos olhos, latejando-lhe nas fontes, palpitando-lhe nos lábios. (*Muitos bravos.*) Como se colloca destemidamente ao lado do mavioso e jovial Bocage, e do classico e correcto Filinto, que nos fins do seculo XVIII conseguiu restabelecer a linguagem castiça e nobre dos Portuguezes, salpicada de manchas e estrangeirices que a decadencia litteraria do paiz lhe acarretára, e quasi enraizára em seu seio !

Garção foi um imitador de Horacio, sentencioso, correctissimo na phrase, mestre na versificação portugueza. Cruz Silva com mais variedade mereceu menos nomeada pela falta, ás vezes, de harmonia nos seus canticos. Gonzaga, discipulo da escola melliflua de Petrarca e Metestasio, deixou canções, quasi todas amorosas, umas languidas e monotonas, outras elegantes e cidentes, celebrando sua paixão pela bella Marilia de Minas-Geraes. Gonzaga é um poeta musical na expressão, na rima, no verso, e por isso popularissimo ainda hoje, particularmente para o bello sexo, que, pela educação exclusiva que recebe em nossa sociedade, concentra suas paixões, toda a sua vida, no amor, quando o homem, que lhe não é superior nem n'alma e nem na intelligencia, as espalha e derrama,

não se deixando arrastar só pelo amor, que não representa na sua existencia mais que um episodio della.

Com elles, tres outros poetas, que mais devem merecer de nós, Brasileiros todos, ganharam louros, nos seus poemas-romances, dous sacados da historia americana, um da imaginação. Basilio da Gama no Uruguay, descrevendo as guerras dos gentios Guarany e jesuitas contra Portuguezes commandados por Gomes Freire nas margens do famoso rio, prima principalmente pela belleza da dicção, e pelo episodio lindo, suave e agradabilissimo da morte da gentia Lindoya. Santa Rita Durão não é tão facil versificador, não tem o mesmo brilhantismo de imaginação, não sabe empregar o interesse dramatico; é, porém, no seu *Caramuru* mais fiel e exacto nas descripções e costumes dos Tupinambás da Bahia, nas suas guerras contra os Europeus, na sua existencia nomada e romantica. Cludio Manuel da Costa, mais lyrico, cantou em outro poema o Ribeirão do Carmo, todo de imaginação, a vida particular dos mineiros, os sitios pittorescos dessa grande provincia interior, tão rica quanto cheia de futuro. O que lhe falta é vida, é drama, é mais sentimento real, para que o poema fôsse bem acolhido pelos seus compatriotas.

Assim, a colonia americana enriquecia Portugal com os seus productos agricolas, offerecia empregos aos filhos de suas casas nobres, thesouros ás classes menos favorecidas da fortuna, que abandonavam a metropole para aqui alcançarem riquezas; engrossava-lhe as rendas, e ao mesmo tempo com numero notavel de sabios, de litteratos, de poetas, de guerreiros, contribuia para ornamentar de ouro e de gloria as paginas da sua historia nacional.

Que differença sob este ponto de vista das colonias

hespanholas e inglezas! Estas e aquellas eram superiores ao Brazil em varios aspectos, em diversos elementos de civilisação; foram-lhe, porém, inferiores quanto ao numero e qualidade de escriptores e sabios que tiveram seu berço na America.

É natural que na historia, que foi uma só, porque havia uma só nação, Portugal e colonias, estas não passavam de possessões, de feitorias que deviam render para a mãe patria; é natural que se confundam escriptores portuguezes e brasileiros: que importa o acaso do nascimento aqui ou alli? Patria a mesma, gloria mutua. Mas a nós, descendentes, a nós que formámos uma nação nova e emancipada hoje, importa, e muito, jocerarmos o que foi nosso propriamente do que foi de Portugal em particular, comquanto se não roube a menor honra á antiga patria commum. Assim sabermos melhor o que fomos, apreciando o passado na feição especial das sciencias e letras.

Ha na sociedade humana tres gerações, se não em luta ostensiva, pelo menos em divergencia quanto a algumas idéas. Uma que tende a desaparecer da scena do mundo, a velhice; outra que dirige e governa as nações, a idade viril; e a terceira que se educa e prepara para o futuro, a juventude. A velhice guarda inviolaveis as tradições do seu tempo passado, que ella instinctiva e naturalmente considera superior. A idade viril trata de melhorar, progredir, desenvolver-se, conservando o que é bom, modificando o que carece de reforma. A mocidade germina, ainda que inexperientemente, idéas que considera aproveitaveis, e não pensa senão em mudanças rapidas e necessarias. Estas tres gerações têm o mesmo amor ao seu paiz, consagram, e com razão, o mesmo culto á sua época.

A patria e o seculo, em que nascemos e vivemos, merecem justamente nossa predilecção. Estas tres gerações esforçam-se conjuncta, posto que separadamente, para o engrandecimento e prosperidade do seu paiz, são todas operarias do seu progresso e melhoramentos. A velhice ensina, a idade viril trabalha, a juventude aprende.

É mister que umas e outras se estimem e presem, respeitem e coadjuvem. As tradições da velhice são thesouros aproveitaveis, o labor incessante da idade viril honra-a sobremaneira, os preparativos da mocidade merecem todos os cuidados dos que delles se encarregam.

A velhice aponta desillusões; a idade madura move-se pela razão; a juventude arrasta-se pelo enthusiasmo. A um pertence o passado, aos outros o presente, aos ultimos o futuro.

Estas tres gerações acham-se aqui representadas neste recinto, como em todas as sociedades, em todas as familias.

A uns e outros me dirijo, pedindo-lhes constancia e perseverança no seu procedimento. A idade viril achase muito melhorada sob varios aspectos da vida social e civil, e mais feliz de tudo quanto é relativo á vida politica. Maiores progressos e beneficios auferirá a juventude, quando a seu tempo formar a acção, o governo.

O que é mister é regularisar e dirigir o enthusiasmo, que é um grande incentivo de commettimentos gloriosos, mas que cumpre não deixar correr exagerado. Respeitando o passado, não o maldizendo, porque elle honrou-se tambem de feitos dignos de memoria, conservando as boas tradições, e reformando a parte dos prejuizos inaceitaveis hoje, é que marcharemos mais utilmente.

As idéas cream-se, produzem-se, mas não se realisam senão com tempo e com trabalho. Ainda mesmo que abafadas pelas circumstancias, e sepultadas na terra, se ellas forem vantajosas, rasgarão os seios do solo, e reaparecerão á luz, logo que lhes corra favoravel nova estação. Em um mesmo seculo, a idéa produzida raro tem sido logo realisada; carece de exame, estudo, e propaganda. Póde-se dizer afoutamente que nada ha de novo sob o sol, porque não ha mais que modificações, marcha, e progresso no movimento dos principios e dos factos.

Queiramos bem ao nosso seculo, sem desprezar seus antecessores. Adoremos e sirvamos nossa patria, sem desdenhar dos outros paizes, antes procurando nelles colher o que precisarmos, e fôr-nos util.

Assim, é indispensavel não nos fascinarmos por falsas interpretações de palavras; estas muitas vezes illudem, quando não passam pelo cadinho do estudo serio e da critica reflectida. O nosso seculo é da liberdade politica, mas outros o foram igualmente antes d'elle. O que melhor comprehendemos é o valor da expressão para a pratica da vida, para o beneficio e prosperidade publica. Liberdade politica não é um fim que se aspire, é um instrumento, ou meio necessario, que devemos firmar para o progresso moral, intellectual e material da sociedade em geral, e do cidadão em particular. É por ella, e por seu intermedio, que conseguimos gozar de direitos, possuir garantias, dispôr de acção propria, governar-nos, pensar em tudo, fallar em tudo com franqueza, sondar sempre sem temor os segredos do tempo e da natureza, viver sob as leis que nós mesmos concorrêmos a fazer, reclamar justiça como um direito, seguir a carreira que nos convier, considerarmo-nos,

enfim, reis da criação, sem nos prostrarmos aos pés de senhores, e olharmos para o céu onde nos chama o destino, fundando assim a liberdade completa, civil e religiosa, e soltando vãos ao pensamento para o progresso espontaneo e emancipado de tutelas de governos, e de theocracias officiaes.

O nosso seculo é da democracia; o foram outros egualmente antes de nós. A democracia, porém, é apenas uma idéa, um principio que representa um facto, a egualdade de todos perante a lei, o direito de todos para o que forem proprios, a distincção só por merecimentos pessoaes, e capacidades individuaes: a palavra democracia não é fim a que tonda o seculo, é a base do seculo como idéa dominante e salutar. Não se nos pergunta donde sahimos, e de onde viemos: só o que valemos por nós, por nossos merecimentos proprios e nossos feitos individuaes. (*Muito bem.*)

Conservemos puros estes factos, que possuímos, liberdade politica, meio ou instrumento de prosperidade geral, e base e mãe de todas as outras liberdades do pensamento, da consciencia, e dos individuos; democracia, idéa de egualdade do cidadão: sustentemo-los, mas pela razão, pela conveniencia social e civil, como homens pensadores e prudentes, não como hallucinados pelo prisma da apparencia e da illusão exagerada dos sentidos.

Marchemos, que é esta a nossa missão. Decida-se o destino futuro pela propaganda regular e illustrada das boas idéas e dos principios proveitosos, e não pelas violencias revolucionarias, que arruinam, atrazam, se não extinguem completamente todas as condições e elementos moraes e materiaes, que formam a prosperidade da nação e a liberdade e direitos dos cidadãos.

(*Geraes applausos.*)

CURSO DE HISTORIA

Quarta Conferencia

Sacrificios que á Europa custaram o descobrimento, posse e colonização da America.

Minhas senhoras e senhores!

O assumpto, que hoje intento desenvolver, comquanto com o titulo peculiar de—Sacrificios que á Europa custaram o descobrimento, posse e colonização da America—, tende a explanar a these geral—O que fomos?—porque comprehende uma das feições historicas das nações conquistadoras da Europa, edas tribus americanas subjugadas.

Ao findar o seculo XV achava-se a Europa em uma situação difficil, social e politicamente fallando; em estado de ebullição, de transformação, de anciedade revolucionaria. Pesava-lhe o seu passado, aspirava entre sustos a melhores condições, sem as poder ainda descobrir para tratar de cumpril-as.

Mahomet II se apoderára de Constantinopla em 1453, avassallára todo o antigo imperio do Oriente, e ameaçava de perto a Hungria, a Bohemia, a Polonia, que tremiam de susto ; de longe mesmo causava sérias apprehensões á Allemanha e á Italia.

Veneza, Genova e Piza, eram os portos mais commerciantes da Europa ; com razão deviam antever o fechamento dos importantes mercados do Oriente, por onde communicavam com a China, India e Persia, para obter seus productos industriaes, e desenvolver em larga escala a vida mercantil. Os Turcos na Grecia, em Constantinopla, nas costas da Syria, aterrorisavam os animos dos diferentes povos, já pelas crueldades que exerciam, já pelo odio que aos christãos devotavam.

Italia dividia-se em Estados independentes, inimigos, combatendo-se a todo momento ; uns constituídos em republica, o principal em governo absoluto theocratico, Roma, e os outros em feudos despoticos.

O Summo-Pontifice era a alma de todas as intrigas politicas, de todas as agitações sociaes, de todas as lutas travadas, quer na peninsula italiana, quer mesmo no mundo. Inspirado pela ambição de dominar o universo catholico, de dirigir os governos dos Estados europeus, de accrescentar mesmo seus dominios temporaes, dir-se-ia que mais se occupava o successor de S. Pedro da supremacia terrestre que da elevadissima e divina missão de dirigir e illustrar as almas, e as consciencias. Era a epocha dos Machiavelli e Borgia, de politicas perfidas e de crimes horrorosos.

Allemanha, retalhada igualmente em estados independentes, condados, margravados, burgravados, soberanias ecclesiasticas, posto que nominalmente

chamada imperio, com um monarcha que gozava desse titulo, mas que só exercia autoridade em territorios proprios, e não em todo o paiz denominado Allemanha, ambicionava sempre aproveitar-se das circumstancias para, em concurrencia com a França e Hespanha, converter a Italia em theatro de lides e batalhas, e estender seu predominio a este solo privilegiado pela natureza com todos os mais esplendidos dotes e riquezas.

Os Paizes-Baixos, sujeitos á casa de Borgonha, empregavam-se no commercio exclusivamente e na industria, e offereciam o expectaculo de um povo laborioso, activo, e ao mesmo tempo tranquillo no seu interior, proprio, contudo, para grandes commettimentos na navegação, na propagação das luzes e sciencias.

França continuava na obra de unidade nacional, começada com tanto arrojo, quanta astucia cavillosa, por Luiz XI, absorvendo em uma só nacionalidade as differentes partes do solo, destacadas até então com os titulos e privilegios de ducados de Borgonha, Normandia, condados de Proença, Tolosa e outras soberanias independentes.

Inglaterra, após lutas sangrentas intestinas, repousava sob o sceptro de Henrique VII, esperando as revoluções sociaes que Henrique VIII e Isabel lhe deviam trazer pelos seus genios altivos e governos arbitrarios.

Hespanha tratava de expellir do solo peninsular o ultimo reducto que ainda alli possuiam os Arabes: Granada, Granada, a magnifica cidade de monumentos e gloriosas tradições do Oriente transportado para a terra uberrima da Europa. A união das duas corôas, Castella e Aragão, a que haviam os acontecimentos politicos levado os povos catholicos de Hespanha, sob o sceptro de Fernando e Isabel, concentrára as forças

dos christãos, e os animava para fazer de todo desaparecer da península o elemento musulmano.

Portugal, não tendo inimigos a combater, entregava-se a descobrimentos marítimos, encetados pelo genio e pela sciencia do Infante D. Henrique de Sagres. Seus navegantes audaciosos haviam reconhecido grandes partes das costas occidentaes da Africa, dobrado os cabos Noun, Bojador, e Branco, encontrado as ilhas da Madeira e Cabo-Verde, e promettiam á Europa portentosas maravilhas de terras e povos desconhecidos pelos contemporaneos. Constituiu-se Portugal a séde dos navegantes mais arrojados, o fóco dos conhecimentos marítimos, o emporio das empresas tendentes a alargar os conhecimentos geographicos do mundo.

Nenhuma noção havia na Europa a respeito da America; ninguém sabia e nem adivinhava sua existencia. Humboldt nos assevera que os Islandezes e Irlandezes a conheciam pelas partes do norte em suas derrotas aventureiras; mas, si o facto é verdadeiro, como parece sel-o pelos documentos encontrados, torna-se fóra de duvida que nem mesmo os contemporaneos tiveram delle quasi noticia, e assim passára despercebido.

O que se dizia e se pensava era que entre a Europa e a Asia occupava o mar todo o espaço; a Asia incitava cobiça pelas riquezas que Marco Polo e varios escriptores italianos haviam propalado em seus escriptos; a India, a China, o Japão pintavam-se como as terras de promissão para o ouro, os diamantes, os rubins, os tecidos de seda, e os thesouros de luxo e de elevadissimo preço. Mas como chegar até lá? Como directamente communicar-se com seus povos, a não ser pelo Egypto e Syria? Quem ousaria affrontar os mares immensos e incognitos para tocar em terras tão distantes?

Mas um homem em Portugal, alli casado, alli havendo cursado as escolas de navegação, alli tendo conversado com os mais experimentados descobridores de terras novas, propóz-se ir á India em direitura. Christovam Colombo se chamava elle. Desenvolveu seu plano a D. João II de Portugal, que, ouvido o seu conselho, o rejeitou como impossivel.

Partiu Christovam Colombo para Genova, sua patria Persistente em seus designios, offereceu-se á republica para cumprir a obra imaginada. Nova recusa soffreu. O genio não fôra percebido. Resolveu-se a appellar para a Hespanha. Assistiu aos ultimos combates contra os mouros, acompanhou Isabel e Fernando em suas lides de guerra; conseguiu, por fim, que lhe dessem tres pequenas embarcações, caravelas miseraveis, e que, vistas hoje, mereceriam o desprezo dos navegantes, e a mofa do publico. Deixou em 1492 o porto de Palos, em Hespanha, em demanda das costas orientaes da Asia.

Após tempestades crueis, calmarias atormentadoras, ventos contrarios, revoltas da tripolação desanimada, eil-o que descobre terra nova a 12 de outubro: era a ilha de S. Salvador, na entrada do golfo do Mexico. Desta ilha passa ás de Cuba, Jamaica e São Domingos. Encontra povos que o espantam pela sua côr, costumes, usos, e ignorancia. Descobre ouro que elles não apreciavam, e que a Eurora procurava com anciedade. Volta á Hespanha para dar noticias do que vira, do que conhecera, do que proclamára dominio dos soberanos de Castella. Ao aportar em Lisboa, D. João II o tenta chamar a seu serviço para continuar nos seus descobrimentos. Mas Colombo recusa a seu turno as propostas portuguezas, volve á Hespanha, dedica-se ao serviço de Hespanha. Era a Asia, dizia-o Colombo, era

a Asia, diziam todos, que demorava nos mares em que tantas ilhas appareceram a Colombo, precursoras da terra firme.

Segunda viagem pratica em 1493, e novas ilhas descobre, umas após outras, como si os mares estivessem sementeados de ramalhetes de flôres. Depois de dous annos regressa á Hespanha a pedir mais poderosos meios para proseguir na sua empreza.

No entanto, correndo o anno de 1496, um veneziano, Sebastião Caboto, ao serviço de Inglaterra, perdido nos mares septentrionaes, descobre a terra de Labrador, e corre a costa americana até Florida, voltando á Inglaterra para recontar como prodigio o feito que commettera casualmente. Foi, pois, Caboto o primeiro europeu que avistou terra firme da America.

Só na sua 3ª viagem, effectuada em 1497, é que Colombo, percorrendo o golfo de Paríá, descobriu terra firme americana, tendo até então conhecido ilhas apenas, e tomado dellas posse em nome de Hespanha.

Ao itinerario mandado para Castella por Colombo, envia a côrte novos navegantes. Ojeda foi o chefe escolhido para a expedição de 1499. Segue a linha de Colombo pelo golfo de Paríá, e chega ao de Venezuela, onde desembarca, e proclama a soberania do seu monarcha. Ojeda foi assim o primeiro europeu que pisou terra firme americana.

Mais que nenhum povo se atirou então a descobrimentos maritimos o povo hespanhol. Terminadas as lutas com os arabes, após oito seculos em que de paes a filhos se transmittira o odio de raça, e o insaciavel e ardente instincto de batalhar, e destruir mouros, carecia o espirito guerreiro do povo hespanhol de novos elementos em que espraiasse sua ambição de aventuras.

Não havia mais guerras no interior; tornaram-se navegantes, descobridores de terras, acenados pelo exemplo de Colombo.

Colombo tomou, enfim, posse da terra firme. Um outro navegante hespanhol, Vasco Nunes de Balboa, atravessou depois temerariamente o isthmo, e descobriu o oceano Pacifico. Vicente Pinzon avistou, o primeiro, terras do Brasil, o cabo de Santo Agostinho, a que deu o nome de Consolação, e percorreu toda a costa até ao golfo do Mexico. Só em 22 de abril de 1500 é que o acaso deu em gloria a Pedro Alvares Cabral, que navegava para as Indias, em prosecução das empresas começadas por Vasco da Gama, o achado feliz, outro titulo se não pôde dar, de encontrar o Porto-Seguro, no centro da costa brasileira, para tomar posse do territorio que denominou Vera-Cruz, em nome d'el-rei D. Manoel de Portugal.

Para a Asia só se dirigiam até então os Portuguezes; mas para a America, após os Hespanhóes correram elles, e depois precipitaram-se os Inglezes, os Francezes, e os Hollandezes.

Por muito tempo foi ainda considerada pelos europeus esta parte do mundo como a costa occidental da Asia. Depois de 1503 espalhando-se cartas geographicas assignadas por um piloto florentino, de nome Americo Vespuccio, que acompanhára Ojeda em 1509, e depois os Portuguezes em varias de suas navegações, sempre como subalterno, e nunca como chefe de expedição, é que se começou a chamar America, nome que lhe ficou de todo desde que se reconheceu constituir um mundo novo, enão parte da Asia, como por varios annos se suppuzera.

Ao passo que os Hespanhóes se assenhoreavam de

todo o golpho, das suas ilhas, da Florida, do imperio do Mexico e do rio da Prata, e, dobrado o isthmo, do Perú, do Chile; os Portuguezes cuidavam de segurar suas posses no continente brazílico, os Inglezes se apoderavam da Nova Inglaterra e Virginia, hoje Estados da União Americana do Norte, os Francezes da Luisiania e Carolina, partes tambem actualmente da patria de Washington, do Canadá e parte de São Domingos, que povoaram com estabelecimentos de seus compatriotas. Os Hollandezes envolveram-se tambem nos descobrimentos e conquistas. No norte da America edificaram a cidade de Nova Amsterdam, que trocou depois o seu nome pelo de Nova-York, e a de Orange, que se appellida em nossos dias New-Haven, e nas Guyannas o burgo de Surinan, que ainda possuem.

Correram pacifica e mansamente estes factos de descobrimento, posse e colonisação da America para seus invasores?

Infelizmente não! Todos encontraram difficuldades, todos supportaram desastres, todos curvaram-se a calamidades não imaginadas, a todos custaram até sacrificios dolorosos e lamentaveis.

O primeiro inimigo que se lhes oppunha era o oceano. Quantos navios, quantas mercadorias, quantos homens, e muitos illustres, o oceano sorveu-lhes, devorou-lhes?

Já a India custára bem caro aos Portuguezes! Nos seus mares, nos da Africa intermediarios, que percorriam, deixaram vultos importantes, e leaes servidores do seu paiz! Nas lutas com os asiaticos, nos desertos africanos, feneceram miseravelmente bravos que mereciam louros e não morte affrontosa, o barbara! Duarte Pacheco na India, D. Francisco de Almeida ás mãos

dos cafres, Francisco Barreto no rio Guaná, Affonso de Albuquerque no mar, Sepulveda nos areaes da Africa!

Não foram mais felizes em relação ao Brazil, nem os outros povos seus competidores na conquista da America. Hollanda conta um varão de importancia, o descobridor de Nova-York, Hudson; Inglaterra numera Humphrys e Quarter; França Verozzani; Hespanha Nicuesa e muitos outros, e não houve povo que não lamentasse os violentos tufões do oceano, que em suas ondas furiosas sumiram tantos illustres navegadores.

Como si não bastassem as procellas moveções do mar, travaram entre si lutas todos estes povos para arrancarem uns aos outros as terras em que se estabeleciam. Os Francezes bateram-se contra Portuguezes em Pernambuco e no Rio de Janeiro, logo no meião do seculo XVI; depois no Maranhão, de 1612 a 1613, querendo os Francezes, que haviam edificado a cidade de S. Luiz, ali conservar seu dominio; no seculo seguinte, no Rio de Janeiro atacados os Portuguezes por frotas poderosas, os nomes dos Francezes Ville-gaignon, Rivardiére e Duguay-Trouin ficaram registrados nos annaes brasileiros.

Os Francezes bateram-se ainda com os Inglezes nas terras que formam a grande republica americana do norte, e por fim foram compellidos a ceder a estes a Luisiana e o Canadá, sendo expellido, do meião para o fim do seculo passado, de posses que tinham na America.

Os Hollandezes guerrearam os Inglezes no norte até que em 1661 perderam alli os seus estabelecimentos; com os Portuguezes na Bahia e Pernambuco desde 1630 até 1654; com os Hespanhóes por toda a parte.

Só lhes restando a colonia Surinam e algumas pequenas ilhas no golpho, viraram-se para a Africa e Asia, no intuito de possuirem colonias que lhes faltavam na America.

Os Inglezes lutaram com Portuguezes, Hespanhóes, Francezes e Hollandezes, e quasi todo o tempo que estiveram senhores da America não puderam depôr as armas contra inimigos estranhos.

Os Hespanhóes—esses foram os mais importantes possuidores da America, mas tambem os mais perseguidos, e as maiores victimas de Portuguezes, Inglezes, Francezes e Hollandezes.

Foi em combate que morreu o almirante hollandez Piet Heyen; foi em combate com Oquendo, hespanhol, que o bravo Pater se atirou, vencido, ao seio das ondas, preferindo-as para morrer a cahir prisioneiro de inimigos. Sem querer gastar-vos momentos preciosos com a enumeração de nomes e especificação de factos, afim de provar os horrores dessas guerras travadas entre os povos conquistadores, peço-vos licença para recordar-vos um episodio interessante, que exprime o pinta o modo por que se tratavam mutuamente os europeus invasores.

Os Francezes, na Carolina, fundaram uma fortaleza, por intermedio de Ribault. Os Hespanhóes a assaltam, e enforcam, pendurados em arvores, os prisioneiros, com um distico escripto atado ás cabeças: *Mortos, não por serem Francezes, mas por serem hereges.* Voltam os Francezes commandados por Gourgues, restauram o seu forte, enforcam igualmente e nas mesmas arvores os prisioneiros hespanhóes, fixando-lhes tambem outros disticos: *Mortos, não por serem Hespanhóes, mas por serem assassinos.*

E como os acolheram os gentios americanos? Prostrando-se, reconhecendo-os seus superiores? Não. Muitas tribus pacificas curvaram-se, cortadas de susto. Mas todos os invasores as trataram com barbaria, cruza, deshumanidade. Os Hespanhóes só queriam ouro, prata, metaes preciosos. O Perú, o Chile, o Mexico, deviam offerecer-lhes minas, os gentios trabalhar até se finarem a arrancar de suas veias o ambicionado elemento. Os Portuguezes exigiam mercadorias, páo-brazil, e os gentios deviam ser instrumentos da lavoura. Os Inglezes e Hollandezes afugentavam os gentios para os sertões, como entes diversos, não querendo ter com elles contacto. Os Francezes traficavam em reliquias, e bebidas alcoolicas, e, desmoralisando-os, os abatiam o destruiam.

Os gentios resistiram com denodo aos invasores. Travou-se o pleito por toda a parte. Custou rios de sangue, sacrificios de muitas vidas, a conquista do Mexico por Cortez, a do Perú por Pizarro. Solis, o descobridor do Rio da Prata, morreu a frechadas. Ayola, que primeiro se apossou do Paraguay, não escapou ao tacape gentio. Ponce de Leon, descobridor de Porto Rico, Garay, no Rio Paraguay, Lasalle no Canadá, Corte-Real no norte, Magalhães nas terras por elle patenteadas ao mundo, Souto no Mississipi, quantas nobres victimas!

Portugal, de doze donatarios, com quem D. João III repartio o solo brasileiro para como feudo o possuirem, povoarem e colonisarem, perdeu dous aos golpes crueis dos gentios, Vasco Fernandes Coutinho, da Bahia, e Ayres da Cunha, do norte. Felizes, não de todo, mas relativamente, foram só dous donatarios, Duarte Coelho, de Pernambuco, e Martim Affonso, de

S. Vicente. Os outros restantes despenderam no solo brasileiro tudo quanto possuíam, ás vezes, ás sombras da noite, ao assobio ameaçador do guerreiro indigena; ora por sorpresa nas proprias povoações, nos templos durante os sacrificios divinos tiveram que supportar lutas constantes, pertinazes, sanguinolentas. O primeiro bispo do Brazil, o reverendo Pedro Sardinha, em S. Miguel das Alagoas, soffreu o martyrio ás mãos barbas dos cahetés.

Dos jesuitas e missionarios empregados, oh! não se contam quasi as victimas, pela sua quantidade. Os Portuguezes, Francezes e Hespanhóes, no Brazil, no Canadá e no Rio da Prata, os empregaram como sentinellas avançadas da civilisação e da religião. Ao lado do guerreiro, adiante mesmo, partia o jesuita, expondo-se á morte, a catechisar gentios. Fomes, sedes, perseguições de toda a especie, supportavam, promovendo a grandiosa idéa de chamar á vida social e ao catholicismo tantas nações nomadas, que viviam como animaes bravios nos seios da florestas, sem conhecerem artes ou industria humanas. A massa pesada dos gentios, suas frechas envenenadas, arrancaram tantas vidas de jesuitas, alli, nos desertos, sem gloria, nem piedade! Expunham-se á morte os filhos de santo Ignacio com a mais heroica tranquillidade, alli, onde ella devia ser-lhes bem dolorosa, porque á agonia faltavam consolos, prantos aos cadaveres, e terra santa as sepulturas.

Foram os gentios domados pelos Portuguezes, Francezes, Hollandezes e Inglezes á força de armas, e tambem á custa da persuasão, e accommodações pacificas; pelos Hespanhóes trucidados até não ousarem mais resistir. Os que se não sujeitaram acolheram-se ás

brenhas interiores, escapando ás vistas e pesquisas dos invasores.

E as guerras civis que entre si proprios travaram os Hespanhóes! Pedrarias manda decapitar Vasco Nunes de Balboa, o audaz descobridor do mar Pacifico. Os Pizarros assassinam Almagro, o domador do Chile. Pagaram, um na forca, e o outro á ponta do punhal, o attentado commettido contra seu companheiro de armas. Muitos dos heróes dessas empresas gigantescas tentadas contra a America, definharam na miseria e abandono, por intrigas que das proprias conquistas partiram para os comprometter perante seus governos, e ahi está o exemplo na penuria e desespero em que acabaram Cortez, Ojeda e o proprio Colombo!

Não deveria a noticia das riquezas da America incitar igualmente os europeus malevolos, que não puderam ser nella empregados legalmente pelos seus governos? Commettiam-se sómente expedições mandadas pelas autoridades metropolitanas?

Oh! que não, desgraçadamente! A escoria das sociedades europeas, essas fézes que envergonham e infamam todas as nações, entenderam que, assim como na terra se formam quadrilhas de salteadores para roubar e assassinar os viajantes, podiam-se ellas crear nos mares, e os varrerem e espantarem com suas correrias atrozes.

Corsarios, piratas, facinoras se atiraram aos mares em embarcações adrede arranjadas. Particularmente Inglezes, Flamengos e Francezes, açoutaram e depredaram extraordinariamente o commercio. Batiam-se até com frotas regulares armadas. Tornaram centro de suas depredações varias ilhas do golpho do Mexico. Chamaram-se, reunindo-se em sociedades, irmãos de

costella, fribusteiros, e por toda a parte navegavam, espianando presas, tomando navios, apoderando-se de ricos thesouros e assassinando as tripolações. Os Hespanhóes e Portuguezes foram as principaes victimas de seus feitos hediondos. Os productos, o ouro, a prata da America tornaram-se seus despojos de guerra.

Um Francez, Jacques Sore, apresou um navio portuguez que trazia ao Brasil trinta e nove jesuitas, á cuja frente se achava o padre Ignacio de Azevedo, nas alturas da ilha da Palma. Todos os filhos de santo Ignacio, toda a tripolação, foram passados a fio de espada. Outro pirata, encontrando a frota em que de Lisboa se dirigia para a Bahia o segundo governador nomeado, D. Luiz de Vasconcellos, nem a vida do proprio governador poupou, e o oceano ficou coalhado de cadaveres.

Quantos episodios interessantes se deparam nas paginas dessa historia do descobrimento, posse e conquista das Americas para o futuro poeta, para o romancista inspirado, que pretender saccar dos annaes do passado dramas e narrações cheias de movimento, de vida, de peripecias sangrentas e commovedoras!

E quando raio a época propria da emancipação das colonias, quando os americanos descendentes dos europeus entenderam que era chegado o tempo de se governarem por si, quando travaram as lutas terriveis da sua independencia, que combates e guerras igualmente sanguinolentas!

A independencia praticou-se, primeiramente nas colonias inglezas em 1776; depois, nas outras partes da America, cada uma a seu turno. Já no seculo XVII tinham os Hollandezes abandonado suas posses, restando-lhes apenas Surinan e pequenas ilhas; no seculo

XVIII os Francezes, guardando somente a Guyanna, e algumas ilhas como Guadalupe e Martinica; na mesma era os Inglezes, reservando para si o Canadá e o norte da America, e uns pedaços da Guyanna, e a ilha de Jamaica. Os Hespanhóes perderam suas possessões americanas de 1810 em diante, segurando ainda hoje, todavia, as ilhas de Cuba e Porto-Rico. Os Portuguezes em 1808, sim, em 1808, tiveram de vêr nascida a emancipação do Brazil, e nem um palmo de terra lhes ficou de suas antigas colonias americanas.

As colonias inglezas formaram uma republica, logo ao principio; reuniram-se os varios Estados, e tanto têm prosperado que não só se conservaram sempre unidas, como augmentaram posteriormente seu territorio por meio de compras e guerras; o Canadá as não quiz acompanhar na independencia por ser povoado de Francezes sujeitos a inglezes, e de Inglezes metropolitanos, e terem sempre vivido separados dos seus vizinhos do sul, dos quaes eram em extremo ciosos. O Brazil continuou com instituições monarchicas, guardando sempre um corpo inteiro, sem que se desfalcassem de um palmo de terra. As colonias hespanholas, que eram divididas em quatro vice-reinados hespanhóes, retalharam-se em muitas e pequenas republicas, que quasi sempre têm sido victimas de anarchias e dictaduras, sem que tenham podido attingir a tranquillidade dos Estados-Unidos da America do Norte.

Donde provém esse resultado? É uma questão interessante a debater, e me parece facillima de resolver.

O espirito republicano era o proprio das colonias inglezas. Póde-se dizer que os Estados que obedeciam á Grã-Bretanha viviam já republicanamente, com todas

as liberdades civis, camaras municipaes, e assembléas proprias, costumes, indole e tendencias liberaes, governos por si mesmo eleitos, liberdade de consciencia, liberdade politica, liberdade de imprensa, liberdade de ensino, liberdades civis e individuaes. Na passagem da colonia á nação emancipada não houve abalo nos espiritos, nas leis, e nem nos costumes. Estavam educados para a liberdade republicana. Formou cada Estado suas instituições, e uma lei geral federativa ligou seus membros politicamente afim de formarem uma só nação.

Ahi foi o espirito republicano o santelmo da nova nação, porque ella possuia para instituições republicanas todas as qualidades e virtudes proprias, toda a educação e costumes, e indole, adaptadas para este regimen livre

No Brazil foi o espirito monarchico que, continuado no espirito e coração do povo, tornou-o uma só nação.

As instituições sociaes não se improvisam nos gabinetes dos sabios, e nem nas assembléas dos legisladores. Para durarem, carecem de estar enraizadas nos usos, na educação, nas tendencias, na alma do povo. De outra sorte, desaparecem como o sonho do poeta.

Um paiz, um povo, não se adapta a instituições para que não esteja preparado pelo tempo, pelos costumes, pelas tendencias do espirito, pela educação. Todas as instituições são boas quando possuem estes requisitos. Todas são más, si estão em contradicção com a natureza dos homens que têm de ser por ellas governados.

Os Estados-Unidos não podiam formar senão uma republica, o Brazil senão uma monarchia. O que não fôsse isto, era a revolução, era a anarchia.

Note-se: quando fallo em monarchias, e particularmente na America, não as quero como as européas dos antigos tempos. A epocha tendepara a liberdade e para a democracia. A America dispõe de condições especiaes, que não são as da Europa.

Uma monarchia na America deve ser cercada de instituições livres, digamos mesmo, instituições republicanas: e é essa monarchia que a nossa Constituição Política sabiamente traçou no seu plano admiravel.

Assim, a monarchia será republica com todas as liberdades desta fórma de governo. Eleições livres de legisladores, parlamento livre, ministros tirados da maioria das camaras, municipalidades emancipadas, provincias com direitos proprios, justiça rigorosa, o povo, emfim, governando-se por seus mandatarios. A differença consiste em que o primeiro cargo do Estado torna-se neutro ás lutas, aos partidos, ás facções politicas. O primeiro cargo do Estado fica permanentemente ligado á sorte do paiz, hereditariamente possuido e exercido por uma dynastia. Lá não chegam as paixões humanas, sempre em luta e agitação. O chefe do Estado não representa senão o interesse geral, a opinião nacional no seu sentido e tendencias mais elevadas e sublimes. Nas republicas é o alvo das competencias, torna-se periodicamente occupado por um homem que representa o triumpho de um partido, sem o respeito geral que cumpre angariar-lhe para lhe dar todo o prestigio. Um presidente de quatro ou cinco annos de republica não offerece as garantias de imparcialidade, moralidade e interesse nacional, que se observam em um monarcha, cuja sorte e da familia está intima, estreitamente unida á do paiz á cuja frente se acha.

A differença está, pois, na exclusão das ambições particulares áquello unico cargo para que elle impoñha o respeito geral. As ambições sejam dirigidas para outros secundarios, convirjam para o governo politico e administrativo, para o parlamento, para a influencia social.

Ora, o principio monarchico é o que estava plantado e enraizado no coração, na educação, na indole, nos usos, nos costumes, nas tendencias dos Brasileiros. O Brazil, para ser unido e prospero, não podia emancipar-se, adoptar outra fôrma de governo, annexando-lhe todas as liberdades civis e politicas que se gosam em republicas.

Felizmente ao Brazil não faltaram estes requisitos. Em 1807, Napoleão I, querendo expellir de todos os portos e territorios europeus a seus inimigos, os Ingleses, e fechar-lhes assim o contacto com a Europa, entendeu dever apossar-se de Portugal. Para lá chegar carecia de Hespanha. Seduziu o ministro preponderante de Carlos VI, o celebrisado D. Emmanuel Godoy. Levou-o a assignar o tractado de Fontainebleau, pelo qual se dividia o territorio portuguez em tres partes, a central para a França, a do norte para a Hespanha, e a do sul para D. Manuel de Godoy. Ambas as nações, Hespanha e França, deviam simultaneamente tomar posse do territorio portuguez, perdendo a dynastia de Bragança seus direitos á corôa que possuia.

Assim se fez. D. João VI, então regente de Portugal, transido de susto, fugiu de Lisboa com toda a côrte, familia e thesouros, abandonando seu reino, que não podia defender contra a voracidade dos invasores. Fundou capital no Rio de Janeiro, tornou o Brazil

metropole dos dominios ain da existentes portuguezes, e a cidade do Rio de Janeiro séde da monarchia lusa.

Isto praticou-se em 1808.

Os Francezes e Hespanhóes tomaram conta do reino de Portugal. Os Inglezes, senhores dos mares, fecharam as communicações entre Portugal e todos os seus antigos dominios. O Brazil ficou governando a Africa, a Asia, e ilhas dos Açores e Madeira, que pertenciam a Portugal.

Quando annos depois os Francezes foram expellidos de Portugal, e os povos lusos restauraram o dominio da casa de Bragança, o Brazil é que era a metropole, Portugal tornou-se colonia, mudados os papeis dos tempos passados. Os governadores de Portugal foram nomeados no Rio de Janeiro, como outr'ora em Lisboa o haviam sido os do Brazil. As ordens e leis para serem executadas em Portugal partiam do Rio de Janeiro. Durou alguns annos esta situação. Os portuguezes desesperavam-se com ella, e por fim em 1820, praticaram uma revolução proclamando regimen liberal, e chamando a côrte para Lisboa, si ella não quizesse perder o dominio do solo portuguez europen. Foi talvez mesmo primeiro motor da revolução, não a idéa liberal, que começava a propagar-se pelo mundo, que incendiára Hespanha, Napóles e Sardenha, mas sim a anciedade dos Portuguezes da Europa de terem consigo seu rei, deixarem de ser colonos do Brazil, como elles proprios se appellidavam, e restaurarem a antiga monarchia e metropole dos Estados lusos.

Foi em 1821 obrigado assim D. João VI a deixar o Brazil. Não o quiz, porém, confiar senão ás mãos e autoridade de seu filho primogenito, o príncipe

D. Pedro de Alcantara; porque previu que se faria nação independente. Restituiu-se a Lisboa a côrte; mas no Rio de Janeiro ficou tambem côrte; dividindo-se a familia. O rei em Portugal, o herdeiro do throno no Brazil.

O parlamento portuguez, porém, não quiz aceitar estas deliberações do rei. Pretendeu arrancar do Brazil com multiplicadas resoluções legislativas o principe real, a fim de tornar a reduzir o Brazil a colonia. D. Pedro, antevendo ficar em Portugal curvado ao jugo do parlamento, como estava seu pai; irritado contra as injurias que os deputados portuguezes lhe dirigiam constantemente; amando já o Brazil como sua patria, porque nelle passára o melhor tempo da vida, uniu sua sorte á do seu paiz adoptivo, com este proclamou a independencia em 1822, cingindo a corôa imperial, e fundando a dynastia bragantina egualmente no Brazil e no ramo varonil e directo.

Assim, pôde-se dizer que de facto a independencia do Brazil se fez em 1808, de direito o povo a proclamou em 1822, e Portugal foi compellido a reconhecê-la em 1825.

As colonias americanas hespanholas datam mais ou menos a sua independencia de 1810.

Napoleão I zombára de Hespanha com o tratado de Fontainebleau. Em vez de dar-lhe e a Godoy partes de Portugal, governou-o todo por seus proconsules. Pretextando necessidade de collocar em Hespanha tropas francezas para se communicarem com as que tinha em Portugal, assenhoreou-se de varios pontos de Hespanha, incitou a revolução contra Carlos IV, fomentou o filho Fernando VII a levantar-se contra o pai. Proclamando o desejo de aplacar estas lutas intestinas,

chamou-os todos a Bayonna, e apoderou-se de Madrid, ainda como aliado de Hespanha. Em Bayonna obrigou o pae e o filho a abdicarem o corôa dos Philippes em José Bonaparte, seu irmão, que logo collocou no throno hespanhol.

Os Inglezes não reconhecendo o facto caviloso de Napoleão I, trancaram as communicações entre Hespanha e suas colonias americanas. Estas acharam-se desgarradas da metropole e com governos proprios. Umás crearam juntas suas, depondo as autoridades hespanholas nomeadas pelo governo hespanhol, outras continuaram com os chefes europeus que as dirigiam, obrigando-os a concessões ao povo.

Á Columbia, em 1809, cabe a iniciativa da revolução.

Quando Fernando VII voltou a cingir a corôa hespanhola, já não achou as colonias americanas dispostas a obedecer-lhe. Dahi a guerra de que resultou a total independencia das possessões de Castella.

Constituidas independentes, o que cumpria ás colonias hespanholas adoptar em instituições e governos? Ellas eram, como as portuguezas, dedicadas á idéa monarchica; nenhuma virtude ou quali ade possuíam para serem republicanas.

Foram, todavia, infelicissimas. Não tinham principes de casas régias para monarchas. Homens de Estado perspicazes comprehenderam que só o systema monarchico lhes convinha. Belgrano e outros espiritos eminentes de Buenos-Ayres pretenderam logo, em 1810, crear uma monarchia no Rio da Prata para D. Carlota Joaquina, consorte de D. João VI, como filha legitima de Carlos IV de Hespanha e irmã de Fernando VII. A princeza aceitou, entrou com elles

em relações e convenios. Mas D. João VI, arrastado por lord Strangford, diplomata inglez influente no Brazil, e que só perdeu sua força e predominio quando o conde da Barca subiu ao ministerio, negou á consorte licença para partir para Buenos-Ayres, como estava convencionado. Não podendo assim tê-la para governal-os, os povos do Prata se offereceram ao governo inglez para suas colonias, e, recusados, mandaram pedir a Fernando VII de Hespanha que lhes desse para rei seu irmão Francisco de Paula. Repellidas suas supplicas, viraram-se para a côrte de França, e o duque de Montmôrency, ministro de Luiz XVIII, lhes prometeu o infante de Parma. Soffreram ainda uma decepção, não obtendo este principe. No congresso de Tucuman de 1816, pensando sempre em monarchia para o Rio da Prata, propoz-se para rei um descendente dos Incas, que se iria buscar ás eminencias dos desertos do Perú. Falhada ainda esta tentativa, não houve recurso senão em adoptar a fórma republicana.

Os povos do Mexico, por seu lado, expulsos os Hespanhóes, pediram a Fernando VII um rei: rejeitadas suas solicitações, crearam um imperio, e aclamaram a Iturbide imperador. Mas, minhas senhoras e senhores, si as instituições nada valem improvisadas, as monarchias de eleição são tambem improvisos, que não podem durar!

Os reis, para terem raizes e solidos alicerces, precisam pertencer por direito ás dynastias reinantes. O direito hereditario é sua força moral. As eleições e aclamações de monarchas pelos povos e assembléas, até mesmo de raças e dynastias reinantes, são effeitos de paixões do momento e de enthusiasmo sem base. As tradições, o direito hereditario, que se denomina

divino, são as unicas garantias de sua segurança e duração. As eleições são mudaveis como as paixões e idéas dos homens! É mister ser, na phrase de um grande publicista francez, do madeiro de que se fazem os reis.

Iturbide cahiu logo depois. O Mexico não teve recurso senão na republica.

Mas a republica apanhára estes povos de surpresa, sem costumes, sem usos, sem tendencias á verdadeira e real liberdade, que é objecto de razão, estudo e educação, e não de *prima facie* accitavel, e nem basta estar escripta nas leis, consignada nas instituições. É preciso a sciencia dos direitos e deveres, e virtudes, para se conterem os espiritos na orbita indispensavel da moral, da justiça, da imparcialidade, da tolerancia.

Todavia sou o primeiro a dizer que só o systema republicano lhes restava, e não havia remedio senão adoptal-o de coração, preparando a educação do povo para comprehendel-o bem, e seriamente pratica-lo. Só o tempo, porém, conseguirá este beneficio. Faço votos para que se eduquem estes povos, e que a experiencia e o tempo os tornem cidadãos como os dos Esta dos-Unidos da America do Norte. Não são as virtudes privadas as necessarias. Os povos oriundos de Hespanha as cultivam; são indispensaveis, particularmente para o systema republicano, virtudes politicas. Só ellas moderam as ambições, ellas poupam perturbações, ellas evitam revoltas e anarchias. Póde-se possuir virtudes privadas, mas faltar ao povo virtudes politicas. Ahi estão para prova os proprios Estados-Unidos da America do Norte. Ha grande corrupção na sociedade, nos caracteres, nos homens; mas ha virtudes politicas em todos, que se curvam ás leis, e, sem deixar offender nenhum dos seus direitos, respitam os dos outros, e submettem-se ao

imperio da lei, calando-se as ambições individuaes diante do interesse geral, e praticando-se a grande virtude da paciencia, para fazer-se vingar legalmente as idéas que se pretende. Não é com a desordem que se pôde formar a ordem; não é com conspirações que novos governos se fundam. É mister adoptar as instituições de seu paiz, quando mesmo não se tenha concorrido para organisal-as, para pelos meios legaes as ir melhorando, modificando e transformando.

O que resultou para as colonias hespanholas da circumstancia fatal de serem compellidas a aceitar um regimen para que não estavam ainda preparadas e educadas convenientemente? Foi que passaram das guerras da independencia para as civis e domesticas. A anarchia, a violencia, a caudilhagem, as dictaduras dominaram, revoluções permanentes appareceram umas após ou tras, constituições politicas que escreviam ou decretavam os congressos, no dia immediato eram logo abrogadas; os quatro vice-reinados, que formavam quatro grandes nações, retalharam-se em cerca de dezeséis republicas, algumas tão pequenas e miseraveis que subsistem por milagre da Providencia!

Penso que com o tempo hão de formar bons governos republicanos; o que é preciso é experiencia, educação, costumes, virtudes politicas.

Custaram bastantes sacrificios á Europa, devemos reconhecê-lo, o descobrimento, posse e colonisação da America. Não foram, porém, compensados?

Sim, e com usura. Que importa que essas colonias se emancipassem, quando reconheceram suas forças proprias, quando lhes sorriu a idéa feliz de se governarem por si, quando perceberam que tinham compatriotas e americanos para as dirigirem, e não precisavam mais

de o bedecer ao jugo pesado das metropoles, que só tratavam de locupletar-se á sua custa, de chupar-lhes até á ultima gotta a seiva de suas entranhas?

Si não era sufficiente a riqueza que receberam, quer em metaes preciosos, quer em mercadorias colonias, quer em tributos e alcavalas, com que curvavam os povos colonos, quanta gloria lhes não resultou? Como desenvolveram suas industrias, seu commercio, sua navegação e suas artes? Como propagaram os conhecimentos scientificos? Como empregaram o superfluo de sua população, que não tinha meio de vida na metropole patria? Como pagaram serviços relevantes de seus varões illustres, com concessões de governos, lucrativos legitimamente, lucrativos em excesso pelas extorsões e roubos que commettiam? Espantamo-nos quando lemos nos livros latinos, com que nos educamos, os feitos dos famosos proconsules romanos, que voltavam á Roma cheios de riquezas fabulosas, arrancadas ás desgraçadas victimas, cujo governo lhes fôra incumbido? Pois não menos terror nos deve causar a narração dos vice-reis e governadores, e capitães-generaes, que governaram as colonias hespanholas e portuguezas. Não atravessava o oceano não soava na metropole o gemido das victimas, e menos ainda chegava aos pés dos thronos; mas quando por acaso repercutisse alli, o que era um colono diante de um fidalgo prepotente?

Si perderam muito os europeus com a emancipação das suas colonias americanas, não devem orgulhar-se, particularmente tres, Inglaterra, Portugal e Hespanha, de haverem creado nações novas com sua propria raça, para no futuro da civilisação, que está reservado á America, guardarem intactas suas linguas, suas

gloriosas tradições, sua litteratura, seu genio, seu caracter, embora modificado pelos tempos, pelas distancias, pelo clima, que operam lenta e progressivamente sobre tudo e todos?

Sim, partilharam-se, dispersaram-se as familias, novas casas se fundaram ; mas a origem é a mesma : e, pois, sejamos americanos, sim ; mas, arrancando da historia os documentos precisos, honremos o passado dos nossos antecessores, e conservemos honrada a sua memoria, e respeitado o seu nome.

(Muitos e repetidos applausos repercutem em todo o auditorio).

CURSO DE HISTORIA

Quinta Conferencia

Intenções da Europa sobre a America; systemas de colonisação, escriptos publicados a respeito.

Minhas senhoras e senhores!

O assumpto que deve hoje occupar-nos não tem, de certo, a amenidade que caracterisava as outras conferencias litterarias, em que o espirito se deixava arrastar, de alguma maneira, pelos vôos da imaginação, o coração se exaltava, a poesia se deramava em ondas, e o auditorio se commovia, enthusiasmava e se enternecia.

Mas deve concentrar algum interesse, chamar alguma attenção, porque é todo historico, e si não alegra os ouvidos, e nem electriza os animos, contém, todavia, sua importancia, porque esclarece e ensina.

Carecemos, em continuação dos estudos começados, estudar e descobrir que idéa formavam as metropoles

européas de suas colonias americanas, que interesses ou intenções nutriam a seu respeito, e não o podemos conseguir senão por meio de uma analyse das obras publicadas e documentos conhecidos dos seculos xvi, xvii e xviii.

Prestai-me, portanto, vossa benevolencia habitual; trocai commigo aquella confiança e sympathia, que nos têm ligado, e que considero um dos mais honrosos testemunhos de estima, de que guardarei toda a vida reminiscencia firme e indelevel.

No meio da immensidade de escriptos e obras publicadas na Europa sobre as colonias americanas, durante os tres referidos seculos, tres se apresentam com character e tendencias geraes sobre a America; todas as mais são relativas a duas até tres colonias, ou restrictas a uma só dellas.

Das tres obras geraes, a primeira pertence ao seculo xvi: é a collecção de Ramusio; a segunda ao seculo xvii: é a historia do Novo Mundo, por João de Laet; a ultima ao seculo xviii: é a historia philosophicados descobrimentos e conquistas das Indias, pelo abbade Raynal.

Ramusio era um veneziano instruido, e que formou uma collecção de viagens, descripções, narrativas, e publicações de quantos escriptores trataram da America: obra importante para se fazer idéa do que pensava a Europa quando descobriu a America: nada mais.

João de Laet, grande talento e espirito atilado, escreveu no seculo xvii uma historia geral da America sobre o que se publicára e se conhecia até seu tempo. Ahi ha muito que aproveitar, porque o autor mostra prespicacia, sciencia, discernimento, instrucção, animo

investigador. Na parte hespanhola, franceza, ingleza e hollandeza, reúne, concentra, e agglomera o que muitos, disseram antes d'elle, e se contém observações judiciosas. Na parte portugueza, é notavel até porque confessa que extrahiui esclarecimentos valiosos de uma historia do Brazil composta por um brasileiro jesuita, nascido em S. Paulo, Manoel de Moraes, que se asylára em Hollanda, depois de trocar a religião catholica pela protestante, pelo que fôra queimado em effigie em auto de fé pela Inquisição de Lisboa. Pena é que essa historia de Moraes se tivesse perdido, não havendo jámais sido publicada.

Raynal pertencia á escola encyclopedista de França; seguia as pisadas de Voltaire e Montesquieu, que com seus escriptos aspiravam governar o mundo, dirigindo os espiritos. Mas Raynal era dotado de talento mediocre, e sua obra, além de nenhuma noticia dar original, não é fundada em documentos sérios, e se deve reputar apenas um tratado de theorias declamatorias com o titulo de philosophicas.

Para alcançar dados mais seguros, precisa-se das chronicas e obras particulares, e especialmente de cada um povo conquistador a respeito de suas respectivas posses. Sobre as alheias eram todos deficientes, e mesmo ignorantes, porque a politica que seguiam com uniformidade consistia na prohibição de contacto de suas colónias com estrangeiros.

Comecemos nosso estudo pelas colonias inglezas.

Após os Hespanhócs e Portuguezes, foram os Inglezes os mais denodados conquistadores da America. Descoberta a costa da America do Norte desde a Terra-Nova até quasi o golpho do Mexico por seus navegantes, trataram de firmar posse. Reinava Isabel.

filha de Henrique VIII. Por adulação á rainha, que se chamava virgem, concedeu-se á terra toda o nome de Virginia. Foi ella doada a um dos seus mais dilectos favoritos, Raleigh, para a possuir como feudo, com todos os privilegios e suzerania de barão da idade média. Raleigh perdeu seu tempo, seus capitaes, os dos seus amigos, e seu proprio irmão, na conquista e posse da terra. Não houve remedio senão abandonal-a. Thiago I concedeu-a então a uma companhia de especuladores, para a povoar e lavar, sob condições duras e pesados onus, fundando a instituição do communismo. De feito, foi sob este systema verificado o primeiro ensaio de colonisação ingleza. Dava-se a terra para cultivar, e não como propriedade, e nem fôro ou arrendamento. O producto pertencia á companhia, que concedia uma porcentagem ao colono.

Foi cousa notavel que a colonisação só se computasse de homens, e que, entre Inglezes e gentios accendidas sempre guerras, não se alliavam os povos. Então a companhia mandou de Inglaterra, por diversas vezes, de 1614 a 1622, expedições de mulheres. Dizem os escriptores do tempo que se procuravam mulhres virgens e puras das familias pobres, para serem boas esposas e mães de familia (*risadas*). Quando o carregamento chegava ao porto americano, vendia-se a mulher ao homem que com ella se casasse immediatamente (*risadas*).

Como nesse tempo não havia moeda na Virginia-praticavam-se os escambos com o tabaco: era o genero de producção mais valioso, e formava um commercio já importante. O preço da mulher era o computo das despesas da viagem, e uma porcentagem á companhia pelos adiantamentos á colonia. As mulheres que chegaram á Virginia em 1620 custaram, portanto, aos

colono
de ta

As
socie
sador
as flô
ingle
mães

Na
porqu
mular
men
Carlo
Esta t
progr
quant

A
direite
blés
juizes,

Alé
Norte
dezes,
inglez
posses

Tod
cando
Delaw

A r
vel q
seitas
officia
mada

colonos, que as compraram, cento e cincoenta libras de tabaco (*hilaridade prolongada*).

Assim formou-se a familia, assim organisou-se a sociedade colonial sob o ponto de vista mais moralizador, e proveitoso: assim é que as mulheres, que são as flôres da vida e do mundo, povoaram as possessões inglezas ao começo, e se constituíram boas esposas, e mães excellentes e exemplares.

Não lucrando com o seu systema a companhia, e porque o communismo desanimava, em vez de estimular o trabalho do colono, e levava este a fazer o menos que podia, foi ella dissolvida, e no tempo de Carlos II concedeu-se á Virginia carta de liberdade. Esta terra partindo-se depois em varios estados pelos progressos da povoação, comprehendia então todos quantos vão desde a Georgia até ao norte.

A carta de liberdade dava aos habitantes todos os direitos de cidadãos inglezes. Podiam ter suas assembleas para a administração local, nomear autoridades, juizes, e governar-se por si e domesticamente.

Além desses primeiros Inglezes, outros povos do Norte da Europa para ahi se dirigiram. Os Hollandezes, por não quorem submeter-se ao governo inglez, e aos Inglezes da terra, foram expellidos das possessões que fundaram em New-York e New-Albany.

Todavia muitos alli se deixaram permanecer, trocando de governo e patria. Os Suecos povoaram o Delaware, e os Allemães a Pensylvania.

A raça ingleza, porém, em maioria tanto mais notavel quanto cresceu dahi; por diante a immigração, de seitas dissidentes religiosas, escapando a perseguições officiaes na metropole, como particularmente a chamada dos peregrinos, que se tinham refugiado em Leyde,

na Hollanda, e dahi se transplantou para a America, e fundou New-Plymouth; a raça ingleza, digo, foi dominando e curvando os elementos estranhos, absorvendo e uniformizando toda a população. Da liberdade religiosa é que procedeu ahi, particularmente, a liberdade politica. A sociedade foi só civil, não religiosa. O estado governou as pessoas, os bens, os corpos, os contratos; as differentes religiões governaram só a consciencia; cada religião levantou sua igreja, nomeou seus ministros e promoveu particularmente os seus interesses. O Estado não entrou em questões religiosas; deu a todas as seitas plena liberdade.

É isto o que se depreheende dos escriptos do seculo XVI, de Hackluit, Drake e Grenville: dos do seculo XVII, de Higgson, Wood e Bullock; das historias de Niel, Nova-Inglaterra, Brawfords, de Plymouth, Beverley, da Virginia; das relações do capitão Smith, e dos escriptos do celebrado escossez Robertson, do seculo XVIII.

Robertson comprehendeu na sua historia da America, além das possessões inglezas, partes e colonias hespanholas. Nada, porém, adiantou quanto a estas ultimas. Esta obra, como a historia da Escossia e a de Carlos V pelo mesmo autor, pecca por falta de exames e estudos seguros, quanto ás fontes e documentos: brilham todas pelo vigor do estylo e bem delineado do plano.

Tornaram-se obras classicas inglezas pela linguagem; mas não se podem chamar historias, no sentido em que hoje estabelecemos as leis, as normas, os deveres, as qualidades e particularidades da historia. Em todos os escriptos inglezes que tenho citado, não ha propriamente historia; ha chronicas dispersas, e mais positivas

que romanticas. A historia que se organisasse tinha de ser dellas extrahida, e das actas das camaras e governos locais; mas pouco disseram ellas sobre os indigenas, quasi nada de suas lendas. Smith conta apenas a historia de Pacahontas, que o soltou da prisão, mais para narrar ali successo seu proprio que para fazer brilhar aquella bellissima figura de mulher que o salvou da morte e abandonou seus compatriotas para ir definir e morrer em Inglaterra.

As colonias americanas inglezas, que no seculo XVII receberam direito de negociarem e communicarem com os estrangeiros, o que nunca as colonias americanas dos outros povos alcançaram, puderam levantar-se, proclamar sua independencia, e, sem transformação quasi de instituições e leis, formar uma republica, logo que a metropole lhes quiz lançar impostos, a que sua legislatura local se não conformava.

O que queria a Hollanda na America? Fundar colonias poderosas, ricas, importantes, arrancando o solo aos que o possuiam. Inimigos dos hespanhoes, os hollandezes, desde que no seculo XVI, quebraram o jugo de Philippe II, e formaram um estado livre e republicano; industriosismos, trabalhadores, navegantes, precisavam de terras além da Europa, afim de se estenderem e progredirem. Aproveitaram-se do dominio hespanhol em Portugal, de 1580 a 1640, e se apoderaram de possessões portuguezas, que bem pouco se importava Hespanha de defender. Que bellas joias roubaram, assim, á terra de nossos avós na India e Oriente! Pois não contentes ali, ambicionaram o Brazil, já conhecido pela fertilidade do seu solo.

Como não causa estima e admiração esse pequeno povo da Hollanda, estabelecido em uma área de terreno

no fundo da Europa, conquistada sobre o mar, toda artificial, luctando diariamente para se oppôr a uma inundaçãõ do oceano, contido apenas por trabalhos hydraulicos, e que parece estar mais elevado que a terra e ameaça-a tragar a todo o instante; solo tão artisticamente trabalhado, cidades tão limpas e asseidas, governo tão livre, e populaçãõ abrindo os braços a todos os foragidos, aos judeus portuguezes e hespanhoes, aos protestantes francezes, aos sectarios religiosos perseguidos em Inglaterra!

Hollanda, com uma companhia denominada das Indias Orientaes, tinha já conquistado e dominado grandes porções da India portugueza; creou, *ad instar*, outra companhia para as Indias Occidentaes, isto é, para o Brazil, com sêde em Amsterdam e Haya, camaras nas cidades differentes, capital de sete milhões de florins que depois se elevou a dezoito milhões, e obrigaçãõ de no fim de trinta annos transferir suas conquistas para o estado. A Bahia foi escolhida para ponto de ataque. A Bahia foi, de feito, tomada pelos Hollandezes em 1624. Os esforços, porém, dos portuguezes da terra, e alguns poucos auxilios que de Lisboa lhes chegaram, obrigaram os Hollandezes a abandonar a conquista logo no anno seguinte. Viraram-se então para Pernambuco, e em 1630 apoderaram-se da capitania, e com o tempo se foram estendendo para o Sul até ao rio S. Francisco, e para o Norte até ao Maranhão. Tiveram o Brazil sob seu dominio até 1654, domando os portuguezes residentes, e fundando uma colonia propria e fortificada.

Para o Brazil transportaram os Hollandezes um governo particular, chefe civil e conselho director, autoridade militar separada da administrativa,

camaras de eschinos para os negocios domesticos, liberdade de religião, com excepção da catholica, pelo receio dos portuguezes, que eram obrigados a ouvir missa nos campos, ao ar livre, quando judeus, calvinistas, lutheranos e varias seitas possuíam templos proprios nas povoações.

A prova de que a Hollanda depositava no Brazil grandes esperanças, não está só nas grandes obras que levantou em Pernambuco, nos exames minuciosos a que procedeu nas costas maritimas, portos, enseadas e rios, nas cartas levantadas do seu territorio, no governo e administração que iam fundando, no estudo do solo e mais produções que promoviam. Está nos escriptos importantes que publicou, nos documentos historicos que imprimiu, ou que se acham ainda hoje guardados como thesouros no archivo da companhia, em Amsterdão.

A geographia e chorographia foram estudadas com cuidado: ali estão as cartas e trabalhos de Vooght e Linschott; a historia natural, tanto na zoologia e botanica, como na mineralogia, desenvolve-se em obras importantes como as de Pizon, Macgraff e do brasileiro André de Velosino, que á Hollanda se recolheu, e que deixou documentos comprobatorios de seus conhecimentos scientificos; resplendem os annaes importantes de Arnaldo Montano, de Aitzema, de Laet, as relações de Rouleaux Baro, Moreau o Rabbi: sobretudo brilha o monumento historico de Barlcous sobre o governo de Mauricio de Nassau, no Brazil hollandez, como chamavam á sua possessão, e que é um escripto no genero das obras de Sallustio ou de Cesar, compendiando um acontecimento grandioso, e gravando-o no bronze com o cinzel de um artista primoroso. De Suri-

nam e Cayenna não haviam feito tanto caso como do Brazil, que foram, entretanto, compellidos a abandonar em 1654.

Vejam agora o que queriam, pensavam e praticavam os francezes, possuidores de algumas ilhas do golpho do Mexico, da Luisiania e do Canadá, e por algum tempo do Rio de Janeiro, do Maranhão e da Florida.

Não tiveram plano senão o de seguirem o exemplo dos outros povos, procurando possessões ultramarinas, e pondo o pé egualmente na America. Procuraram muito as relações e amizade dos gentios, posto que estes lhes não correspondessem aos affectos, suspeitosos como eram na maxima parte. Para o Rio de Janeiro mandou Coligny uma expedição de calvinistas afim de fundarem uma colonia, pelo meiado do seculo XVI. O chefe Villegaignon harmonisou-se com os Tamoyos, mas brigou com seus proprios correligionarios e compatriotas; prendeu uns e enviou-os para a Europa; perseguio outros; e por fim, corrido do paiz pelos portuguezes, abjurou sua religião pela catholica. No Maranhão fundou Rivardiére, no seculo XVII, a cidade de S. Luiz, mas não a pôde sustentar contra o valor dos portuguezes, por mais de dous annos. A Florida tiveram de restituir aos hespanhoes, e em nenhum desses paizes deixaram vestigios de sua raça. A Luisiania, apesar de bastante povoada, o Canadá, que se desenvolvia sob seu dominio, cederam a primeira, e perderam pelas armas a segunda, substituida assim a posse franceza pela ingleza. Entretanto ainda hoje nessas duas partes da America ha numerosa raça franceza, falla-se muito a lingua franceza, posto que nada de notavel formassem os francezes, que

abandonaram seus compatriotas, porque os francezes nunca primaram como povos colonisadores. Faltou-lhes sempre systema, constancia, firmeza, resignação nos revezes. Logo que não completam em pouco tempo o que emprehendem, logo que acham tropeços, tudo desamparam, esmorecendo diante das difficuldades e perigos.

Apezar disso, sobre todos esses paizes elles publicaram obras, em geral ligeiras, mas cheias de noções e esclarecimentos proveitosos, particularmente no estudo e analyse dos costumes, e vida dos indigenas da terra. Aquelle paiz foi e é fertil em escriptores de toda a especie, philosophos, poetas, historiadores, sabios, chronistas, criticos; mas tambem, por isso mesmo que possui a mais vasta litteratura, publica obras sem grande importancia, e ligeiras proprias do caracter do povo.

Sobre o Rio de Janeiro, no seculo XVI, apparecem Lery, importantissimo, Thevet o cosmographo, as cartas e relações de Villegaignon, interessantissimas. Sobre o Maranhão, os capuchinhos Abbeville e Ives d'Evreux publicaram escriptos de valor e muito curiosos para a historia dos gentios. Nem Duguay-Trouin deixou de escrever a narrativa da sua expedição no seculo XVIII ao Rio de Janeiro, nem Basanier os annaes da Florida, nem Escabot, Lemercier e Champlain os da Luisiania e Canadá, além do jesuita Charlevoix, e dos capuchinhos francezes, que deixaram obras cheias de interesse a respeito do Canadá, do Japão, de S. Domingos, e até do Paraguay.

Passemos agora a Hespanha. Fôra no seculo XVI a primeira e maior nação da Europa, em lettras, guerra' poderio, influencia, dominio e riqueza. Seus exercitos

no reinado de Carlos V e Philippe II passavam pela Europa, enchendo os povos de terror. Dominava Italia, Allemanha, Paizes-Baixos, parte da França, e depois Portugal, a maior parte da America, excellentes porções da Asia e Africa. Acabara de expellir os mouros e arabes de Hespanha, de lançar fóra dos seus estados os judeus, uniformizando a raça, a religião, os costumes e instituições. Guerreiros durante tantos seculos dessa lucta gigantesca entre godos e musulmanos, aventureiros, audazes, temerarios, atiraram-se aos mares os Hespanhoes, logo que a terra lhes faltou na Europa para dominarem. Apoderaram-se da maior parte da America, e, mais felizes que os outros povos europeus, aqui não encontraram só tribus selvagens, brutas, nomades, como as do Norte, do Brazil, do Rio da Prata, da Columbia, das ilhas de Cuba, S. Domingos e Jamaica. Descobriram e renderam os dous grandes imperios civilizados da America, Mexico e Perú; curvaram a seu jugo, depois de luctas e guerras sangrentas, povos que passavam por valentes e activos.

Qual foi a politica dos hespanhões? Exterminar toda a raça indigena, substituil-a exclusivamente pela sua; formar campos, feitorias puramente hespanholas, sem mescla de sangue e nem de religião. Em combates leacs, em horrorosas matanças, nos cadafalsos, nos fuzilamentos em massa, por meio até de cães de fila, foram destruindo e diminuindo os gentios da America. Os que ainda escapavam, se condemnaram a ser enterrados nas minas de prata, de ouro, que se descobriram, trabalhando ahi até morrerem em proveito dos conquistadores.

Las Casas, o bispo celebrisado de Chiappa, pretendu salvar os gentios, e lembrou, para substituil-os

nos seus trabalhos mortiferos das minas, os negros da costa d' Africa, que, captivos, se deviam transportar dalli para a America. Foi a lembrança aproveitada por seus compatriotas, mas nem se pouparam assim os gentios.

Vieram os pretos escravos, mas os indigenas continuaram escravos e a trabalhar com os pretos. Dahi a escravidão negra introduzida na America, que todos os outros povos conquistadores, inglezes, francezes, portuguezes, hollandezes, imitaram.

As colonias hespanholas receberam o governo absoluto ligado ao theocratico, como em Hespanha. Ao lado do governador, verdadeiro regulo, senhor de baração e cutelo, o frade com a Inquisição por toda a parte da America; a propria vida civil subordinada, regulamentada, curvada; a consciencia, como ella, só susceptível das crenças e fé catholica.

Nenhuma impureza, nenhuma duvida, nenhum sonho, sequer, de liberdade civil ou religiosa, se admittiu, se deixou introduzir nellas.

O que Hespanha queria, procurava, ambicionava, e de facto arrancava da America, era riqueza, thesouros, exaurindo as fontes das colonias, e absorvendo-lhes toda a seiva. Para nada mais serviam as colonias, e por isso estancos, privilegios, exclusivismo de todos os ramos do commercio e industria. As colonias americanas não eram para a Hespanha senão minas de ouro e prata, feitorias, lugares de degradados. Não deviam senão render para a metropole.

Entretanto Hespanha, litterata e engenhosa como fôra nos seculos XVI e XVII, publicou immensas obras, importantissimos escriptos sobre suas colonias americanas. Martyr, Las Casas, Zarate, Gomara, Cura

Palacios, Oviedo, no seculo XVI imprimem annaes, interessantissimos, narrações proveitosissimas. No seculo XVI Antonio Herrera escreve uma historia geral das Indias Occidentaes com muito criterio e perspicacia. San-Roman, e Garcilaso de la Vega, nascido no Perú, publicam obras sobre a America. Centenera descortina as regiões do Prata. Solis, o poeta, o romancista afamado, dá á imprensa a sua bella historia do Mexico, reputada classica pelo estylo, estimada pelo criterio, admirada pelos quadros dramáticos, e apreciada pelo espirito escrupuloso que o guia na investigação e exame dos factos e acontecimentos, e nas causas e effeitos necessarios.

E não só chronistas, historiadores, viajantes, descobridores, se occupam em Hespanha com a America. Os proprios poetas hespanhoes inspiram-se com essa grandiosa e esplendida natureza, com successos tão estupendos quanto maravilhosos, como as lutas entre Guatimozim, Montezuma, Atahuac, Cortez, Pizarro, Valdivia e Almagro. Ercilla canta em um poema, que chama épico, mas que não é senão descriptivo, com o titulo de Araucania, a destruição dos dezesseis povos do Chile; o grande poeta dramatico, o rival de Shakspeare, Calderon de la Barca, escreve um drama sobre a tomada de Cuzco com o titulo de Aurora de Copacabana; Lope de la Vega, o mais fertil dos escriptores do mundo, e entretanto tão grande genio poetico, publica dramas sobre a Araucania, a conquista do Mexico e os descobrimentos de Colombo; Tirso de Molina, o poeta comico, não esquece a America, e nella se inspira.

Só se não lembra desta parte do mundo o grande poeta mexicano, Ruiz de Alarcon, parecendo ter medo

de que o suspeitem nascido na America. A patria lhe não sorriu á mente uma só vez, o sol das Astecas lhe não deixou calor nas veias, os lagos do Mexico lhe não legaram reminiscencias ; suas inspirações poeticas foram só para a Hespanha, as fontes de suas composições só em Hespanha encontrou elle, americano, quando os vates hespanhóes de nascimento iam beber poesia nos ares, nos climas, nos feitos da America !

No seculo XVIII ainda Torquemada escreveu a Monarchia Indiana, Antonio de Ulloa, obras politicas e geographicas importantissimas sobre a America ; o padre Techo, Clavigero, Muratori, denunciaram os feitos e missões dos jesuitas, apesar de que no seculo XVIII muito haviam decahido as lettras em Hespanha, como os proprios brios, e até o valor dos hespanhoes !

Deveríamos agora tratar dos portuguezes, e sua colonia do Brazil. Annuncia-me, porém, o relógio, que já vai adiantada a hora, e, para o que me falta, muito tempo ainda me seria preciso.

Ponho, portanto, termo hoje á nossa conferencia, propondo-me a continuação do seu assumpto para domingo proximo.

CURSO DE HISTORIA

Sexta Conferencia.

Continuação do assumpto da conferencia anterior, em relação particular ao Brazil.

Minhas senhoras, meus senhores!

Na antecedente conferencia tivemos a honra de expôr as idéas e conhecimentos que de suas colonias americanas tiveram os quatro povos conquistadores, francezes, inglezes, hollandezes e hespanhóes, e as intenções e vistas que os dirigiram na povoação e governo dellas.

Mostrámos a differença dos costumes e tendencias de cada uma das referidas nações, e das relações que com os indigenas travaram e entretiveram.

Cabe-nos hoje a tarefa de estudar o que respeita aos portuguezes e á sua colonia do Brazil, analysando os documentos e obras por elles publicadas, e que nos restaram, como as dos outros quatro invasores da America, que apreciámos ultimamente, esclarecimentos

precisos afim de assentar um juizo fundamentado e seguro.

Foi o acaso quem deu a Portugal o conhecimento do Brazil. Estava el-rei D. Manoel com as vistas dirigidas exclusivamente para a Asia, que Vasco da Gama havia devassado e aberto a seu commercio e dominio.

Para a Asia enviava suas frotas, deixando a Hespanha occupada em procurar a America, e em aposar-se della.

Pedro Alvares Cabral, seguindo para a India em 1500, afastou-se das costas da Africa, no intuito de evitar calmarias, e apanhar ao largo ventos favoraveis com que facilmente dobrasse o cabo da Boa-Esperança. Apareceu-lhe a America um bello dia e inesperadamente. Achou-se diante de uma terra desconhecida. Era o Porto-Seguro, comarca hoje da provincia da Bahia. Saltou, e communicou com os gentios, espantados de ver homens europeus; fixou marcos, e declarou-a posse portugueza, continuando depois sua derrota para a India.

Posto que um ou outro viajante visitasse as costas, a corôa portugueza só se lembrou do Brazil quando soube que francezes, inglezes e hespanhoes ali andavam procurando relações com os gentios, pretendendo tomar egualmente posse da terra.

Repartiu-a então, pelos annos de 1528 a 1530, em doze porções, que denominou donatarias, e deu-as em feudo, sob certas clausulas, a predilectos da côrte, ou fidalgos velhos já gastos no serviço da India, ou a homens que prestavam ainda á patria, com denodo, seus braços e sua valentia: foi intenção do governo firmar e segurar assim a sua posse.

De 1530 em diante foram estes donatarios tomando conta das suas respectivas porções de territorio, e cuidando de povoal-as, cultural-as e costear-as.

Dous morreram ás frechadas dos indigenas. Oito perderam todos os seus trabalhos e haveres. Só dous, si não ganharam, pelo menos não ficaram inteiramente lesados, Martim Affonso, de S. Vicente, e Duarte Coelho, de Pernambuco.

Não podendo por este systema feudal desenvolver-se a conquista, mudou a cõrte de idéas, cassou as concessões, avocou a si todo o territorio, resolveu colonial-o officialmente, nomeou em 1549 um governador, Thomé de Souza, que devia residir na Bahia, como centro da colonia.

Posto que tomasse essas providencias, não prestou Portugál ao Brazil grande attenção. Não havia aqui riquezas, commercio, industria; mostravam-se só povos nomades, sem nenhuma noção de civilisação, que nada produziam, e entretanto resistiam guerreiramente aos invasores.

Portugal era senhor de grande parte da Asia, sua era a India, com fortalezas, cidades e riquezas, mercancias de valor, sedas, perolas, aljofares, especiarias, povos civilisados, heroicas luctas, contendas gloriosas para os guerreiros, governos ambicionados pelos fidalgos, rendimentos espantosos. A Africa, que em grande parte era tambem portugueza, fornecia-lhe algum marfim e cêra, e portos de descanso para os navegantes que seguiam para as Indias. O que era o Brazil em relação a esses proveitos de tamanha valia?

Não admira, portanto, que fosse deixado á margem emquanto mais algum cuida-lo merecia a Africa a Portugal, maior, exclusiva attenção lhe attrahiam

as Indias com seus portentosos mercados e luxo asiatico.

Para favorecer a Asia, chegou até o governo portuguez a prohibir que no Brazil se cultivassem productos similares das Indias, afim de lhes não causar concorrência. Contentava-se com o assucar da canna, páu-brazil e madeiras, e algum fumo, cuja cultura começava a promover-se.

Si o governo pouco cuidado prestava ao Brazil, não merecia este paiz, dos litteratos, sabios e artistas, maior attenção. Fora, entretanto, o seculo XVI a idade de ouro das lettras em Portugal.

Camões, Ferreira, Gil Vicente, Córte-Real, Bernardes, Bernardim Ribeiro, illustravam a época com seus engenhos poeticos. A universidade de Coimbra com professores novos, habilitados, dos quaes muitos estrangeiros, que D. João III alli empregava, era um excellente fóco de ensino e de luz. Sabiões, navegadores atrevidos, cosmographos, brilhavam ao lado dos artistas.

A prosa portugueza, fixada por João de Barros, Heitor Pinto, Amador Arraes, attingira ao que ainda hoje é o mais perfeito na lingua portugueza, mais doce, terno, selecto e puro, a prosa de Luiz de Souza, nunca excedida e até quasi não igualada.

Emquanto escriptores primorosos publicavam obras sobre as Indias e as grandes navegações dos portuguezes, suas emprezas gigantescas e gloriosas, suas façanhas que tanto honraram, elevaram e engrandeceram aquelle pequeno, mas heroico povo, só duas obras publicadas em Portugal se referiram ao Brazil durante o seculo XVI. Antonio Galvão, no seu tratado dos descobrimentos, falla da America portugueza em

termos vagos. Gandavo, a pretexto de historia, descreve algumas tribus de gentios, seus usos e costumes, suas guerras com os portuguezes. Fóra de Portugal imprimiram-se cartas de pilotos, entre elles as de Vespuccio e de Villegaignon, escriptos de Thevet e Lery, viagens de Ham Stadt e Schmidel, mas tudo promovido por estrangeiros.

Verdade é que se sabe que João de Barros, um dos donatarios do Brazil, redigira uma historia desta região; mas o manuscrito precioso perdeu-se, e até ao presente não foi descoberto, comquanto se achasse nos archivos, e nos nossos dias se publicassem a obra interessantissima de Gabriel Soares, sob o titulo de Noticia do Brazil, que presta muita luz sobre as raças indigenas; o roteiro de Martim Affonso por seu irmão Pero Lopes; a carta de Caminha a D. João III, dando conta do achado de Porto-Seguro, e outros documentos de valor e preço; impressas, porém, só aquellas duas de Galvão e Gandavo. As relações, viagens, e informações, se depositavam nos archivos, e ahi ficavam sepultadas.

Infelizmente tambem para Portugal, ao findar o seculo XVI, e no anno de 1580, com a falta de descendente directo ao throno e corôa dos Affonsos, Philippe II de Hespanha reclamou a herança; e com as armas, e a corrupção da nobreza, encontrando e debellando apenas resistencia nas classes médias e no povo miudo, apoderou-se de todo o territorio, e o annexou á Hespanha como sua provincia, bem como todos os dominios ultramarinos de Portugal, arvorando a bandeira hespanhola em toda a parte onde outr'ora tão brilhantemente se desfraldava o estandarte glorioso das cinco chagas de Christo.

Hespanha, a nação então mais poderosa do mundo, possuía Italia, Paizes Baixos, parte da França, além de numerosas colonias.

Todavia começara então a sua decadencia. Os Paizes Baixos se levantaram, e emanciparam-se, creando-se uma republica na Hollanda. Para mal de Hespanha, entretinha guerra com Hollanda, Inglaterra e França.

Durante o periodo do captiveiro de Portugal, de 1580 a 1640, perdeu elle quasi todas as suas importantes posses, e feitorias da Asia e Africa. Os inglezes e hollandezes, em vez de assaltarem colonias de origem hespanhola, que Castella guardava e segurava com mais cuidado, atiraram-se sobre as de origem portugueza, que os Philippes de Hespanha deixavam entregues a si proprias, e desprezadas. Não contentes com suas conquistas nas Indias e Africa, viraram-se os hollandezes para o Brazil, e tentaram roubar-o igualmente á Hespanha. Suas primeiras tentativas contra a Bahia de Todos os Santos foram infructiferas, mas em 1530 conseguiram apoderar-se de Pernambuco, e, ahi estabelecidos, ir estendendo suas posses de um lado sobre o Maranhão, e para o sul até ao rio de S. Francisco.

Assim, quando em 1640, por sua gloriosa revolução, quebrou Portugal o jugo de Castella, proclamou sua independencia, e deu a corôa a D. João IV, representante da casa de Bragança, pouco restava a Portugal na Asia e Africa, e no Brazil apenas o Pará, e o territorio do rio de S. Francisco para o sul.

Fraco, pobre e prostrado, mal podia resistir á Hespanha; como poderia, pois, Portugal sustentar guerras com inglezes e hollandezes para reivindicar suas

antigas posses e colonias? Tratou até D. João IV com elles, e reconheceu-os donos dos terrenos que durante os annos do captiveiro da nação haviam conquistado.

Mas os habitantes do Brazil, portuguezes de nascimento ou nascidos no Brazil, não se conformaram com estes convenios da côrte. A primeira prova que deram de seu odio á Hespanha e do seu amor a Portugal, foi logo em 1640: ao saberem da noticia do levantamento de Portugal, levantaram-se igualmente, arreiaram a bandeira de Castella, ergueram a antiga portugueza, e prestaram homenagem a D. João IV, unindo sua sorte á de Portugal.

Não satisfeitos com isto, machinaram uma trama e conspiração destinadas a expellir do Brazil os hollandezes. Os sermões nos pulpitos, especialmente os do grande Antonio Vieira, na Bahia, incitando os povos com o ardor religioso, e o fogo do catholicismo contra hollandezes hereges, que perseguiam em Pernambuco a religião de Roma, ao passo que consentiam a israelita, e todas as mais seitas; as propagandas pela Parahyba, Maranhão, e até Pernambuco, por entre os portuguezes que obdeciam as autoridades hollandezas, tudo concorria para trazer os animos exaltados e prestes a combater contra hollandezes.

D. João IV, ás occultas, favorecia o movimento. André Vidal de Negreiros, nascido na Parahyba do Norte, e mestre de campo, em nome d'el-rei de Portugal, com quem praticara em Lisboa, em companhia de outros emissarios da côrte, fez varias excursões nos dominios hollandezes, a catechisar os portuguezes, e a levantar-os contra os invasores.

Por fim rebentou o movimento no Maranhão, sob a direcção sempre de André Vidal de Negreiros. Foi-se

entendendo sobre Pernambuco. João Fernandes Vieira, tentado com promessas, honras e postos, e que era negociante muito ligado e amigo dos hollandezes, e até contratador de impostos; Antonio Calvacanti, e varios outros, resolveram-se a acompanhal-o, fugindo do Recife, e levantando o interior do paiz contra os hollandezes. Começou a luta, e os hollandezes foram obrigados a abandonar o Brazil, restituindo a terra a seus antigos possuidores e descobridores.

Dessa época da libertação do Brazil em 1654 principia a corôa de Portugal a tratar melhor sua colonia, e a fazer convergir para ella todos os seus cuidados e attenção, della esperando recursos para erguer-se do seu abatimento na Europa.

Descobre-se esta nova tendencia do governo e do povo de Portugal para o Brazil pelas obras que se começaram a publicar. Não só o jesuita Antonio Vieira, o orador sagrado que em eloquencia não cede a Bossuet, que em linguagem é um classico da primeira ordem, que em serviços politicos é um grande vulto, que escreveu e publicou memorias interessantes sobre o Brazil, como tambem o purista e mavioso litterato D. Francisco Manoel de Mello, e o elegante conde de Ericeira, fizeram imprimir escriptos de importancia acerca dos acontecimentos verificados no Brazil.

Os hollandezes muito haviam publicado sobre sua conquista americana, que denominavam — Brazil Hollandez —, sob o ponto de vista litterario, artistico, historico e scientifico, como vos expuz na passada conferencia. Os portuguezes os acompanharam. Duarte de Albuquerque descreveu com discernimento e sciencia as lutas da Bahia; Brito Freire, em estylo pomposo, e ás vezes gongoristico,

seguiu-lhe as pisadas. O padro Manoel Calado, em linguagem pesada, recontou as guerras de Pernambuco, para proclamar João Fernandes Vieira, o heróe da empreza, com o titulo de Valeroso Lucideno. Raphael de Jesus, imitando pessimamente os historiadores antigos, publicou o seu Castrioto Lusitano, afim de celebrar o heroismo de Vieira, arrastado pelo mesmo sentimento de Manoel Calado. Como litterarias nenhum merito possuem estas duas obras. Contêm, todavia, alguns esclarecimentos sobre a historia do Brazil, ainda que improvise quando pretendem fazer de João Vieira o chefe e principal promotor da libertação do Brazil, e quando pintam em estylo, ou incolor do primeiro, ou exagerado do segundo, os successos militares que os dous padres nunca conheceram.

De tantos materiaes publicados por esse seculo, ou portuguezes, ou hollandezes, de que já tratei, ou de italianos curiosos como San-Guiseppe, e atilados como Laffiteau e Moreau, ha muito que aproveitar, comparando e discutindo os factos diversamente por elles narrados: dos documentos ineditos que os ricos depositos de Hollanda e Lisboa conservam, é que a luz se fará mais visivel, e a verdade sahirá das trevas que ainda em parte a encobrem. Ha obras não publicadas, e que parecem perdidas, como a America de Faria e Souza, que nos forneceriam, de certo importantes esclarecimentos.

Das obras portuguezas se extrahem curiosos estudos dos costumes gentios, que em grande parte se chegavam aos conquistadores, e se deixavam catechisar; mas ha igualmente lendas imaginosas, que os portuguezes apreciavam muito, e que têm passado por

factos verdadeiros, porque todos os escriptores as repetem, sem se darem ao trabalho de examinal-as e julgal-as.

Como se acredita nessa lenda do Caramurú e de Paraguassú, sua viagem á França, seu casamento em Pariz, depois do baptismo da heroína, que tomou o nome da rainha reinante Catharina de Medicis?

Não ha escriptor que não reproduza os mesmos factos, chegando alguns até a descrever o Caramurú, Diogo Alvares, como um nobre de Vianna, um fidalgo, quando nada se sabe de positivo sobre elle senão que era um naufrago, que se acolhiêra á Bahia, e vivia no meio dos Tupinambás, casado com uma gentia de nome Paraguassú, da qual conseguira extensa prole, e que prestára bons serviços a Francisco Pereira Coutinho e a Thomé de Souza, quando estes tomaram posse da Bahia, procurando conciliar-os com os indigenas.

Que seu naufragio nas costas da America, sem duvida andando nas frotas portuguezas que seguiam para a India, e que sempre se chegavam ao Brazil para aproveitar ventos á feição, regula pelo anno de 1510, parece averiguado. Ora, de obras francezas, que sobre tudo se publicavam, nada consta sobre a viagem á França, quando fallam de incidentes menores. Da chronologia se demonstra que só por morte de Francisco I, em 1547, é que começou a reinar Henrique II, casado com Catharina de Medicis, que se pretende ter sido madrinha de Paraguassú. Dos escriptos descobertos ultimamente, e que no nosso seculo se têm dado á luz a respeito do Brazil, quer em Lisboa, quer no Rio de Janeiro, se evidencia que em 1530, Martim Affonso, aportando á Bahia, ahi encontrou

Diogo Alvares, que, no dizer do roteiro escripto por Pero Lopes, lá residia ha 15 annos. Da obra de Gabriel Soares se patenteia que Francisco Pereira Coutinho, em 1534, se serviu de Diogo Alvares, casado e relacionado com os Tupinambás. Por fim, Herrera affirma que Mori o viu na Bahia em 1535, e documentos historicos fallam de que se prestára Diogo Alvares a Thomé de Souza em 1549, e que por esse tempo fallecera.

Quando e como poderia ter ido á França?

É uma legenda, como foi a do rei Arthur de Inglaterra, a dos cavalleiros da Tavola Redonda, de Bernardo del Carpio, a do Conde de Saldanha, a do Campo de Ourique, e tantas outras que na infancia das nações se improvisam, tomando por ponto de partida ou base um incidente, a maior parte das vezes insignificante.

Em relação ás missões praticadas no Brazil, aos missionarios incumbidos da catechisação dos gentios, oh! que abundancia de obras e materiaes! Os jesuitas eram sujeitos da maior instrucção, de talentos superiores. A corôa portugueza, como a hespanhola, os empregou em seu serviço nas colonias. A Companhia de Jesus não tinha, não reconhecia patria; pertencia a Roma, e só a Roma; sua obediencia inteira era ao seu geral residente em Roma, e este exclusivamente ao Santissimo Padre se curvava. Suas vistas consistiam em dominar o mundo, povos e soberanos, por todos os meios e modos, e sobre todos levantar a influencia temporal, o imperio espirital do Pontifice Romano!

Mas Portugal empregou os jesuitas differentemente de Hespanha nas suas colonias. Mandou-os

isoladamente para a catechisação. A religião catholica lucrava com os feitos dos filhos de Santo Ignacio; a corôa portugueza ganhava tambem, e muito, com o reduzir á vida civil as tribus errantes de indigenas.

Das brenhas se arrancavam para a sociedade e religião multidões nomades, selvagens, sem nenhuma noções da vida civil. Ou formavam-se em aldeias catechisadas, ou se internavam dispersos por entre a população conquistadora, graças aos trabalhos importantissimos dos jesuitas. Mas nunca a estes padres permittiu Portugal a acção temporal sobre os gentios senão em pequena escala, e por periodos dados; entretanto que a Hespanha empregou os jesuitas não isoladamente, sim como companhia. Permittiu-lhes o governo civil e temporal sobre todas as aldeias que formassem de gentios no sul da America, mediante apenas o reconhecimento da soberania da corôa, e pagamento annual de um peso por cabeça de indigena catechisado.

Resultou dahi que no Rio da Prata agglomeraram quatrocentos jesuitas, sendo trezentos padres-mestres. Em Cordova fundou-se a séde do provincial, e distribuiram-se collegios por todas as provincias. Trinta aldeias ou missões se organizaram pelos rios Uruguay, Paraná e Paraguay. A estatistica de 1750 dá cento e cincoenta mil almas a essas aldeias, denominadas missões do Paraguay. Cada uma era governada por um cura e um companheiro. Estes tinham sob suas ordens o corregedor, o lugar-tenente, dous alcaides, um portabandeira, sete administradores e um secretario, além dos caciques, sacristães, officiaes da milicia, e fiscaes das mulheres. O povo gentio nomeava as autoridades,

mas estas viviam sob a subordinação do cura, e só faziam o que o cura queria.

O cura fazia distribuir semanalmente a cada uma familia ou gentio a roupa necessaria, e viveres correspondentes. Os indigenas passavam o tempo ou em festas e ceremonias religiosas, acompanhadas de musica, o que muito os alegrava, ou em trabalhos nos campos, na industria de fiar e outros misteres, cujo producto todo pertencia á comunidade jesuitica. Considerava-se pago esse trabalho com os viveres, roupa e casa, etc., fornecidos pelos padres de Santo Ignacio. Havia escolas de primeiras letras, artes e musica, e exercicios militares. Cada gentio tinha uma porção de terra que lavrava por sua conta em um dos dias da semana, que lhe pertencia, cedida pelo cura. As despezas todas do costeo da aldeia, instrumentos, obras, etc., estavam a cargo da companhia.

Ainda hoje possuimos entre nós fazendas de productos agricolas, que imitaram com os escravos o systema jesuitico, contentando assim estes entes captivos com um dia de trabalho para si, que poderia servir á criação de um peculio em seu favor. Mas o principio é optimo para os escravos, porque o peculio economisado póde chegar a pagar a alforria. Nas missões do Paraguay, porém, eram homens livres que se tratavam como no Brazil se tratam os escravos!

E' facto todavia que os indigenas do sul viviam contentes com este systema de communismo dos padres da companhia. Adoravam, obedeciam a seu cura, e tanto que quando Hespanha mandou sahir das missões aos jesuitas e de todo o Rio da Prata, e os deportou para a Bahia, os gentios nem a outras ordens religiosas se quizeram subordinar, e nem ao poder civil. Aban-

donaram em grande parte as missões, que ficaram desertas, e voltaram para a vida nomade e errante.

Cento e cincoenta e oito annos foram os Jesuitas senhores do Paraguay, de 1609 a 1767. Foi necessario que o governo hespanhol da Europa, acompanhando o movimento geral contra os jesuitas, os expellisse a todos do seu territorio, como Portugal e França o haviam praticado.

O certo é que no Brazil só temos a louvar os jesuitas como missionarios, porque praticavam prodigios, commettiam sacrificios para catechisar os gentios e alcançar triumphos gloriosos. Lucrou a religião, lucrou a sociedade, e o governo conseguiu maior numero de subditos, e os jesuitas se tornaram os protectores pacificos da liberdade individual.

Os acontecimentos ao findar o seculo XVII provam que já era o Brazil aos olhos dos portuguezes, e perante o governo portuguez, uma parte importantissima da monarchia, e adquirira direitos a considerações e respeito. Posto que Portugal, levantando ali a prohibição de plantar-se e colher-se productos similares da India; porque já desta parte do mundo nada quasi recebia para seu commercio, consentiu que se cultivassem especiarias, como canella, cravo, anil e outros objectos, se oppoz, comtudo, ainda, a que concorresse com a metropole em mercancias similares, ao passo que tomava providencias para se não degradar gente para o Brazil, e tratava de conter as auctoridades com regimentos que lhes limitassem as attribuições.

O Brazil começou a ser para Portugal o solo da promissão, o que o devia salvar, pela opulencia de suas florestas, a uberdade da sua terra, a riqueza de seus productos, o ouro e diamantes de suas minas, ainda

até ao fim do século XVII, só agrícola. Portugal escapára das garras de Hespanha em 1640, das invasões ultramarinas dos holandezes em 1654, traspassado de feridas, decadente e pobrissimo, sem esquadras, sem exercito, sem finanças, brigado até com a Curia Romana, que lhe não reconhecêra a independencia, lhe não approvava bispos para as dioceses que fossem portuguezes de nascimento e de coração, e que se devotara á corôa castelhana com todo o denodo e dedicação.

Restavam-lhe, todavia, os brios do seu povo, restava-lhe a colonia do Brazil, que na infelicidade o acompanhára soffrendo egualmente, e ao emancipar-se continuou satisfeito a ligar sua sorte á da antiga metropole. O Brazil, pois, chamou-lhe dahi por diante todos os cuidados, como unica possessão ultramarina que lhe promovia a navegação, fomentava o commercio, animava a industria, e lhe dava rendas ao crario.

A mesma marcha proseguiu no século XVIII, e ahi começaram os portuguezes do Brazil a estender dominios, tomando terra aos hespanhóes que o rodeavam. Na Europa foram os hespanhóes os invasores e conquistadores sobre Portugal. Na America foram os portuguezes os invasores e conquistadores sobre Hespanha. Ganharam-se terras, fixaram-se marcos de posse, fundaram-se fortes para sua garantia; para o sul aproximou-se até ao Rio da Prata, e lançou-se as bases da povoação da colonia do Sacramento. Dahi guerras egualmente entre portuguezes e hespanhóes na America. Ao mesmo tempo descobriram-se minas de ouro e diamantes, e este achado incitou espantosa emigração de Portugal para o Brazil. Foi o ouro,

foram os diamantes de Minas-Geraes, S. Paulo e Goyaz, que levantaram o thesouro portuguez, e habilitaram o faustoso D. João V a erguer monumentos de Mafra e capellas de S. João Baptista, e a comprar em Roma o direito de possuir em Lisboa uma patriarchal, e fazer cardeaes os bispos portuguezes.

Não se fallava já em Portugal senão no Brazil e suas riquezas; foi mister, para se não despovoar a metropole, prohibir passaportes para o Brazil, oppôr obstaculos á emigração. Foi necessario prohibir industrias no Brazil, particularmente a de ourives, impressas no Brazil, para que a colonia, que a olhos vistos se engrandecia, não voasse tão alto e veloz que curvasse a metropole.

Muitas obras se publicaram então sobre a sua historia, sobre os usos e costumes dos gentios, sobre os productos do Brazil, quasi todas ellas, infelizmente, tão decahida estava a litteratura portugueza no seculo XVIII, sem grande merecimento scientifico ou artistico, sem grande valor litterario.

Rocha Pitta, brasileiro, escreveu uma historia do Brazil, ás vezes com estylo corrente e elegante, mas sem criterio nem fundamentos solidos. Mais escriptor quo historiador, deve-se considerar que não passa de um chronista secundario. Os documentos officiaes existiam guardados no conselho ultramarino, na mesa de consciencia e ordens; ninguem os via. Os escriptos anteriores eram baldos de instrucção sufficiente. Noticias só as das tradições e viajantes: estava, portanto, Rocha Pitta na impossibilidade de escrever uma boa historia de sua patria, como eram seus louvaveis desejos. Jaboatão mais se occupa com os gentios, e sua catechisação pelos jesuitas, do que com os

factos politicos, o governo e administração do Brazil. Faltava-lhe ainda merito litterario.

Gaspar da Madre de Deus descreve a capitania particular de S. Vicente sob todos os seus pontos de vista interessantes, estatistico, geographico, historico, mas não conhece a larga historia que dá vida aos factos e ás personagens.

Berredo, além do estylo pesado, não faz mais que repetir o que seus antecessores haviam escripto, referindo-se particularmenté á capitania do Maranhão.

Pouco mais de importancia se publicou, posto que na época presente a imprensa tenha dado á luz escriptos de valor que se conservavam nos archivos, e em seu tempo não haviam visto a luz do dia.

Rendia o Brazil muito para Portugal no seculo XVIII. Todas as relações do Brazil com o mundo se commettiam pelo intermedio dos portuguezes da metropole portugueza. Alli se recebiam os productos da colonia, alli os iam procurar os estrangeiros. O que o Brazil consumia vinha-lhe de Portugal, que o recebia anteriormente estrangeiro.

Temos um balanço dos primeiros annos do seculo XIX. A importação do Brazil para Portugal orçava em 14,000:000\$; a exportação de Portugal para o Brazil regulava por 10 e 11,000:000\$. Deduzidas as despezas militares, administrativas, economicas e de toda a especie, que Portugal effectuava no Brazil, dous a tres mil contos lhe ficavam sempre de saldo para o thesouro de Lisboa. Não fallamos no ouro e diamantes, que se administravam especialmente, que se consideravam particulares da corôa; nem nos denominados donativos voluntarios, com que a metropole sangrava de quando em quando a colonia para exigencias extraordinarias.

Pesava, portanto, e muito, o Brazil, sobre Portugal no seculo XVIII.

Mas bastam, para conhecer-se a historia da colonia Brazil durante o jugo metropolitano, as obras publicadas? Ha uma historia do Brazil relativa aos seculos XVI, XVII e XVIII?

Não, minhas senhoras e senhores! Nem o que se imprimiu basta, nem possuímos historia regular do Brazil durante os tempos coloniaes.

Além das obras publicadas então, muitos escriptos importantes se deram á luz depois, e na época presente. Descobertos nos archivos, a Academia Real de Sciencias de Lisboa, o Instituto Historico e Geographico do Brazil, associações litterarias, particulares mesmo, têm-se entregue ao trabalho de examinal-os, confial-os aos prélos, e dal-os á publicidade.

Ainda Hespanha se gloria com Antonio Solis, a respeito da historia do descobrimento do Mexico, e guerras contra os indigenas, posto que seja a obra restricta a um periodo curto; mas contém tantas noções, tantas qualidades da verdadeira historia, que constitue um verdadeiro monumento litterario. Ainda Hollanda possuiu Barlœus, escriptor primoroso, e historiador dos feitos de Mauricio de Nassau, bem que tambem sua obra comprehenda só o governo deste illustre varão em Pernambuco. Mas a respeito do Brazil nada houve de igual nos seculos XVI, XVII e XVIII. Tambem em relação ás mais colonias americanas, e ás suas respectivas metropoles, nota-se e sente-se a mesma falta de historiadores.

E depois da entrada do seculo XIX appareceram elles?

Um só, um, sim, e só até agora, Bancroft, sobre as

possessões inglezas da America do Norte. Não havia historia dos Estados-Unidos durante os tempos colonias até á sua independencia. Viagens, narrativas, annaes, chronicas, obras ligeiras. Bancroft percorreu todos os archivos inglezes e americanos, estudou, pesquisou tudo, e escreveu uma historia, verdadeira historia, com todas as qualidades e requisitos precisos, e que faz honra ao escriptor e á patria.

As outras ex-colonias americanas não o conseguiram ainda. A respeito do Brazil possuímos a historia de Roberto Southey, que é um excellente escripto, uma obra litteraria de primor, mas, com franqueza devemos dizel-o, não é uma verdadeira historia, como cumpre fazel-a.

Southey tem semelhanças immensas com o escossez Robertson, do seculo passado. Este escreveu uma elegante historia de Carlos V, outra da America, outra da Escossia: methodo, acção interessante, estylo puro e castiço, phrases amenas e selectas; mas falta-lhe vida, falta-lhe verdade, falta-lhe a pintura real da sociedade, do povo, o conhecimento da administração. Como se tem actualmente demonstrado tantos erros de Robertson com o descobrimento dos archivos de Simancas, e particularmente com o achado das correspondencias dos embaixadores de Veneza e de Roma daquelle tempo, em relação a Carlos V? Acerca das outras obras a mesma falta se dá, e Robertson não passa de um bom escriptor.

Assim foi Southey. Esteve apenas em Portugal, nunca no Brazil. Primeira qualidade que lhe faltou — conhecer por si o paiz sobre o qual escreveu. — Examinou os escriptos publicados, que pouca luz lhe davam alguns documentos que lhe confiaram em Lisboa.

Não fez idéa exacta da physionomia propria do conquistador portuguez; foi o mesmo que se tratasse de inglez: não comprehendeu o caracter do gentio brasileiro, tomou-o e descreveu-o pelo typo geral dos indigenas. Não estudou as instituições, leis, administrações e costumes particulares plantados e desenvolvidos na sociedade colonial do Brazil. Lançou na obra traços geraes, que se applicam a todas as conquistas, e não particularmente ao Brazil.

Escreveu uma obra elegante, methodica, philosophica, litteraria; dramatisou com belleza varios acontecimentos, desenhou perfeitamente alguns combates; mas não nos deu uma historia real da sociedade e da vida colonial, não nos fez entender o que era o Brazil, e nem o poderia fazer, baldo, como estava, dos necessarios materiaes, apezar de todo o seu talento e qualidades de poeta e litterato.

A historia dos tempos coloniaes do Brazil está, pois, por fazer. Ha muitos materiaes publicados: não bastam, todavia; cumpre ainda procurar outros escondidos, e proceder a mais minuciosas indagações.

Dizei-me: Que auctor nos contou como se desenvolvia o elemento municipal do Brazil, que ao principio foi tão poderoso que ousou arcar com os governadores, e foi necessario contel-o nos fins do seculo XVII e começos do XVIII? Quem nos tem explicado, a differença de attribuições das diversas autoridades, vice-reis, governadores e capitães generaes, governadores subalternos, capitães-móres de capitánias, capitães-móres das cidades e villas? Quem nos tem pintado ao vivo as diversas classes dos cidadãos, seus direitos peculiares de nobreza, peões, degradados, christãos novos, judeus, gentios, escravos? E tudo isto compunha a colonia

amalgamado, e ao mesmo tempo em luta, particularmente peões e fidalgos.

Etudo isto entra na historia como parte integrante. Só uma penna nacional a pódo hoje escrever, e não extranhar; porque não basta firmar datas, é preciso não desnaturar costumes e usos; não basta conservar o desenho, é preciso não mudar as côres; não basta descrever os factos, é preciso não desfigurar a alma; o historiador carece de entranhar-se na vida intima, politica e privada, publica e particular dos povos, converter-se em um homem da epocha que descreve, com suas tendencias, idéas, e até prejuizos, para não aproveitar só o esqueleto dos successos e nomes proprios, e sim a historia peculiar, verdadeira e animada.

A instrucção reúne e agglomera os materiaes; a critica joeira e apura-os; a philosophia os julga; a imaginação os reproduz com vida, pinta-os ao vivo.

Só a imaginação fornece a verdadeira percepção dos acontecimentos; ao seu sopro, os factos, sahidos das trevas e da obscuridade, ganham espirito, existencia e realidade.

Descrever um corpo humano será dar a imagem exacta do corpo do homem? Que é das fórmãs, do movimento, das côres, do espirito, da alma, da vida? Eis o que presta a imaginação; a historia, como a natureza, deve tocar tanto ao coração e aos sentidos como á intelligencia.

Que diferentes physionomias, as dos conquistadores europeus e as dos indigenas! Como confundil-as? Que instinctos, tendencias, idéas religiosas, crenças, principios politicos, costumes, familia, tão diversos! Como a uns pautar pelos outros? Seria o mesmo que tomar o grego pelo hebraico, o francez pelo hespanhol.

Não temos, pois, ainda um historiador a respeito das epochas coloniaes do Brazil. Não nos bastam os materiaes publicados. Ha necessidade de procurar novos elementos, escriptos perdidos, peças officiaes. Devemos por isso desanimar?

Não, de certo. Os acontecimentos, o progresso das cousas, tudo nos afiança que conseguiremos com o tempo, com mais vagar, o que aspiramos e ambicionamos.

Não é visivel o progresso do Brazil em sciencias, em lettras, em artes, em commercio, em industria, em finanças, em tudo, emfim?

Não se manifesta na nova sociedade uma ancia de comprehender, de estudar?

Não se publicaram já vantajosamente tantos livros sobre poesia, critica, historia, artes, sciencias? Que differença do Brazil colonial, do Brazil da independencia, do Brazil de 7 de Abril de 1831!

Sente-se o mover, marchar, progredir sob todos os pontos de vista da civilisação geral, da civilisação que comprehende todos os elementos que concorrem para illustração, prosperidade, moralidade, bem-estar das nações e dos individuos em particular que a compõem.

Ha quinze, ha dez annos, abrisseis vós conferencias litterarias como estas: terieis reunião tão selecta e distincta, de senhoras e cavalheiros como os que hoje nos honram e animam?

É que a terra é grande, e a numerosa geração que a habita propria para o progresso e para a civilisação.

Tenhamos fé na terra e nos homens. Trabalhemos como operarios das sciencias e das lettras; o futuro nos

fará justiça, e nos conservará uma reminiscencia agradecida.

Tem-se aqui sempre repetido que nos devemos lembrar que somos americanos. Levantarei ainda uma vez minha voz para acompanhar a idéa. Lembremo-nos, sim, de que somos americanos, mas antes de tudo, senhores e senhoras, lembremo-nos que formamos um typo particular na America, que o devemos conservar e desenvolver; lembremo-nos, sim, de que somos americanos, mas lembremo-nos principalmente de que somos brasileiros.

(Repetidos e estrondosos applausos acompanham o orador ao sahír da tribuna)

CURSO DE HISTORIA

Setima Conferencia

Estados-Unidos da America do Norte

Minhas senhoras e senhores.

Ha cerca de seis mezes que se fecharam as portas deste edificio para as conferencias litterarias e scientificas que aqui fóram iniciadas ao findar o anno de 1873. Durante esse espaço de tempo, procurando eu na Europa restabelecimento de saude, entendi conveniente estudar o systema por que alli se regulavam as conferencias publicas, afim de compara-lo com o que haviamos adoptado no nosso paiz. Conheci que ellas procederam dos Allemães, em um intuito politico unitario e patriotico mais que em referencia propriamente ao desenvolvimento das sciencias e das artes.

Os espiritos elevados da Allemanha comprehendiam a inferioridade de sua nação, dividida como estava, fraccionada, partida em varios estados independentes,

alguns rivaes e inimigos, instrumentos do estrangeiro nas guerras e lutas politicas, particularmente em relação á França, menos populosa, mais preponderante e influente, todavia, por se achar unida, concentrada, dirigida simultaneamente toda a raça franceza.

Como chamar os animos para uma só patria? Como formar uma grande nacionalidade de todos quantos fallavam o allemão, e procediam da mesma origem? Como reunir em um centro, sob uma corôa, debaixo de um só governo e direcção politica todos estes troços esparsos do immenso territorio, todos os povos da mesma raça e lingua?

As conferencias foram, pois, lembradas e executadas por todo o solo. Capitaes de estados, cidades e villas, viram levantar-se a tribuna popular proclamando a necessidade da união; incitando o odio e ambição dos Francezes e estrangeiros; lembrando a zombaria em que elles tinham um povo como o allemão, que nada valia desunido, quando seria o primeiro unido; trazendo-lhe á memoria o passado, em que da Allemanha é que haviam partido as hostes que derribaram o dominio romano, avassalaram Gallias, Hespanha e Italia.

Dahi foi resultando o movimento dos espiritos para a autonomia, e a nacionalidade que por fim se firmou e estabeleceu com o titulo de Imperio, logo que as victorias dos Allemães em 1870 curvaram a França, e a prostraram humilhada aos pés do vencedor, pedindo-lhe paz, e cedendo-lhe provincias e territorios, que haviam sido de Allemães, por Francezes arrebataados em tempos passados, e considerados pontos estrategicos para as guerras defensivas e offensivas.

Da Allemanha passou o uso das conferencias para Inglaterra e França. Na primeira destas nações

constituíram meios de espalhar luzes sobre applicação das sciencias ás necessidades da industria e commercio cursos de instrucção pratica e util para formar operarios, obreiros e machinistas, politica exclusiva e propria da Grã-Brotanha. Em França, onde o espirito é tão vivo no povo, a intelligencia tão amena, a educação tão ligeira como elegante, as conferencias se tornaram mais litterarias, analyticas, criticas, convertendo-se em tribunas para ostentação de eloquencia, reputação de oradores e vantagens de popularidade, de preferencia a instruir o povo.

Nós Brazileiros, que mais aos Francezes que aos outros povos procuramos imitar, seguimos nas conferencias aqui iniciadas o systema francez. Não comprehendéis, porém, senhores, que elle assim não póde produzir todos os effeitos proveitosos e uteis que se devem desejar? Vale, vale muito, prova talento, aptidão, capacidade oratoria, uma conferencia sobre a vida de um publicista ou de um poeta illustre, sobre uma these dada de assumpto administrativo ou politico, ou uma dissertação ácerca da civilisação dos povos, do futuro das nações. Mas satisfaz completamente o auditorio, que ao deleite quer reunir instrucção, á oratoria ancia reunir um estudo que lhe aproveite?

Não seria preferivel applicar-se a nosso paiz o systema que os Francezes vão ultimamente adoptando, de formar sociedades de litteratos e sabios, fixar os assumptos em que cada um deve professar, de modo que as prelecções ou conferencias se convertam em cursos de instrucção secundaria e superior, este tratando de direito administrativo e internacional, aquelle de economia politica, um de historia, outro de litteratura, e dividindo-se a critica, a poesia, as sciencias applicadas,

as sciencias naturaes e philosophicas pelos oradores, de modo que sob um systema, seguido rigorosamente, se forme como que uma escola ou universidade de estudos em edificios particulares e livres da tutela do governo e do ensino official, e alli o povo aprenda e se instrua?

Assim o creio eu, e assim pretendo d'ora avante praticar nestas conferencias, continuando o estudo da historia da civilisação Americana. Somos Americanos, a America nos interessa mais que a Europa, falla-nos mais ao coração.

Exporei, portanto, o fructo de meus trabalhos, pintando-vos e descrevendo-vos os progressos e desenvolvimentos dos varios estados americanos antes e depois de sua emancipação, as difficuldades e lutas que soffreram, os louros que obtiveram pelas sciencias, lettras e artes, e emfim a situação em que actualmente se acham.

Começaremos hoje pela grande republica dos Estados-Unidos do Norte. Ao findar o seculo XVIII, estava já emancipada do jugo metropolitano, quando ainda as outras colonias americanas continuavam a pertencer á Europa. Foi a precursora da independencia, e é hoje a mais poderosa nação americana.

As colonias procedidas da Inglaterra formaram um só Estado unido, posto que federal. Augmentaram-se depois com dominios francezes e hespanhóes, e conquististas sobre a republica do Mexico, quer na California, quer em Texas.

O Brazil reunio tambem todas as provincias portuguezas que antes de 1808 formavam, aliás, governos separados uns dos outros. Concentrou assim todo o territorio possuido pelos Portuguezes na Europa.

Apenas de 1827 a 1828 perden a provincia Cisplatina, habitada pela raça hespanhola, e curvada a D. João VI, de 1817 a 1819, pela força das armas. Formou essa provincia um estado, a Republica Oriental.

As colonias hespanholas seguiram marcha differente. Quatro eram os estados hespanhóes firmados na America sob o titulo de vice-reinados: Mexico, Columbia, Perú e Buenos-Ayres. O Mexico, além de perder grande territorio para a republica dos Estados-Unidos do Norte, dividiu-se em seis nações independentes: Mexico, Guatemala, Costa Rica, Nicaragua, Salvador e Honduras; Columbia em tres: Venezuela, Equador e Nova-Granada; Buenos-Ayres em tres: Republica Argentina, Uruguay e Paraguay; Perú em tres: Perú, Chile e Bolivia; a propria ilha de S. Domingos em dous estados se partiu: S. Domingos e Haity.

Eis como se constituiu a America, depois de sua independencia, e como se acha hoje, politica, social e geographicamente considerada.

Como marcharam os Estados-Unidos do Norte depois da sua emancipação?

Haviam sido colonizados por grupos e seitas mais religiosas que politicas; puritanos, calvinistas, lutheranos, quakers. Cada territorio, assim habitado separadamente, teve sua igreja e sua religião, governou-se civilmente por si, por suas assembléas fixou sua legislação. A colonisação espontanea creou assim as possessões inglezas. Entregaram-se ellas á industria, á agricultura, ao commercio. Seu espirito devotou-se a assumptos religiosos. Sua vida inteira foi patriarchal, por assim dizer. Não produziram, portanto, emquanto colonias, nem um sabio, nem um artista, nem um litterato; ficaram sem tradições, posto que se

desenvolvessem espantosamente em commercio, em industria e em sciencias applicadas ao desenvolvimento pratico e material do bem-ser e da existencia. A mesma historia, á excepção da parte primordial dos descobrimentos hespanhoes e francezes, não contém interesse, não é pittoresca.

Na época e periodo da independencia, e logo após findar o seculo XVIII, pela primeira vez se honraram com dous escriptores nascidos em seu solo: Benjamin Franklin e Jónathas Edwards. O primeiro só escreveu catechismos, parabolás, manuacs para instrucção pratica do povo; o segundo, tratados sobre sciencias applicadas. Não constituem, portanto, como litteratos, grandes vultos. Na falta de outros, a historia os desenterra, para que os Americanos se gloriem com alguns louros nas lettras, posto que desde logo nas armas e na politica se gloriaram com Washington, o mais celebrisado vulto americano, e com talentos singulares acerca de discussões de interesses economicos, e questões de direito publico, como os escriptores da revista denominada *O Federalista*.

É porque a independencia foi saudada e cantada pelos jornaes que tomaram o lugar dos livros; em vez de autores, só appareceram periodiquistas notaveis. A vida litteraria e scientifica só fulgurou nos periodicos e revistas.

O periodico não é invenção moderna. Os Romanos tiveram suas gazetas diarias, que se vendiam manuscriptas em cópia notavel. Com a quèda do Imperio Romano cessou esse uso. Só depois da descoberta da imprensa os Inglezes o restauraram, e dahi passou elle para outras nações.

O periodico ou gazeta produz na sociedade moderna

muitos beneficios; a liberdade da imprensa que os inspira e anima, presta relevantes serviços á civilisação dos povos. É a gazeta o amigo que vos vem saudar ao leito, quando acordais, narrando-vos os successos occorridos. É o que vos fórma a opinião, e vos obriga assim a tomar interesse pelos negocios publicos. É o instrumento que reprime o arbitrio dos governos e os contém na orbita do justo e do honesto.

Mas o periodico tem causado grande mal aos livros: ligeiro, sem profundeza, com pretensões encyclopedicas, posto seja esquecido no dia seguinte, faz com que muitos espiritos se contentem com o que elle publica, e não leiam os livros, que prestam alimento mais succulento, instrucção mais solida e proveitosa. Os livros, apezar dessa concorrência, hão de viver, hão de passar á posteridade, como thesouros de sciencia e de razão, ao passo que o periodico morre apenas nasce, esquece-se immediatamente, e nem a mais pequena reminiscencia deixa de si. Entretanto, qualquer periodiquista tem logo pretensões por uns artigos ligeiros, esboçados mais que pensados, uns folhetins apenas agradaveis, quando o são; tem logo pretensões, repito, de governar e dirigir o mundo, e o menor periodiquista se irroga os fóros de litterato e sabio, sem nunca ter aprendido e estudado.

Viveram os Estados-Unidos de 1780 a 1821 sob o unico alimento espirital que lhes davam as gazetas, e o resultado foi que não se gloriam com litteratura e nem com a auréola das artes e das sciencias.

Só em 1821 é que começa uma litteratura propriamente americana na grande republica, e um desenvolvimento scientifico, que lhe assegura lugar de honra entre as demais nações.

Dous homens de talento notavel, posto que não homens de genio, fôram os precursôres do movimento intellectual do seu paiz: Washington Irving e Fenimore Cooper. O primeiro é mais europeu que americano pelos seus escriptos. Discipulo da escola de Swift, Goldsmith e Addisson, é um elegante escriptor, correcto, agradavel. Mas, posto que escrevesse um pequeno livro sobre o seu paiz com o titulo de *Prado*, ou *Excursão pelo prado*, as suas demais composições são todas relativas a assumptos europeus. As guerras da Hespanha entre Arabes e Godos, a conquista de Granada, as navegações de Colombo, attrahiram sua attenção exclusivamente. Não tinha imaginação, mas possuia grande gosto litterario.

Cooper, pelo contrario, incorrecto na linguagem e sem o atticismo e elegancia de Irving, é um Americano de espirito e coração, é original: suas obras são nacionaes e sobre assumptos nacionaes.

Walter Scott encantava o mundo com os seus romances historicos; ao prazer das emoções dramaticas juntava a lição da historia. Preparava assim os leitores a procurar a historia real, a estudal-a, a aprendel-a.

É o grande merito do romance historico. Habitua o leitor a estudo mais serio. Walter Scott fôra muito erudito na historia da Escossia, sua terra natal, e na de todas as nações da Europa. Quem dirá que foi elle quem primeiro fez ao mundo conhecer o rei francez Luiz XI, que as proprias chronicas francezas e historias francezas desconheciam no character, falsificavam nas qualidades, rei que só queria formar a unidade franceza, e que foi o primeiro que lhe lançou os fundamentos, afim de formar a grande nação que foi depois

e ainda é hoje? Entretanto é facto attestado pelo proprio Guizot, o grande historiador francez.

Pensou Cooper consigo que era Walter Scott digno de imitar-se em relação á sua patria americana. Dedicou-se aos romances. As guerras dos conquistadores europeus e dos gentios, os usos e costumes destes, serviram de téla para os seus quadros. Seus romances são monumentos de patriotismo e do enorme talento descriptivo do autor. Foram, são e serão sempre apreciados pelos amadores do bello e do original na litteratura.

Tem, todavia, Cooper varios e notaveis defeitos. É tão excellenté escriptor descriptivo que se torna até prolixo e exagerado. Posto que dramatico, falta-lhe a paixão que faz viver, que fecunda, que exalta, que enthusiasma. Cooper ensina, agrada, não commove, não faz chorar. Gasta nos episodios e particularidades paginas inteiras, deixando de pôr ao vivo o principal. Si descreve o guerreiro indio, pinta-lhe o tamanho do corpo, dos braços, das pernas, da cabeça, as armas uma por uma, arco, flecha, massa: si o colloca sobre um rochedo, é preciso resignar-se o leitor a ouvir a natureza e qualidade da pedra, a côr, as arvores e arbustos, a situação e todas as mais minuciosidades.

Além disto, em scenas dramaticas é ás vezes frio, porque é mais anatomista que ideal, mais positivo que enthusiastico. Nos caracteres, afóra alguns typos que se lembrarão eternamente, e afóra as mulheres, parece mais exagerado que real, incompleto e incoherente. As mulheres nos romances de Cooper são de uma singular e rara originalidade; dir-se-iam as da Biblia occupadas nos misteres da casa, amigas dos filhos e

dos maridos, doccis, patheticas, interessantes e submissas.

Não são sereias orientaes que seduzam, bellezas dos salões francezes, brilhantes de luxo e espirito, que dominam o homem. São antes companheiras do marido, conselheiras, mãis de familia que attrahem as sympathias, porque são sempre mulheres, e não pretendem assoberbar os homens como superiores.

Após logo estes dous talentos superiores, produziu a America do Norte um philosopho distincto e eloquente, um moralista notavel, Channing, que constitue um vulto digno de todo o respeito pelos seus escriptos didaticos.

A republica dos Estados-Unidos entregou-se todavia mais á industria, ao commercio, ás sciencias applicadas, a conquistas de terras sobre vizinhos e sobre gentios, a assoberbar rios, transpôr montanhas, dominar lagos, lançar caminhos de ferro, telegraphos, navios de vapor. Não ha, portanto, que admirar um facto que alli se tem verificado.

É que as artes nenhum desenvolvimento, ou progresso têm obtido; os Americanos do Norte são mais obreiros que artistas. Estes lhes vêm ainda da Europa. As letras, posto que se tenha derramado, o gosto litterario, ainda que se haja muito propagado, não têm produzido homens de genio; quando muito, talentos de maior ou menor valia.

Póde oppôr á Europa dous jurisconsultos e publicistas de capacidade superior, Story, que analysou a constituição americana e o direito publico comparado, em uma obra notavel, repleta de sciencia e de methodo, e Wheaton, que me parece o mais notavel publicista moderno do direito internacional. Quer os principios

da sciencia e sua applicação, que constituem um livro admiravel, quer sua historia do direito das gentes, mostram seus elevados e profundos conhecimentos.

Póde ainda a grande republica mostrar á Europa que deu nascimento a um naturalista da primeira plana, Audubon. Não é só um sabio distinctissimo, é um escriptor elegante, primoroso, rival, si não superior ao celebre francez Buffon. Suas obras attrahem os leitores como um romance. É o poeta dos amores das aves, o narrador desse mundo aereo, que, principiando pela aguia, que elle descreve ao natural e grandiosamente, acaba no beija-flôr mimoso, que vive das flôres e no meio das flôres. Não encontrando nos Estados-Unidos os necessarios auxilios para publical-as, dirigio-se á Inglaterra, e ahi conseguiu expol-as ao mundo, que o admira como um dos primeiros naturalistas.

Além de oradores parlamentares como Clay e Webster, que adquiriram o grande renome, apresenta á Europa attonita historiadores capazes de hobrear com os Macaulays, Guizots, Thierrys, Mommsens e Rankes.

Admirai essas historias notaveis de Izabel e Fernando de Hespanha, e do grande tyranno Felipe II. É historia de Hespanha, melhor do que em Hespanha escreveram Hespanhoes. Notai as historias pittorescas das conquistas do Mexico e Perú, e dizei-me depois si Prescott não é um grande, um dos maiores historiadores modernos.

Logo ahi se lhe colloca ao lado Motley, que se dedicou á historia do levantamento dos Paizes Baixos, outra Hespanha, no tempo de Felipe II. Escreveu um livro, onde, além da narração, da philosophia, das grandes vistas politicas, desenha com maestria todos

os homens notaveis da época, Felippe II, o Duque de Alba, Orange, Egmont.

Lançai tambem os olhos sobre a historia da litteratura hespanhola durante os seculos XV, XVI e XVII, por Ticknor, professor do collegio de Havar. Nunca os litteratos hespanhoes tão perfeitamente analysaram a historia da sua litteratura nacional. Convem aqui dizer, meus senhores, que nós, que recebemos educação pelos livros francezes, que só lêmos e estudamos por livros francezes, pensamos que só França tem litteratura, ou França é que a tem mais vasta, variada e bella.

É um engano: Hespanha tem a historia mais pittoresca do mundo conhecido! Conquista de Carthaginezes, Romanos, Godos, Suevos, Mouros, não ha nella localidade sem poesia, pedra que não falle, rio que não murmure, reminiscencias que não sejam interessantes, cidades e sitios que não lembrem feitos assombrosos. Em litteratura brilhou, e muito, particularmente nos seculos de que Ticknor se occupou: o gosto da litteratura hespanhola, ou para melhor dizer, castelhana, espalhou-se pelo mundo, dominou as outras nações, influio em Inglaterra e em França, e até na Italia creou escolas.

Eil-o-ahi agora o grande historiador nacional, Bancroft. Sua obra é a melhor composicão historica, sobre a America, que possuímos. Reune todas as qualidades notaveis de taes escriptos, merece toda a admiração e respeito dos contemporaneos. Não menos de nove volumes contém, porque começa pelos descobrimentos e acaba com o seculo XVIII.

É verdade que destes quatro grandes historiadores americanos só um se occupou com a historia nacional:

os outros tres se dedicaram ao estudo da de outros povos. Mas é egualmente certo que suas obras são admiráveis, e dão gloria aos Estados-Unidos.

Todos elles foram diplomatas, homens politicos importantes. É que os Estados-Unidos, com seu bom senso, sabem apreciar os historiadores e escriptores de obras sérias, de estudos profundos, de instrucção vasta. Prestam-lhes mais homenagem que a um ou outro orador parlamentar, que apenas mostre facilidade de expressão discorrendo sobre assumptos politicos conhecidos; do que a um ou outro periodiquista que lança nas gazetas artigos vehementes, pomposos, proprios da situação, ainda que sem crudição real e effectiva. Os Estados-Unidos distinguem de preferencia os primeiros: elevam-nos aos cargos mais importantes do Estado, porque preferem talentos e capacidades conhecidas, que honrem os cargos publicos, a cargos publicos que honrem os homens elevados a elles.

Mas no que os Estados-Unidos são inferiores á Europa é ainda no campo propriamente da litteratura amena. Poeta tragico ou épico não possuem. Contam dous lyricos notaveis, posto que não propriamente de genio. São Brýant e Edgar Poe. Bryant mostra inspiração nas *Canções do Indio no tumulo de seus avós*, da *Joven India*, do *Cadaver do Selvagem*, e nos poemettos do seculo e *Tanatopsis*. É um poeta estimavel e digno de nota.

Edgar Poe morreu joven ainda, por causa de uma vida desregrada, em um hospital em Baltimore. Mas que talento, talvez mesmo genio annunciava! Quanto promettia si se dedicasse ao estudo, á meditação, á inspiração pura das musas!

Faz-me recordar um joven Brasileiro, Junqueira

Freire. Que admiravel engenho! Quanto annunciava que devia ser! Infeliz e desgraçado como Poe, desceu ao sepulchro, tambem na flôr da idade.

Ahi temos Leland, o satyrico Americano. Ainda que escrevesse no dialecto hollando-inglez dos Batavos, que edificaram Nova-York e Nova-Heven, que força, que graça, que espirito sarcastico, que ironia de pensamento!

Chega-nos a vez de fallar de um outro poeta americano que tem adquirido nomeada extensa, de Longfellow. Nós o conhecemos pelo seu poema *Evangelina*, traduzido na lingua portugueza por um joven e estimavel litterato. É, porém, mais um idyllio que um poema, semelhante composição.

Frio na descripção das paixões e scenas dramaticas nobilita-se, todavia, pela descripção agradavel dos sitios e da natureza. Mais erudito que imaginoso, falta a Longfellow muitas vezes o sentimento da poesia verdadeira, que elle substitue pelo estudo e pela instrucção.

Suas canções, porém, denominadas *Vozes da noite*, seu cantico de *Hiatarva*, primam por um pensamento patriotico, e por notaveis inspirações do solo natal. Os Inglezes litteratos o accusam de incorrecto e duro na metrificacção; nós, estrangeiros, acatando esse juizo de pessoas competentes da lingua ingleza, não podemos deixar de louvar, comtudo, suas composições, porque, si em geral lhes falta o sentimento, a vida, a paixão, merecem todo o elogio pela expressão da natureza, pela singeleza da descripção e pela belleza do pensamento.

Muitos outros escriptores têm, nos Estados-Unidos,

publicado versos; além dos citados um Paulding, elegiaco, um Pike lyrico, ainda podem chamar a attenção.

Os demais formam essa phalange enorme e inextinguível de versejadores, que pejam o mundo, e conspurcam todas as linguas.

O que não falta em parte nenhuma é a tal progenie de escrevinhadores de linhas rimadas ou versos, o que pretendem á foros de poetas, como si a poesia estivesse na palavra ou no verso, quando ella é toda ideal, do pensamento, e da imaginação !

Nasce alli uma criancianha, lá vai em versos pomposos saudar o tal poeta aos pais amorosos. Faz annos uma senhora de alta posição, versos ao natalicio, versos ás lindas madeixas do penteado (*risadas*). Ha um espectáculo no theatro ou passa desta para outra vida um personagem, ahi anda o novo poeta a recitar ou a publicar versos (*hilaridade*.)

Não faltam desses em todas as linguas, em todas as nações. Quantidade enorme de livros de versos se publicam em todas as cidades, e todos ou quasi todos apodrecem nas livrarias. Poetas são poucos, são mimosos do céu: fazer verso não é ser poeta; o verso não é mais que a veste, a roupagem para a poesia mais sollemne refulgir. Na prosa ha muitas vezes mais poesia que nos livros de versos.

Desses não fallo eu, e nem os Estados-Unidos se occupam; só dos poetas de algum merecimento. Todavia o paiz não está ainda preparado alli para os vôos da imaginação. As grandes montanhas, os espantosos lagos, os rios impetuosos, a vegetação gigantesca das arvores, não levantaram ainda inspirações dignas de sua natural magestade. É que alli faltam tradições historicas tambem. É que alli domina antes a tendencia

para as sciencias applicadas, para o que é mais utij na pratica, no uso da vida. Descobrimentos, melhoramentos, innovações, se executam todos os dias nas machinas, na mecanica, na industria, nas artes usuaes: a propria Europa os admira. Mas na litteratura amena, na poesia, é a America do Norte muito inferior, não digo só em relação á Europa, mas até aos estados de origem hespanhola e portugueza.

Assim tambem no romance, genero hoje da litteratura o mais cultivado, que se tornou encyclopedia de tudo quanto é conhecimento humano. De obra de ficção passou nas mãos de Walter Scott para a historia: depois tomou todas ás fórmulas, admittiu todas as tendencias, dedicou-se a todos os destinos. Fez-se socialista, communista, scientifico, artistico, poetico, politico, espirita e até religioso, manejado pelo cardeal Wiseman e o reverendo Krisbay. Publica-se actualmente tal quantidade de romances no mundo, e particularmente em Inglaterra, que é o paiz que maior cópia de livros dá aos prêlos diariamente, em todas as sciencias, artes e lettras, muito mais que França e Allemanha, que já não ha mais tempo para lêr, nem mais lagrimas para derramar pelas heroínas desventuradas ou perseguidas, e nem mais bibliothecas para conservar os romances.

As senhoras, sobretudo, ao romance se entregam ! Que quantidade de escriptoras na Allemanha, em França, em Inglaterra, na Italia, em Hespanha, em Portuga l e até na Russia ! É o genero litterario que melhor lhes convem ao caracter e sentimento, porque trata de pintar paixões, e a paixão é o principio que domina o bello sexo. E quantas se têm com justiça celebrizado, e até excedido aos homens, como escriptoras ! Stael,

Jorge Sand, Iliot, ahi se ostentam triumphantes. Pois nos Estados-Unidos, meus senhores, depois de Cooper, unico que deixou e deixa fama immorredoura, unico cujos romances se lêm ainda e se lerão, apenas um romance appareceu, e causou verdadeira sensação, produziu notavel effeito, e foi saudado como obra meritoria e litteraria.

É a *Cabana do Tio Thomaz*, por uma mulher, Miss Beecher Stowe, que tambem nada mais escreveu que mereça attenção. Esse livro tem merecimento litterario, mas agradou de preferencia, porque concorreu mais para a emancipação dos escravos, pela pintura de sua situação, do que os discursos fogosos do parlamento, as leis do congresso e os decretos do governo.

Tal é a situação scientifica, litteraria e artistica dos Estados-Unidos, nação robusta, repleta de seiva, de audacia, de actividade, que parece ter chegado á idade madura dos povos sem ter passado pela infancia, pela adolescencia, e até pela idade viril.

Alli trabalha-se mais sob o ponto de vista de interesses materiaes e praticos; ainda não chegou bem a época para a expansão do espirito, para as glorias litterarias. Ambicioso de dominio, trata o povo de ganhar terras aos indios e vizinhos, lançar-lhes estradas, cidades, plantações, e marchar sempre e sempre a estender-se, causando terrores aos proximos.

Na industria, no commercio, é grande, magestoso. Aperfeiçoa, melhora, innova, caminha na dianteira. E, o que é mais para admirar, nação moderna, tem uma qualidade que se notava no antigo povo romano.

Os Romanos tinham o poder de assimilar, fundir, absorver não só os povos por elles conquistados, como seus proprios vencedores. Avassallaram Allemanha,

Batavia, Grã-Bretanha, Gallias, Hespanhas. Os aborigenes sumiam-se nos Romanos, preponderava só o elemento romano. Foram depois batidos pelos Godos, Visigodos, Ostrogodos, Alanos, Suevos, Francos, Lombardos ; pois estes, vencedores, governando os paizes de que se apoderaram, deixaram-se absorver moralmente pelo povo conquistado, adoptaram-lhe na maior parte a religião, costumes, usos, e até sua propria lingua, posto que já bastante corrupta.

Assim os Estados-Unidos. Para ahi corre uma emigração espantosa de todas as nações da Europa, Russos, Scandinavos, Polacos, Hungaros, Francezes, Italianos, Allemães, Suissos, Irlandezes, Inglezes, Escóssezes, Hespanhoes, povos diferentes de instinctos, de idéas, de linguas, de raça, de tendencias. Chegados aos Estados-Unidos, despem-se todos de seus preconceitos e principios, adoptam tudo do Americano, tornam-se tão Americanos como o proprio alli nascido, são assim assimilados, fundidos, absorvidos no elemento americano.

Póde-se não admirar um espectáculo grandioso, estu-
pendo, novo, inesperado? Quem o previo? Quem o
adivinhou? Ha ahi um futuro indecifavel para o
homem.

*(Numerosos applausos distribue o auditorio ao ora-
dor ao descer da tribuna.)*

CURSO DE HISTORIA



Oitava conferencia.

Mexico.

Minhas senhoras e senhores !

Na ultima conferencia tracei um quadro succinto dos progressos materiaes e moraes da grande republica, que se instituiu e fundou sobre as antigas possessões americanas da Inglaterra. Foi o primeiro povo emancipado nesta parte do mundo. Empreheudo pintar hoje a situação do Mexico, cujo territorio lhe fica contiguo, e que foi de todas as colonias européas a mais rica, prospera e vantajosa de quantas possuiram os conquistadores da Europa.

Differente foi o systema politico e administrativo da Hespanha, relativamente ao empregado pelos Inglezes em suas possessões. Inglaterra povoou suas colonias com seitas religiosas, que fugiam á perseguição na Europa, e procuravam crear uma patria, onde gozassem

da liberdade de consciencia. Á proporção que fóram florescendo, vieram camadas de emigrantes, que se dedicaram a trabalhos agricolas, á industria e ao commercio, sem que a metropole lhes impozesse obstaculos e cortasse os vãos ao progresso material e nem á liberdade do pensamento.

Cada uma porção do territorio americano inglez começou a governar-se por assembléas locaes, autoridades locaes, educando-se assim, segundo o costume inglez, nas praticas e exercicio da vida publica. Ao proclamar sua independencia, essa colonia estava educada para o governo livre e republicano; o que houve de novo foi a autonomia declarada, e um laço que ligou os Estados, até então separados, como estavam, com o título de Constituição Federal, para em commum tratarem das questões e assumptos elevados e relativos á communhão geral, reservando-se sempre cada um seus negocios locaes e pàrtilculares, como o praticavam anteriormente.

O dominio hespanhol da America manifestou-se e desenvolveu-se porém muito diversamente. O Imperador Carlos V e seus successores consideraram as possessões, a terra americana, como uma propriedade: lançaram-lhe impostos pelo fóro ou arrendamento; crearam o direito de dizimos sobre todos os productos do solo; curvaram os gentios a um tributo de capitão, e a outro denominado de mita: o primeiro pago por cabeça, o segundo por um prazo fixado de trabalho nas minas, durante a vida do desgraçado: dir-se-hia o serviço militar exigido na Allemanha para todo o cidadão; abriram poucos portos ao commercio, que só se communicava com outros designados e especificados da metropole, como Bilbáu, Cadix e Sevilha, unicos

empórios da navegação americana; prohibiram o commercio das colonias entre si, e com os referidos portos da metropole, a não ser por meio de frotas e navios de companhias instituidas e monopolistas instituidas em Hespanha, que unicas podiam exercitar o commercio das colonias americanas, pelo que pagavam annuidades á corôa; reservou Hespanha, além disso, para si, o privilegio de certas mercancias, como sal, tabaco e cartas de jogar; especificou as arvores que nas colonias se podiam cultivar, fixando-lhes até a quantidade; as industrias que se podiam exercer, de modo a não concorrer com as da metropole; exercia por este feito a tutela da sociedade civil e dos interesses e negocios particulares.

Em relação ao governo, Hespanha captivou de todo a America. Dividindo todas as suas immensas possessões da America Septentrional e Meridional em quatro grandes Estados, collocou á frente de cada um um vice-rei com poderes absolutos e fausto magestático, um no Mexico, outro em Santa Fé de Bogotá, o terceiro no Perú, e o quarto em Buenos-Ayres; a estes vice-reis subordinavam-se capitães generaes nas localidades que se lhe sujeitavam.

Ao lado do vice-rei se collocava a Inquisição, com um tribunal para conservar pura a fé catholica e servir-lhe de auxiliar; e estabelecia-se uma audiencia de magistrados para as questões judiciais. Ambos estes tribunaes eram subordinados ao vice-rei, mais pelos costumes e necessidades locais que pelas leis existentes na metropole.

Um conselho denominado das Indias, residente em Madrid, dispunha dos empregos nas colonias, e fixava a sua legislação civil e militar, que era diferente da

da metropole. Sobre essa legislação assim decretada só prevalecia a vontade do rei sob o título de cédulas reaes para os casos extraordinarios. Na deficiência de lei particular é que vigorava o código das sete partidas, adoptado em Hespanha.

Os empregos publicos nas colonias só podiam ser exercidos por naturaes da Europa; os mesmos descendentes destes, nascidos na America, não podiam conseguil-os; consentia-se-lhes apenas o direito de disporem das propriedades territoriaes, manejo de minas, e exercicio do commercio e industria; para satisfazer-lhes a vaidade, concedia-se-lhes condecorações, titulos e postos honorificos nas milicias locaes, que nem uma influencia lhes davão.

Para que só se derramasse a instrucção que sorria aos interesses da metropole, creára-se escolas de primeiras letras, de alguma leitura secundaria, e universidades, ou antes faculdades, onde se ensinavam sciencias exactas e theologicas e jurisprudencia. Era quanto devia bastar ás colonias. Prohibindo-se a imprensa, fixava-se a qualidade de livros que podiam importar-se e lèr-se nas colonias. Além de obras politicas ou litterarias de alcance politico, era igualmente defesa a introdução na America Hespanhola de certos e determinados livros, e de romances de cavallaria, para que, sem duvida, se não exaltassem as imaginações dos habitantes.

No intuito de coarctar accordos entre os Americanos, entre si não podiam os habitantes dos vice-reinados communicar-se; cada provincia só com a metropole.

Assim manietada a vida publica e civil, como poderia o espirito americano desenvolver-se? Não admira, pois, que, durante o jugo colonial, só quatro vultos

notaveis produzissem os quatro vice-reinados, um poeta dramatico, Alarcon; um esculptor, Tolza; um astronomo, Vellasquez, e um chronista, Garcilaso de la Vega, e esses mesmos viveram na metropole, não nas colonias, exceptuado o esculptor.

Eis a situação em que estas se achavam ao começar o seculo XIX, posto que muito ouro, muita prata, muitas especiarias enviassem para Hespanha; fornecessem governos, cargos e especulações lucrativas á nobreza e povo metropolitano, e enriquecessem, enfim, Hespanha, que nos seculos XVII e XVIII, pôde-se dizer viveu á custa de suas colonias americanas, cuja seiva sugava até á ultima gota.

Eis que em 1808 Napoleão I se apodera de Hespanha, e, por um accôrdo leonino, a que coagio o rei Carlos e seu filho Fernando, toma conta da corôa dos Felippes e a cede a seu irmão José Bonaparte.

Inglaterra protesta, guerrêa a França; Napoleão governa o continente europeu; Inglaterra curva e enche os mares com suas frotas poderosas. Corta assim as relações e communicações entre Hespanha e suas colonias americanas. Estas ficam abandonadas por algum tempo a si proprias, sem receber ordens da metropole.

Ninguém nas colonias se quiz prestar ao governo de José Bonaparte. A dynastia de Bourbon foi pela America considerada a unica legitima. Mas os naturaes americanos exigiram juntas governativas para si, *ad instar* das que popularmente em Hespanha se installaram contra os Francezes. Os naturaes europeus na America pretenderam, ao contrario, conservar seus vice-reis e capitães-generaes, resistindo aos desejos dos seus descendentes, que eram os naturaes da America.

Eis a origem da luta entre a influencia dos europeus e a dos naturaes da America, nas colonias hespanholas. Ninguem fallava ou pensava ainda em independencia; todos se declaravam por Fernando VII e pelo jugo colonial.

A luta passa a meios materiaes. A guerra excita odios, exalta os espiritos, creá ambições, levanta esperanças. A emancipação veio por fim a tornar-se o pensamento dos Americanos, porque não só as côrtes hespanholas, na ausencia de Fernando VII, como este monarcha, depois que voltou a governar Hespanha com a queda de Napoleão I, tomaram partido pelos Hespanhoes de nascimento contra os Americanos, mandando forças da metropole ás ordens daquelles afim de curvar estes.

Em todas as colonias a luta e guerras começadas desde 1809 se prolongaram até 1826, e por fim deram a victoria aos Americanos, extinguindo o jugo hespanhol.

Quinze a dezeseis annos duraram, portanto, sangrentas, barbaras, crueis. Os espiritos crearam-se na guerra, desenvolveram-se na guerra. As letras, as artes, não podiam mostrar-se. A arte militar é que dominou exclusivamente, e todos se fizeram guerreiros, improvisando-se soldados, cabos, chefes, e prevalecendo só a força da espada, que é o despotismo mais pesado e violento que se conhece.

Tratemos agora particularmente do Mexico, para methodizar um pouco o desenvolvimento de nossas conferencias.

Nenhum assumpto de epopéa, minhas senhoras e senhores, sóbe á altura da conquista do Mexico pelo cavalheiroso Fernão Cortez. Só o descobrimento e

posse das Indias pelos audazes Portuguezes, só os prodigios alli verificados pelos Gamas, Albuquerque e Pachecos, podem rivalizar com os feitos dos Hespanhoes no Imperio dos Aztecas. É uma historia que se póde denominar poema épico; superior em grandeza, em magestade, em accidentes, em episodios, em maravilhas, ao da Illiada, que é apenas a luta de dous pequenos povos, ao da Eneida, que é apenas a briga de dous pequenos reinotes, ao da Jerusalém libertada, que é a guerra particular de duas raças de homens, de duas religiões oppostas. Só o genio sublime de Homero, a melancolia tocante de Virgilio, a imaginação romanesca de Tasso, podiam prestar áquelles assumptos proporções taes, que fôram, são e serão eternamente obras admiradas. Camões foi mais feliz que seus rivaes; encontrou assumpto mais grandioso: igual a este só o da conquista do Mexico.

Ahi vêdes um punhado de homens, pouco mais de seiscentos, com dez peças de artilharia e duzentos cavallos, desembarcar sob as ordens de Cortez, fundar a povoação de Vera-Cruz, entranhar-se em um paiz semeado de cidades portentosas como Cholula, Mexico e Tlasecala, de povoações civilizadas e regulares, industriosas e bravas, e curvar uns após outros, tornando-os auxiliares uns contra os outros, e por fim vencer, curvar um imperio de milhões de homens!

Que episodios pittorescos e românticos os da tomada do Mexico; os da triste noite em que os Hespanhoes se viram obrigados a abandonar a grande cidade; os da morte do imperador Montezuma, os da prisão do seu herdeiro Guatimozim, os da audacia de Cortez, queimando a frota de navios que alli o conduzira para tirar aos seus a idéa de abandonar a

conquista empreendida; esses amores, emfim, da Mexicana Marina, cedida a Cortez, e que se lhe dedicára, sacrificara-se por elle, salvára-o muitas vezes da morte, e consagrára-lhe aquelle sentimento elevado e puro, aquella paixão desinteressada que só o coração admiravel da mulher sabe conhecer e praticar!

Que caracteres superiores e variados o de Cortez, fidalgo cavalheiro, cruel ás vezes porque pertencia á sua época, fanatico porque o eram os Hespanhoes todos do seu tempo, mas franco, decidido, valentissimo; o de Guatimozim, tão resignado quanto resolutivo; o de Alvarado, valente como Ajax; de Sandoval, fiel como Achates; o de Ixttilxochitil, intrepido auxiliar de Texcuco; o de Marina, emfim, mais mulher que a plangente Andromaca, ou a bella Iphigenia, ou a trnissima Dido!

Tudo nesta conquista do Mexico é grandioso, cheio de prodigios, cercado de maravilhas, bastante para ornar o mais bello poema. Os Aztecas amedrontados diante da artilharia, das armas de fogo e dos cavallos: tomam por semideuzes os Hespanhoes; resistem-lhes por habito mais que com esperança de vencel-os. E esse imperio poderoso que avassalla assim um grupo heroico de Hespanhoes, a principio sós, depois com alliados que vão obrigando a ligar-se á sua sorte, e por fim com o terror, as execuções, as violencias, perde toda a força e coragem, curva-se, prostra-se humilhado dizimado, destruido, e por fim desaparece da terra que havia possuido, nobilitado e embellezado!

Chegou a final a occupação da Hespanha pelos Francezes. Como o vice-rei Itugarray se mostrára tímido diante das exigencias de juntas pelos naturaes, os Hespanhoes de nascimento o depuzeram e prenderam.

A junta de Cadix approvou o procedimento dos europeus e nomeou Venegas; este novo pachá commetten as maiores violencias contra os mexicanos de nascimento.

Um padre, um pobre cura, Hidalgo, tenta por fim a revolução contra o vice-rei: o paiz move-se, exalta-se, subleva-se em 1810. Hidalgo é apanhado e fuzilado pelos Hespanhoes. Morillos lhe succede. A mesma sorte coube a Morillos, segundo chefe e cura igualmente como Hidalgo. Em 1813 o vice-rei tudo leva de vencida. Eis que em 1817, um joven refugiado de Hespanha, Mina, filho do celebre guerrilheiro hespanhol do mesmo nome, levanta de novo o estandarte da revolução. Não escapou tambem á morte; foi fuzilado, e com elle quasi todos os prisioneiros em massa, como em 1810 a 1813.

Mas em 1821 recomeça a luta, não contra Fernando VII, nem pela emancipação do solo, mas pela libertação da classe nacional, captiva diante dos europeus dominadores, que querem conservar o monopolio do governo colonial. Aqui é Iturbide o chefe, um militar conhecido, afamado, que servira até então á metropole, mesmo contra seus proprios compatriotas. Iturbide derrota agora os Hespanhoes, expelle o vice-rei e tropas metropolitanas, e um congresso reunido offerece a Fernando VII o throno mexicano, para si ou para qualquer seu irmão ou parente por elle escolhido que o venha governar, cingindo a corôa. Fernando VII, recusa e tenta recuperar seu dominio absoluto, reduzindo de novo pela força o Mexico a colonia. O Mexico se declara então imperio independente e Iturbide sóbe ao cargo supremo do Estado, com o titulo de imperador.

Já se vê que o Mexico comprehendia a necessidade de instituições monarchicas. Mas a monarchia é ephemera quando o rei não tem raizes nas tradições, na historia, no coração do povo, na lei, enfim, por todos respeitada. Monarcha improvisado por uma eleição, cahê diante do movimento e reacção do espirito publico e de outra eleição: Iturbide foi logo derribado, como foram outros até na Europa. Só a legitimidade tem raizes para sustentar a arvore do throno.

Tentou em vão Iturbide imitar Napoleão I, voltando ao Mexico depois de desterrado, como aquelle da ilha d'Elba á França. Iturbide foi preso e fuzilado incon-tinente.

Constituiu-se por fim o Mexico em republica, e, *ad instar* dos Estados-Unidos do Norte, federalista. Libertado dos Hespanhóes, viu desencadear-se as paixões, as ambições de seus proprios naturaes. Já cruelissima fôra a guerra da independencia. Nem sexo, nem idade, nem serviços se perdoavam. Assassnavam-se todos os suspeitos de uma e outra facção. Todos os caracteres como que se haviam barbarizado. A guerra civil foi peor que a da emancipação. Pensaram ainda em procurar rei na Europa, em dynastias reinantes. Pensavam os mais atilados espiritos que só a instituição monarchica traria a cohesão das partes do solo que se desmoronavam e se separavam, a união dos povos que se deixava arrastar em sentido contrario por ambiciosos vulgares e despeitados cabos. Não se passa impunemente da extrema escravidão para a extrema liberdade, das trevas escuras para a luz radiante do sol. É preciso educação, illustração, experiencia, aprendizagem. Não se dá em vão saltos, sem subir-se regularmente os patamaes da escada.

Os Estados-Unidos do Norte tinham-se, estavam preparados, educados para a republica. O Mexico não. Para a republica é mister mais virtudes civicas, maior paciencia e resignação, maior illustração do povo, do que para a monarchia.

Adquirem-se grandes direitos, mas cumpre acci-tar-se grandes deveres egualmente. Não basta gozar dos direitos, é indispensavel cumprir-se os deveres. Querer aquelles sem curvar-se a estes, é expôr-se á anarchia.

Assim succedeu ao Mexico. Não havia aprendido a governar-se, não o soube executar quando livre. A guerra civil começou com a independencia; dura até hoje, sem fim, sem cessar. Não ha instituições que durem, leis que se não mudem com continuas revoluções, paz, ordem, tranquillidade, que existam um dia.

Os sustos e terrores fizeram decahir commercio, industria, espiritos, animos. As cidades se despovoaram; Mexico que sob o jugo colonial contivera 168,000 habitantes, não encerra hoje a metade deste numero; o mesmo facto se realizou em Queretaro, em Puebla e outras povoações. Mais da metade do territorio que constituia o vice-reinado hespanhol, e que encerrava então 7.000.000 de habitantes, separou-se; parte formou cinco republiquetas independentes, Guatemala, Honduras, Costa-Rica, Nicaraguas e Salvador; parte foi arrancada á força pelos Estados-Unidos, California e Texas.

As minas, que chegaram a render vinte e tres milhões de pesos fortes por anno, desceram a quasi nada; as finanças estão arruinadas completamente. As rendas sob o regimen colonial orçavam annualmente em vinte

milhões de pesos fortes, e não passam hoje de quatro a cinco. A agricultura não consegue mais aquella quantidade de fumo, assucar, anil, baunilha, coxonilha; a industria não alimenta mais fabricas de tecidos de algodão, que tinham sido tão importantes. Muito perdeu, posto que não seja mais colonia. Chama-se republica, e caudilhos se succedem no poder, governando absoluta e tyrannicamente, assassinando hoje seus adversarios para amanhã serem fuzilados por novos inimigos, que os derribam, e tomam o lugar e posto.

Como, pois, encontrar neste desgraçado paiz progressos de sciencias, lettras e artes, no meio da desordem constante e geral de ininterrompidas revoluções, de guerras fratricidas, de fuzilamentos horrorosos! Louco Maximiliano pensou trazer a paz ao paiz, que o não chamára, e a cuja corôa não tinha direito, imposto só por estrangeiros, que pensaram assim levantar o Mexico do seu abatimento contra sua vontade. O principe respeitado e querido na Europa, morreu victima lamentavel dos furores populares no Mexico. O Mexico pretere estorcer-se na mais desenfreada anarchia.

Não é, portanto, de espantar que depois da independencia não se lhe descubra nome de sabio ou artista que o tenha illustrado, nem de historiador, critico, philosopho, e quasi que nem de poetas de vulto, posto que a poesia é como a primavera, renasce sempre, quer chova, quer faça sol. A poesia é o unico ramo da litteratura que se faz notar no meio das guerras civis e estrangeiras, quando tudo o mais está succumbido, abafado. Tambem só poetas conta o Mexico entre seus homens illustres, depois de emancipado; que politicos, propriamente homens de Estado,

não tem ainda possuído, e nem guerreiros, e apenas guerrilheiros, posto que valentes e audaciosos. Dous poetas lyricos de algum merecimento, José Joaquim Pezado e Guilherme Preto, têm ousado publicar livros estimaveis. Dous outros, Fernando Calderon e Uchôa Cunha, têm escripto dramas de valor, de nota, de talento sério e elevado, ainda que não valham os primores da arte de Calderon de la Barca, de Tirso de Molina e Lopo da Vega, que elles procuraram, todavia, imitar, seguindo a mesma escola dramatica hespanhola do seculo XVII, que tanto lustre e gloria adquiriu no mundo.

Eis a situação do Mexico, meus senhores e senhoras! Lastimemol-a, e tomemol-a para lição. Vamos pacificamente melhorando o que temos a fortuna de possuir, e sustentando a ordem e a liberdade consorciadas e nunca separadas, para, como monarchia, sermos o que vão sendo como republica os Estados-Unidos do Norte. Todas as fórmãs de governo são boas, segundo os costumes, os usos, a educação, a illustração, as tendencias do paiz, e os interesses e situação da nação; todas podem dar a liberdade politica, a liberdade de consciencia, a liberdade de pensamento, a liberdade civil, que é o que faz a felicidade das nações e do povo; todas podem offerecer campo desembaraçado ao espirito, á riqueza, á industria, ás artes, ás sciencias, ás lettras. A questão é que sejam amoldadas ao character do povo, e que o povo as aceite e exercite regularmente. As instituições não cream, modificam apenas, e com o tempo transformam as sociedades. Para isso é preciso virtude politica. Não é com desordens, movimentos anarchicos, meios violentos e materiaes que se consegue o bem, só se planta a desordem. É com a

discussão calma e dentro dos limites da lei que se fazem os progressos e se alcançam uteis reformas e efficazes melhoramentos.

Ordem e liberdade, eis a base do edificio. O Mexico nem uma, nem outra tem conseguido obter; porque andam conjunctas e ligadas, e uma sem outra nada vale.

(*Numerosos e repetidos applausos acompanham o orador.*)

CURSO DE HISTORIA

Nona conferencia.

Columbia.

Minhas senhoras! Meus senhores!

Dos quatro vice-reinados estabelecidos na America pelos Hespanhoes, o menos importante e menos considerado pela metropole foi o de Santa-Fé, que comprehendia os territorios que correm do rio Essequibo, no Atlantico, seguem o mar das Antilhas, atravessam o isthmo de Panamá e adiantam-se no Pacifico até ao golpho de Guayaquil, tendo por fronteiras interiores as Goyannas, o Brazil e o Perú. A capital e séde suprema do governo se fundára na cidade de Bogotá.

É que seu solo, posto que uberrimo e cortado de rios navegaveis, como o Orinoco e Magdalena, fornecia apenas á Hespanha generos e productos agricolas, e não riquezas de ouro e prata, como o Perú e o Mexico, que mais pesavam na balança da metropole.

Fôra, entretanto, a primeira terra firme americana avistada por Colombo em sua terceira viagem de 1498, ao passar pelo cabo de Paríá: a primeira terra firme americana que pisaram aventureiros hespanhoes, dirigidos por Ojeda, ao descobrir o golpho de Darien; a primeira povoação hespanhola, a primeira posse, emfim, delles na America, quando fundaram Carthagena e outros sitios no correr da costa do mar das Antilhas.

Foi, além disto, a primeira colonia americana hespanhola que levantou o grito da independencia, logo em 1809, na cidade de Quito, grito que se repetiu quasi ao mesmo tempo em Caraccas, e logo depois em Buenos-Ayres, sublevando-se assim os dous extremos, norte e sul, Hespanhoes da America Meridional, emquanto por muitos annos permaneceram ainda quédos e curvados os vice-reinados do Perú e do Mexico, aliás mais ricos, populosos e importantes.

É de mais a mais a patria de Simão Bolivar, o vulto militar e politico mais elevado e importante das Americas, depois do de Washington, que o excedia, não em capacidade e habilitações de espirito, não em valor, não em patriotismo, mas em virtudes particulares e publicas, em qualidades moraes primorosas, que o tornaram digno da estima e admiração do mundo inteiro.

Merece, portanto, a Columbia, assim depois da independencia denominado o vice-reinado de Santa Fé, uma menção especial e honrosa nos estudos que esboçamos ácerca dos Estados americanos emancipados: será o assumpto da presente conferencia.

A historia do seu descobrimento, posse e colonização, não tem interesse como a do Mexico com seus episodios cavalleirescos, seus accessorios românticos, seu

povo indigena civilizado, suas lutas regulares; não se póde ainda comparar com a do Perú, onde o barbarismo e crueldade dos ferozes Pizarros e Almagros destruíram cidades, obras de arte, nações adiantadas em progressos materiaes, já em combates, ciladas e traições, já no seio mesmo da paz, e quando curvados e submissos todos os espiritos dos conquistados, que durante tres seculos de dominio não lhes oppuzeram mais resistencia.

Alli os hespanhoes fundaram as cidades de Caraccas e Bogotá, e portos de mar, La Guayra, Guayaquil, Carthagena, Santa Martha e Maracaibo.

A historia, quer da conquista, quer da colonização durante o periodo da dominação hespanhola, não offerece ahi nenhum interesse, quer scientifico, quer politico, ou litterario, ou de acontecimentos dramaticos.

Foi em 1809, ao saber-se que a Hespanha se curvára a Napoleão, seu throno estava occupado por José Bonaparte, sua familia real prisioneira em França, que em Quito appareceu o primeiro movimento revolucionario, em nome de Fernando VII, não logo declarado pela independencia, e uma junta do governo se installou com a deposição do capitão-general. Caraccas imitou-a; o exemplo contagiou-se, passou para Carthagena, e, como incendio, lavrou por todo o territorio do vice-reinado de Santa Fé. Eis a luta travada entre os Columbianos e os Hespanhoes. Aqui victorias, alli desastres. Uns nos outros se succediam. O desespero e odio tornou uns e outros barbaros, sanguinarios. Ergueram-se cadafalsos em toda a parte. Ensoopou-se por toda a parte a terra com sangue dos fuzilados. E ás duzias, ás Centenas, se praticavam as execuções atrozes. Assim todos os Columbianos foram

obrigados a ser soldados, militares, guerreiros. Não houve outra profissão possível durante a luta. Os caracteres se barbarisaram; o desejo de tirar vinganças, umas após outras e successivas, converteu todos, quasi sem excepção, em homens crucis e sanguinarios.

As córtes de Cadix, que proclamaram principios de liberdade para a Hespanha, não os quizeram para a America; perseguiram os sublevados Columbianos como inimigos a exterminar. Um deputado disse nas córtes em 1813: « Queixam-se os americanos de ter sido tyrannizados 300 annos: pois soffrerão mais 3,000. » Respondia outro: « São animaes ferozes os Americanos; o que não posso é adivinhar de que especie procedem. »

Fernando VII, ao tomar conta do governo de Hespanha em 1814, com uma politica moderada e conciliadora, poderia ainda chamar á sua obediencia a America insurgida. Fez o mesmo, porém, que as córtes por elle dissolvidas. A ferro e fogo perseverou em domar o vice-reinado de Santa Fé. Enviou para lá o general Murillo com 10,000 homens de boa força, e instrucções para não poupar a vida de nem um sublevado.

Continuou, portanto, a luta iniciada desde 1809: Bolivar, collocado á testa dos exercitos columbianos, batia-se por toda a parte. Aqui vencida, alli era derrotado, acolá dispersava inimigos; mas a pouco vagava foragido atrás de asylo em que se escondesse. Sua pertinacia, porém, sua energia, seu patriotismo, sustentavam a marcha e progressos da revolução, apezar dos revezes que ás vezes supportava. Em 1819 um congresso em Caraccas proclamou, enfim, a

republica, comprehendendo todo o vice-reinado, com o nome de Columbia, em honra do descobridor da America; decretando logo uma constituição politica unitaria para o novo Estado.

Em 1823 é que se conseguiu expellir o ultimo hespanhol do solo columbiano; fora seu ultimo reducto o forte de Porto-Cabello.

Mas os caracteres se tinham, com a luta de 14 annos seguidos, extremamente barbarizado; os povos militarizado; os habitos pacificos desaparecido; a industria, a agricultura, decahido. Como caudilhos, faltando inimigos estrangeiros a combater, podiam permanecer pacificos, subordinar-se a um governo regular? Formou-se um partido federalista para separar o Estado em governos particulares, afim de satisfazer-se as ambições dos caudilhos. Da guerra estrangeira passou-se á guerra civil, que não foi menos sangrenta e exterminadora, e que, infelizmente, deixou germens anarchicos nos espiritos, e faz de vez em quando explosões, de modo que nenhum governo é estavel, nenhuma instituição se garante, nenhuma lei vigora por muito tempo.

Bolívar tornou-se chefe do partido unitario; tratou e conseguiu, marchando para o Perú, libertal-o do Jugo hespanhol, e crear o novo Estado da Bolivia; voltou a combater na Columbia, não os Hespanhões, mas os seus proprios compatriotas, que no campo da guerra pretendiam decidir dos destinos e governo do paiz.

Por fim, desenganado de que não tinha forças para domar a má direcção dos espiritos, para estabelecer e firmar a ordem, para manter a união no Estado, cheio de desgostos pelas ingratições soffridas,

abandonou em 1830 governo, commando do exercito e patria. Foi morrer perto de Santa Martha, deixando escripto em seu testamento que só teria prazer si soubesse que a Columbia formava uma nação prospera e unida.

Logo depois do fallecimento do heróe columbiano, partiu-se a Columbia. Tres Estados se formaram sobre suas ruinas. O de Venezuela com sua capital de Caraccas, uma população de 850,000 almas, e alguns portos sobre o mar das Antilhas ; o de Nova Granada com 1,300,000 almas, capital Bogotá, e senhora do porto de Carthagena e Panamá ; o do Equador, capital Quito, com 650,000 almas, e o porto de Guayaquil no Pacifico.

No meio desse espectaculo triste e miserando de uma guerra estrangeira, e de lutas civis constantes desde 1809 até hoje, como poderia a Columbia desenvolver progressos materiaes e moraes ? Como poderiam as sciencias, as artes, as letras, ser cultivadas vantajosamente, ellas que precisam de repouso para o estudo, de assumptos variados para inspirar-se ? Nada havia produzido o vice-reinado hespanhol de Santa Fé porque a ignorancia dominava, o despotismo dos capitães-generaes subjugava, a inquisição amedrontava, o monopolio metropolitano tudo dirigia, as communicações com outras nações estavam prohibidas, a instrucção só espalhada segundo os interesses egoisticos da Hespanha, os espiritos subordinados a regras invariaveis, as sciencias, as letras, as artes afugentadas. Uma denominada universidade em Bogotá, para o ensino de mathematicas e theologia, pouco podia alimentar a intelligencia de povos, que só podião ler certos e determinados livros escolhidos e decretados pelas autoridades metropolitanas.

Escapar dessa extrema escravidão para a guerra, para a luta material constante, que resultado deu? Ignorancia da verdadeira liberdade politica e civil, que se não tinha tempo de aprender e praticar: instituição apenas e excitamento de guerrilheiros, caudilhos, ambiciosos politicos, que entenderam que sob o systema republicano se deve governar como sob o regimen absoluto e despotico. Tres seculos de oppressão deixaram gravados nas massas populares o fanatismo e a degradação moral. Só o tempo, bom governo, boa politica, uma educação de ordem e da liberdade, poderiam preparar e alcançar, depois de algum tempo, e não logo depois, a regeneração dos espiritos.

As sciencias, pois, e as artes, nenhum desenvolvimento têm conseguido. Da litteratura apenas o ramo da poesia começou a ser cultivado; e algum tanto o do genero historico.

A luta da independencia infiltrou nos animos dos Columbianos odio entranhavel a Hespanhões; não quizeram estudar sua litteratura, apezar de ter ella por instrumento uma das mais bellas, sonoras, graves e entusiasticas linguas, como é a castelhana. De Hespanha nada quizeram mais, nada aceitaram os Columbianos.

Italia nem uma relação com elles tinha; Allemanha era-lhes desconhecida. A lingua ingleza não aprenderam. Foi a França, portanto, que os iniciou na vida litteraria, quem inspirou seus primeiros poetas, seus primeiros prosadores. Raiou-lhes a litteratura franceza como a luz ao cego. De França acolheram tudo, livros, theorias, systemas, educação, instrucção, idéas, até vicios, e a falsa gloria militar, que pretenderam imitar e tantos males lhes causou. Tornaram-se os espiritos

columbianos échos da França, começando por traducções francezas de poesias, que publicaram as primeiras imprensas que estabeleceram.

Logo, porém, depois dos primeiros extasis de admiração, o paiz natal fallou-lhes á imaginação com seus rios, montanhas, horizontes, lagos, lhanas e florestas esplendidas. Lozano appareceu, nascido em Venezuela. Dotado de verdadeiro estro lyrico, escreveu suas *Horas de martyrio*, seus *Canticos patrioticos*, que enthusiasmavam seus compatriotas, que nelles descobriram uma magnifica imaginação. Napoleão I teve a fortuna de inspirar poetas europeus de varias nações; é o privilegio esse dos grandes genios. Cesar e Alexandre o haviam conseguido na antiguidade. Lozano enlevou-se na admiração de Napoleão, e dirigio-lhe uma ode, que rivaliza em sentimento e sublimidade com as de Manzoni, Delavigne, Byron, Lamartine. Não a sei de côr; lembra-me, todavia, um trecho, ou antes um pensamento, que peço licença para repetir, afim de que possais, senhores e senhoras, formar uma idéa do genio de Lozano. Tinha Napoleão morrido, e diz-lhe o poeta:

« Aguia sublime, cujo ninho foi a tempestade, cometa inflammado que incendiaste o mundo, deus cahido do throno dos deuses, quem recebeu tuas ultimas palavras ?

« Não foram as pyramides do Egypto, que, ao rumor de teus passos, se inclinaram attonitas; não foram as aguas do Nilo, que, avistando-te, murmuraram teu nome; não foram as capitaes da Europa, que domaste á força de armas, e illuminavam seus palacios e templos para te receberem em seu seio; não foi o Sena, que banha a tua formosa Pariz, séde de tanto poder e

grandeza ; não foi mesmo tua patria agreste no meio do mediterraneo.

« Pequenos eram a terra, o céu, os mares, para tua ambição; o illimitado firmamento formava o tecto esplendido de teu palacio; teu diadema eram os astros; sóte convinha um sepulchro de diamantes. E cahiste em Santa Helena, na ilha, no rochedo abandonado ! »

Olmedo e Mera, no Equador, respondiam de Quito a Lozano, de Caraccas, si não em tão magnifica linguagem, em poesia, comtudo, agradável ; e ao mesmo tempo Julio Arboleda, de Bogotá, os excedia a todos com imaginação mais poderosa. Arboleda fôra militar, guerreiro, politico, vencedor, vencido, ás vezes á testa dos exercitos e governos, outras foragido, perseguido, e por fim assassinado pelos inimigos. Arboleda, entre obras de valia, deixou-nos dous canticos de uma legenda, repletos da mais bella poesia descriptiva, brilhantes de vôos de imaginação, com o titulo de *Gonzalo de Goyon*, obra prima e de verdadeiro genio.

Compunha-se a legenda de doze canticos ; o governador hespanhol de Bancas, salteando-lhe a casa, queimou-lhe dez, que encontrou : restam-nos assim dous unicamente ; mas elles bastam para se ter em conta de verdadeiro e inspirado poeta quem os escreveu tão magestosamente.

É baseada a legenda na historia da conquista de Popayan. Já Cortez domára o Mexico, Pedro Alvares Cabral o Brazil, Arias d'Avila o continente columbiano, Almagro e Pizarro o Perú, Solis o Rio da Prata e Valdivia o Chile ; já Magalhães unira o Pacifico ao Atlantico, atravessando o estreito que recebeu seu nome ; já Orellana descêra dos Andes, descobrira as origens do Amazonas, percorrêra-o até sua

foz no oceano, enganando o mundo que encontrára nações de mulheres, a que se deu então o nome de Amazonas.

Almagro e Pizarro, depois da conquista do Perú, pretendem ser senhores o reis do paiz, e revoltam-se contra a patria européa. Com a morte delles, igual ambição nutre outro Hespanhol, Gonzalo de Goyon, e aspira a ser rei do territorio denominado Popayan. Seu irmão se lhe oppõe, e sustenta os direitos de Castella. Eis a legenda. Para animal-a e embellezal-a, Arbolea nos dous canticos apresenta a America como a heroína, sobre cuja figura recahe todo o interesse, todo o encanto, toda a magia do poeta.

Euzebio Caro e Guilherme Gonzales, de Nova Granada, são poetas igualmente dignos de menção distincta. Do primeiro até o congresso de Bogotá reconheceu, pôr lei, os eminentes serviços. Gonzales tem rasgos de lyrismo superiores e prova grande imaginação.

Ha, portanto, na Columbia, uma seiva de imaginação, uma intelligencia espontanea, que demonstra o que conseguiriam os genios de alguns de seus naturaes si mais tranquillamente se pudessem entregar ao cultivo das letras e á inspiração das Musas, que de certo se assustam muito com as continuas sedições, revoltas, guerras e perseguições violentas.

A prova mais patente ali está em que muitos columbianos illustres foram mortos nas guerras da independencia e civis, que se lhes seguiram; muitos se expatriaram e foram viver no estrangeiro, por não encontrar segurança no seu paiz.

Mutis e Caldas eram naturalistas distinctos; tomaram o partido dos independentes. Ambos foram fuzilados.

pelos Hespanhoes; os manuscriptos do ultimo sobre historia natural e botanica particularmente, em que era eminente, foram queimados, para que nem as obras fizessem lembrar o nome do autor. Arboledo foi assassinado. Assassinado foi o celebre e distinctissimo general Sucre, amigo e companheiro de Bolivar, e que tantos serviços prestou á independencia de sua patria e á do Perú e Bolivia. Vargas Tejada, de Bogotá, grande poeta lyrico, igual aos que foram por mim já mencionados, fugindo aos inimigos após um desgraçado combate, preferiu atirar-se a um rio, em cujas aguas se afogou, a entregar-se á morte no cadafalso, a que o haviam condemnado.

Razão tinham ou deviam ter os que se exilaram, e a lista dos columbianos que viveram no estrangeiro contém nomes verdadeiramente illustres e gloriosos.

No Chile professou direito André Bello, de Caracas, jurisconsulto eminente, que redigiu o codigo civil chileno, politico afamado, que publicou um tratado de direito das gentes. Em Hespanha tornou-se Hespanhol o poeta dramatico Garcia Quevedo, preferindo paz em Madrid á situação turbulenta de Venezuela. Seguiu seu exemplo Baralt, que escreveu a historia da Columbia e se entregou á redacção de um excellente dicionario da lingua castelhana. Samper, publicista illustrado e escriptor de gosto, e Torres Caicedo, ambos granadinos, se entregam ás letras em Pariz, e preferem alli prestar serviços patrioticos com publicações que do mundo fazem seu paiz conhecido.

Apezar das guerras civis, e da anarchia constante que têm assolado os tres novos Estados da Columbia;

apezar dessas mudanças permanentes de governos, de instituições, dessas transformações de congressos, e de leis próprias; apesar de não estar feita a educação publica para o systema republicano, que deve ser pacifico e regular como qualquer outro, e não turbulento, instavel, desordenado, como o é o de povos que não tiveram aprendizagem, costumes, qualidades civicas para elle; cumpre confessar que Columbia tem conseguido progressos agricolas e commerciaes, e se desenvolve paulatinamente na carreira industrial, levando lampas ao Mexico e ao Perú, cujas minas de ouro e prata parecem esgotadas, e que haviam, todavia, conhecido agricultura nos tempos coloniaes. La Guayra e Carthagena, principalmente, são hoje portos maritimos de importancia para importação de productos europeus, e para exportação de café, cacáo, fumo, anil, cochonilha, madeiras e mil outras especiarias de estima.

E é, de certo, esse movimento industrial ou commercial que, separando-se da politica militante, das evoluções dos partidos, da luta incandescente dos ambiciosos caudilhos que se guerrêam, se destroem, se substituem, se trucidam mutuamente, entretem em certas camadas da sociedade uma tal qual quietação ou tranquillidade, que alimenta alguma vida intellectual, sobretudo em Bogotá, que se denomina a Athenas dos Estados americanos de origem hespanhola, e onde ha periodicos e revistas litterarias de bastante interesse.

Cumpre ainda accrescentar que os poetas da Columbia são superiores aos demais poetas americanos de origem hespanhola em côr nacional, em tendencias americanas, em sentimentos locais: ha nelles um cunho,

um typo, uma feição característica americana, que lhes dá um encanto particular.

Os hymnos da patria de Lozano, as composições de Arboledo, Vargas Tejada e Gonzales, são publicos documentos de minha proposição. A patria os inspira de preferencia. São os horizontes da patria, as grandes maravilhas da patria, os serros altanados da patria, as florestas magnificas da patria, que formam o colorido plastico. Mas o sentimento é intimo pelas desgraças ou venturas da patria, pelas lendas da patria, pelos heróes que a patria tem honrado.

Ainda os vates de Buenos-Ayres, como mais tarde observaremos, os acompanham; mas os do Chile são mais europeus que americanos; os do Perú e Mexico são cópias dos modelos hespanhoes que tomaram como seus mestres e typos, e é por isso que aqui domina mais o ramo dramatico que o lyrico, o elegiaco e o descriptivo.

Pelo theatro brilha Hespanha mais que nenhuma nação, afóra talvez Inglaterra, e isto por ter esta nação produzido um genio tão extraordinario como Shakspeare. A litteratura dramatica hespanhola foi a mais rica da Europa durante os seculos XVI, XVII, e, direi mesmo, ha hoje uma consideravel pleiade de poetas dramaticos em Madrid, de superior talento, como talvez em nenhum outro paiz. Larra, Hastzenbuch, Zorrilla, e muitos mais, nada têm que invejar aos modernos dramaturgos de França, Allemanha, Italia e Inglaterra.

Os poetas da Columbia são lyricos, elevados, sentimentaes de preferencia; mas são americanos. Não se submettem nem sob o ponto de vista da arte ás regras classicas, e nem á disciplina rhetorica, como os dos

Estados-Unidos do norte da America, que procuram acompanhar as normas e exemplos estabelecidos por Pope, por Johnson, por Addison. É que nos Estados-Unidos os costumes são alicerces da sociedade; ha liberdades, mas ha deveres correlativos; goza-se de umas, mas obedecem-se; cumprem-se os outros. Ha, emfim, educação para se ter republica como governo estavel.

Na Columbia falta um certo freio que contenha os animos, falta ainda o conhecimento dos deveres a que devem sujeitar-se. Assim a republica torna-se apenas um bello sonho do espirito, não um governo pratico e realizavel. Cada eleição de presidente é uma desordem, uma revolução; e o presidente quasi nunca finda o tempo do seu cargo, porque a impaciencia dos adversarios o não deixa tranquillo na administração suprema!

Assim como na politica, ha uma tal qual anarchia e desordem na litteratura columbiana moderna: é brilhante pela imagem, pela elevação de idéas, pelo sentimento intimo; mas não se subordina ás vezes ás regras do gosto, que é a arte, e a arte orna a natureza, embelleza-a, diviniza-a. Ha inspiração, ha vôos, ha imaginação, emfim; mas ella transborda, como os rios, que, sahindo de seus leitos, alagam e estragam, por vezes, os campos que deveriam fertilizar.

(Gerats applausos recebe o orador).

CURSO DE HISTORIA

D ecima Conferencia.

O Perú, o Chile, a Bolivia e a Araucania.

Minhas senhoras e senhores !

O assumpto da prelecção de hoje refere-se ao Perú, cuja historia, durante a conquista hespanhola, não apresenta, como a do Mexico, aquelles quadros e episodios romanticos, pittorescos, poeticos, que encantam e extasiam, porque differentes eram os Aztecas do Mexico e os Peruanos, quer nos usos, costumes, religião, tendencias, quer na mesmas instituições, posto que ambos se possam denominar civilizados, porque possuíam cidades populosas, monumentos notaveis de architectura, legislações regulares, tradições honrosas, sociedades notaveis, e um tal qual cultivo intellectual e moral. Diversos se mostraram igualmente os caracteres dos dous conquistadores, Hernan Cortez e Francisco Pizarro, na origem, nos instinctos, nas qualidades, nas

aspirações. Dahi a diversidade das conquistas e da historia dos acontecimentos.

Os Aztecas do Mexico formavam um povo guerreiro, feroz, de religião sanguinaria; praticavam sacrificios humanos, dedicavam principal culto ao deus da Vingança, como ente espiritual e director do mundo.

Os Peruanos eram dotados de costumes molles e socegados, obedientes, passivos de seu governo, timidos em excesso. Sua religião cifrava-se no culto natural. O universo visivel manifestava-lhes o sol como o mais esplendido astro; o sol era assim para elles deus que illuminava, fomentava e dominava o mundo: a lua considerava-se a mulher do sol, e as estrellas e constellações seus satellites; Venus, por mais formosa e brilhante, o pagem querido de Deus. Seus altares não viam immolar-se senão cordeiros e animaes mansos e innocentes. Constituiam, como os Mexicanos, uma monarchia absoluta, e, posto que não conhecessem os hieroglyphicos e as pinturas, para a escripta usavam de nós em cordas, afim de guardar suas tradições e conservar os factos historicos, collocando-as ordenadamente em monumentos especialmente destinados a esse fim. Menos commerciantes que os Aztecas, que possuiam mercados e feiras; menos industriosos nos trabalhos de fiação, eram, todavia, melhores agricultores, estudavam mais accuradamente o plantio das arvores e as qualidades da terra; desenvolveram mais o systema de irrigação e adubamento de solo, e se entregavam com o mesmo cuidado ao fabrico de joias metallicas e objectos preciosos.

Hernan Cortez procedia de familia nobre, dispunha de instrução e talento, tinha character cavalheiroso, qualidades de verdadeiro fidalgo; virtudes e pericia de

bom guerreiro e militar; educado, como fôra, na grande escola hespanhola contra Arabes e Mouros, que avassalaram por tantos seculos a península iberica, Francisco Pizarro, filho do azar, aventureiro obscuro, ainda que valentissimo e temerario, não sabia infelizmente ler nem escrever, e levava-se todo do instincto de enriquecer-se, quando Cortez era mais inspirado pela ambição de gloria.

Cortez commetteu actos barbaros, que lhe nodoam a memoria; as circumstancias, porém, o arrastaram, e, mais que ellas ainda, uma superstição, um fanatismo religioso, particular a todos os Hespanhoes da epocha, que não consideravam homens dignos de protecção e de misericordia senão os catholicos.

Pizarro não conhecia sentimentos religiosos, nem noções moraes. O fanatismo é a perversão do espirito religioso. Posto que máo e pernicioso, procede de um principio nobre. O atheismo é a renegação de tudo o que ha de mais bello e digno no homem; não é um principio, é um facto horrendo e productor dos mais detestaveis crimes.

O zelo religioso illudia Cortez, a perfidia dominava Pizarro.

Cortez domou, curvou, conquistou o Mexico para a Hespanha, com inauditas difficuldades e perigos, porque era militar distinctissimo, estrategico. Morreu pobre em Hespanha, apesar de encontrar muitas riquezas no Mexico.

Pizarro apoderou-se do Perú quasi sem resistencia do indigena, e mais pretendeu o Perú para si que para a Hespanha; enriqueceu-se extraordinariamente, travou lutas com seus companheiros da conquista e com as autoridades e governo da Hespanha por causa

de ambição de riqueza: acabou assassinado pelos seus proprios compatriotas, no meio de seus mesmos companheiros de guerras.

Assim, portanto, maiores trabalhos custou a Cortez a conquista do Mexico; sua historia, porém, é mais cavalheirosa, interessante e romanesca.

Ao principiar o seculo XVI não se fallava, não se tratava, não se cuidava em Hespanha senão em conquistas de paizes novos, incognitos, riquissimos. Christovão Colombo arrancára do espaço a America como uma brilhante constellação. Vasco da Gama rasgára estradas para a India, paiz dos brilhantes, dos rubins, da canella, do aljofar, das especiarias preciosas. Em 1518 Vasco Nunez de Balboa ousára subir as montanhas do isthmo de Panamá, descobriu o oceano Pacifico e tomára posse deste mar em nome do monarcha hespanhol: pagou, todavia, sua audacia e gloria no cadafalso, a que o condemnou o governador de Darien, Pedrarias de Avila. Em 1519 Cortez avistou e domou o Mexico, enchendo de espanto a Europa com a sublimidade dos seus feitos, verdadeiramente épicos. Em 1532 Francisco Pizarro achou-se diante de Tumbez, cidade dos Peruanos, no isthmo de Guayaquil: admirado de sua importancia e de sua riqueza, fingio-se amigo, e para agradecer-lhes assaltou e exterminou os habitantes da ilha vizinha de Puna, porque eram inimigos dos povos de Tumbez.

Ganhou fama com as armas de fogo, de que usava, com o emprego de cães de fila, que não eram conhecidos dos indigenas, e que se tornaram excellentes auxiliares dos Hespanhoes contra os indios, e particularmente com o emprego de cavallos companheiros

do guerreiro. Não se contentou com afeição os povos de Tumbez; apoderou-se também, á força, da sua cidade, praticou carnificina atroz nos que lhe resistiram, e assim formou o prefacio da conquista do Perú, marchando audazmente com cêrca de quatro centos guerreiros, peões, cavalleiros e artilheiros, e uma malta de cães de fila, para ir descobrindo novos povos e commettendo novas conquistas. Resoavam a seus ouvidos as proezas e fama de Cortez: não o animavam os mesmos sentimentos de gloria; mas não poderia amontoar riquezas que o tornassem um potentado? que de um aventureiro pauperrimo o levantassem a fidalgo opulento?!

Em boa hora pisára no Perú. Guerra civil lavrara no seio desses povos mansos e de costumes molles. O imperador Huana Capac fallecera, deixando dous filhos, dos quaes um legitimo, Huascar, filho de uma Inca. Os Incas formavam a familia, a raça régia. O povo se dividia em nobres e plebe. O outro filho do soberano, Anahualpa, procedia de illicitas relações com uma favorita de Quito. Huana Capac declarara que o departamento de Quito pertenceria a Anahualpa, e todo o mais territorio do imperio a Huascar, com sua capital de Cuzco. Anahualpa levantou o estandarte da revolta contra Huascar, não se contentando com Quito. Batalhas repetidas trouxeram em resultado a prisão de Huascar, que, vencido, cahira em poder do irmão.

O vencedor Anahualpa estremece, porém, no meio de suas victorias, ao rasgar-lhe os ouvidos a noticia de que estrangeiros de um valor inexcedivel, montados em cavallos, armados com fogo, acompanhados de cães de fila, pisavam o solo do norte do Perú, trucidavam tribus numerosissimas de seus habitantes, e

marchavam a seu encontro. Enviou-lhes logo mensageiros, presentes. Pizarro aceitou-os, acolheu-os, e exigiu de Anahualpa uma entrevista, caminhando sempre para o interior; chegando a Caxamalca, soube que o Inca estava perto dali, mandou-lhe incontinentemente pedir que viesse á cidade fallar-lhe.

Anahualpa obedeceu-lhe com terror. Um frade hespanhol, por nome Valverde, acompanhava o conquistador hespanhol, e foi o primeiro que na entrevista fallou ao rei, exigindo abjurasse sua religião, abraçasse o catholicismo e se sujeitasse ao monarcha de Hespanha.

O Inca, não o comprehendendo, recebeu delle um livro, o Evangelho, examinou-o por todos os modos, chegou-o aos ouvidos, e, nada sentindo, atirou-o ao chão. Valverde grita aos Hespanhoes que é preciso vingar a Christo, insultado pelo Inca, e dá o signal de ataque. Anahualpa é acommettido inesperada, inopinadamente. Pizarro carrega nos Peruanos com furia e valentia. Posto que muito mais numerosos, estes tremem e fogem, deixando preso seu imperador. Pizarro toma conta de Caxamalca, e recolhe immensos thesouros em prata e ouro, de que parte distribue pelos seus companheiros de aventura, outra remette para Hespanha, guardando o melhor para si.

Prisioneiro, Anahualpa prometteu logo pela sua liberdade e vida ouro e prata que enchessem um palacio, dizendo a Pizarro que os possuia em Cuzco e varios pontos do seu imperio. De feito passou ordens, e a todo o momento chegavam a Caxamalca e se entregavam a Pizarro espantosas quantidades de metaes preciosos. Não bastavam, porém, ao cubiçoso conquistador. Exigiu elle de Anahualpa que podessem ir livremente emissarios,

seus a Cuzco, cujas maravilhas ouvira narrar aos indigenas. Anahualpa obedeceu. Cuzco foi vista, examinada e roubada pelos emissarios de Pizarro, que só no grandiosissimo templo do Sol encontraram paredes e portas inteiras de ouro e prata lavrada, e as arrancaram com audacia. Ao saber os successos de Cuzco, não hesitou mais Pizarro em seus designios; condemnou o imperador Inca á morte, como traidor á Hespanha, e assassino de seu irmão Huascar, e o fez massacrar, marchando immediatamente para Cuzco e lançando o terror e a morte por toda a parte.

Em Cuzco proclamou-se governador geral do Perú, esquecendo seus companheiros e socios da empresa da conquista, Almagro e Lucca, que lhe haviam, todavia, fornecido os necessarios fundos para executal-a. Almagro sublevou-se, exigiu sua parte nos proveitos. Começou logo a guerra civil entre os conquistadores, emquanto os Peruanos, evadindo-se, se recolhiam ao interior, cortados de sustos, depois de acclamar seu Inca Manco Capac, filho de Huascar.

Fundou Pizarro a cidade de Lima para capital do Estado; Benalcazar domou Quito, Almagro atacou e apoderou-se de Cuzco. Pizarro, senhor de um ponto importante é novo, adrede fortalecido, como era Lima, dirigiu-se então contra Almagro, venceu-o, e o fez enforcar, expondo seu cadaver nas praças publicas por alguns dias. O filho de Almagro subleva-se, e consegue assassinar Francisco Pizarro. Novas lutas entre os irmãos deste e Almagro. De Hespanha chega o vice-rei Vaca de Castro para pôr ordem ás paixões. Almagro filho é fusilado por mandado do vice-rei. Novo vice-rei, Blasco Vela, substitue a Castro, cujo governo não contentára a metropole. Levantam-se os irmãos

Pizarros e mataram Vela, apoderando-se do governo. Terceiro vice-rei é mandado, Gasca, que condemnou á morte e fez executar a sentença no patibulo contra os Pizarros restantes e mais dez dos seus comparsas.

Continúa este vice-rei a conquista do paiz, e, apezar de se lhe entregar o imperador Tupac, successor de Manco Capac, ordenou que fôsse igualmente assassinado, afim de que ninguem mais no Perú, hespanhol ou indigena, ousasse levantar-se contra o dominio hespanhol, ou considerar-se autoridade, sem obter nomeação regular da metropole.

Assim firmou-se a conquista geral, e começou regularmente a Hespanha a dominar o Perú.

Ha uma consideração ainda a fazer. Emquanto Cortez no Mexico poupou cidades e monumentos, contentando-se com captivar os gentios vencidos, Pizarro e seus companheiros no Perú tudo destruíram e arrasaram, até estradas gigantescas, que existiam, e templos sumptuosos, dignos da maior admiração; nem pouparam a vida de gentios, que apanhavam como animaes bravios.

Do Perú passou a conquista hespanhola para o Chile. Valdivia foi o seu descobridor, e ahi lançou os alicerces de Santiago, Valparaiso e varias outras cidades, lutando com uma nação guerreira, denominada Araucania, que descia constantemente das serras vizinhas a combatel-o. Cahio por fim Valdivia em poder dos Araucanios, que o trucidaram e devoraram cruelmente, posto que no littoral o dominio hespanhol solidamente se firmasse.

Creou então a Hespanha o vice-reinado do Perú, que comprehendeu todo o territorio desde Tumbes até ao estreito de Magalhães, e mais as partes elevadas das

montanhas nas vizinhanças do lago de Titicaca, deixando apenas uma zona habitada pelos Araucanios, que nunca se deixaram vencer pelos Hespanhoes, guardando sempre sua autonomia e terras, sem que lá pisasse filho da Europa. Não eram civilizados como os Peruanos, mas, por causa das vizinhanças com estes, distinguiam-se das outras tribus americanas, que eram nomadas, porque os Araucanios formavam povoações e cultivavam a terra.

Assim tambem tinha havido ao norte, nas terras hoje de Nova Granada e Equador, uma nação denominada Muisca, que ganhára uns taes quaes vestigios de civilização pelo seu contacto com os Peruanos, posto que os Muiscas foram domados e exterminados completamente pelos conquistadores de Hespanha.

Foi o Perú uma das mais proveitosas conquistas e colonias de Hespanha. Lavraram-se cerca de 784 minas de prata, 80 de ouro, além de muitas de cobre, chumbo e mercurio. Mais de quatro milhões e meio de pesos fortes retirava a metropole annualmente do quinto das minas do Perú. A população indigena quasi toda desapareceu exterminada. A Hespanha pôde dominar livremente no paiz, até que raiou a epocha da independencia.

Foi no Chile que começou esta nova guerra, no anno de 1813, com a deposição do governador Carrasco, e nomeação de uma junta popular de Americanos descendentes de Hespanhoes. Bolivia se gaba de ser a primeira a iniciar o movimento em 1809. É verdade que houve alli, nesse anno, um levantamento contra Hespanhoes; mas foi logo suffocado ao nascer, subindo ao cadafalso muitos dos seus autores e complices. No Chile, posto que mais tarde, o levantamento que se

verificou se foi aguentando, apesar de alguns revezes. Um homem notavel appareceu entre outros, Ohhiggins, que mostrou pericia e denodo, e se collocou á frente das tropas chilenas improvisadas. San Martin, general de Buenos-Ayres, foi em seu soccorro em 1817, e unidos estes auxiliares aos Chilenos, e com o apoio de um valente marinheiro engajado, o celebre Inglez Lord Cochrane, conseguiram em 1820 expellir de todo o territorio do Chile os Hespanhoes, e proclamar de facto e de direito a emancipação social e politica de uma nova nacionalidade, a chilena.

O Perú, porém, se conservava tranquillo, e quieto sob o jugo hespanhol do vice-rei Pezuela, apesar de em roda, no Chile e Columbia, se haver declarado a revolução da independencia, e firmado mesmo esta com a derrota dos europeus.

San Martin, Ohhiggins e Cochrane entenderam que, sem se libertar o Perú, o Chile se não poderia considerar garantido na sua antonomia. Em 1820 para o Perú se dirigiram San Martin e Cochrane, e desembarcando em Pisco, levantaram o incendio no Perú. Mas os Hespanhoes resistiam com denodo. Foi preciso que Bolivar viesse da Columbia em 1824 com 4,000 homens, e ganhasse as batalhas de Jun e Ayacucho, para libertar-se de todo o Perú, expellir inteiramente os Hespanhoes e crear um novo Estado, que aceitou de Bolivar instituições republicanas e governo nacional.

Do Perú passou Bolivar para os Andes, e lançou fóra os Hespanhoes dos departamentos de Charcas, Paz, Cochambamba e Potosi. Reuniu um congresso de deputados em Chuquisaca, que em 1826 deliberaram crear uma republica nova sobre partes do

vice-reinado do Perú e do vice-reinado de Buenos-Ayres, que até ahí se estendia. O titulo de Bolivia á nova republica central foi-lhe dado em honra do libertador, ficando-lhe apenas uma pequena zona maritima e um porto sobre o Pacifico, appellidado Cobija, posto que possa com o tempo communicar-se com o mundo por intermedio do Amazonas e seus tributarios, e do Prata e seus affluentes.

Assim, tres nações e republicas se formaram sobre o antigo vice-reinado do Perú: Perú, Chile e Bolivia, além da nação Araucania, que, vivendo independente, continuou e continúa com sua autonomia.

Qual é a historia, a situação destes Estados depois da independencia? Eis a questão que nos vai occupar agora, tendo apreciado os factos antecedentes e os successos anteriores, no intuito de melhor entrar no seu exame e estudo.

A republica do Perú não tem, desgraçadamente, conhecido, desde sua emancipação, nem estabilidade de governo e nem de instituições. A constituição dada por Bolivar cahiu logo em 1826, apenas o grande libertador se retirou para Columbia. Congressos se repetiram, e cada um creou um governo, e decretou uma constituição, tudo de pouca duração, tudo ephemero. Formaram-se partidos sem idéas de ordem, todos revolucionarios e anarchicos. Um guerrilheiro se levanta hoje, derriba o presidente, impõe novas leis de governação, apodera-se do principal cargo do Estado. Amanhã outro pratica o mesmo acto, e o victorioso de um dia torna-se vencido no dia seguinte. O povo desmoralisou-se politicamente diante destas lutas continuas e repetidas. Guarda-se o nome de republica sem a menor liberdade politica e nem

individual. Não ha segurança de pessoas e nem de propriedade. A anarchia é o estado normal do paiz.

Assim arruinaram-se tambem as fontes da industria, do commercio, das artes, que querem paz para medrar. As finanças publicas deterioraram-se. Poucos são os productos agricolas ou industriaes exportados. As minas de metaes hoje quasi nada produzem, quando não se exauriu, de certo, o seu grande deposito. A exportação do Perú, para fazer face á importação estrangeira, para alimentar o thesouro nacional, está concentrada actualmente em um achado feliz, que a Providencia lhe proporcionou. É nas ilhas Chinchas, aliás até alli desprezadas, que existe o guano, que se aproveita para adubo de terras. Producto de aves, ou natural do solo, como queira a sciencia, que disputa ainda sobre este ponto, certo é que produz quasi a renda exclusiva do Perú, e grande renda annual, e que lhe fornece meios de vida, entretendo commercio activo com a Europa, Asia e America. O Estado chamou a si essa riqueza natural, ou fornecida pelas aves; formou com ella uma industria, arrendou-a como sua propriedade, e dahi retira os proveitos e lucros, com que se póde sustentar: é, como disse, quasi o ramo exclusivo da receita publica. Pouco algodão, algum vinho e azeite, industria quasi nenhuma, eis o que se nota no Perú.

No Chile, porém, diverso espectaculo apresenta a nação, orla estendida á beira do oceano, com população laboriosa, activa e intelligente. Depois de alguns annos de guerra civil, comprehenderam os Chilenos que, para se sustentar uma republica, para se possuir liberdades, para se alcançar progressos materiaes e moracs, para tomar assento, e ganhar nome entre as

nações do mundo, era preciso ordem publica, tranquillidade, obediencia ás autoridades constituidas e execução das leis vigentes. Revoluções, desordens, anarchia, estragam e deshonram um Estado. Lutem partidos politicos por idéas e principios contrarios, mas dentro da lei, com as armas da lei, que são as da discussão e da opinião, com que se consegue sempre vencer pacifica e regularmente. Assim, boas são as finanças do Chile, tranquilla é a situação do paiz, desenvolve-se o commercio, cresce a industria, fomenta-se a riqueza e bem-estar dos cidadãos, e as minas, a agricultura e a industria medram a olhos vistos.

Na Bolivia, internada e quasi desconhecida do estrangeiro, não ha a precisa prosperidade, porque tambem não ha liberdade, posto que se decore com o titulo de republica. Quantos presidentes feitos pela revolução, quantos depostos pela revolução, quantos assassinados e mortos em lutas sanguinolentas! Como marchar e progredir com anarchia que parece a situação normal do paiz? É um espectáculo triste, de que cumpre afastar os olhos, e por isso não tem o estado prosperado depois da independencia. Entretanto a republica possui varias cidades, como Paz, Cochambamba, Chuquisaca, Potosi, e uma população de quasi dous milhões de habitantes.

Na Araucania tem havido modificações nos costumes dos gentios; já se vestem, se servem de cavallos, usam de armas de fogo, entregam-se á agricultura, pasteam gados, recebem um ou outro estrangeiro que lá vai commerciar e que consegue licença precisa para isso, mas não conservam com elles intimas communicações. As mulheres, porém, continuam a ser as unicas que trabalham em todos os misteres; os

homens caçam, praticam a guerra unicamente. As mulheres lavram a terra, plantam, colhem os frutos, vão vendel-os aos vizinhos e commettem todos os serviços, alias mais proprios dos homens.

Passando agora ao estado intellectual destes povos, cumpre-nos exprimir algumas considerações que mostram a diversidade de instinctos, tendencias, aspirações e capacidade.

Na Bolivia, internada sobre os cimos dos Andes, que correm do Estreito de Magalhães até ao mar das Antilhas, deixando a orla do Pacifico como planicie, e formando valles admiraveis nas alturas, que guardam a neve concentrada como uma corôa, que movimento litterario, scientifico e artistico pôde haver, longe do contacto do mundo, exposta a contínuas revoluções, sem garantias de segurança individual e publica, a não ser alguma poesia solta de Bustamante ou Cortez, que passam por seus melhores poetas?

No Perú, cuja capital Lima, séde outrora de um vice-rei cercado de pompa e côrte *ad instar* do Escurial ou de Aranjuez, e que procurava imitar os usos e costumes de Madrid e as tendencias luxuosas de côrte, foi mais sempre satyrica toda a tendencia litteraria que lyrica: assim seus escriptores não possuem imaginação lyrica, arroubos entusiasticos; na comedia, no drama, patentêam todavia dotes notaveis, porque ha ali a observação, a analyse, o estudo dos caracteres, o jogo da critica, o manejo da satyra. Mexico tem todas as semelhanças, ainda hoje, com Lima; eram as duas capitães mais importantes e populosas dos vice-reinados americanos, onde nobres, fidalgos, pobres, mas importantes ou protegidos, vinham fazer fortuna, ostentar grandezas da metropole europea, e dar uma

cópia do que era Hespanha; além disto, a prata e ouro do Perú e do Mexico prestavam mais esplendor, riqueza e fausto a Lima e Mexico que a Buenos Ayres e Bogotá, atiradas em escala inferior pela metropole, e quasi por ella abandonadas. Por isso, emquanto os vice-reis do Perú e Mexico percebiam, para manter seu fausto, sessenta mil duros annualmente, os de Santa Fé e Buenos Ayres só recebiam quarenta mil.

O Perú conta, não philosophos, não historiadores, não sabios e nem mathematicos ou artistas entre seus filhos illustres; mas dous poetas dramaticos de merecimento e valor, Salaverry e Carpunxo, cujas comedias espirituosas até em Madrid têm conseguido applausos espontaneos; honra-se com um poeta satyrico de talento notavel, Pardo Alliaga, com outro descriptivo, Paz Soldan, e entre lyricos com difficuldade aponta Marquez, que não passa de mediano.

O Chile, mais parecido com a Europa, com maior desenvolvimento de commercio, industria e riqueza, posto que não excedendo a uma população de milhão e seiscentas mil almas, quando o Perú conta quasi quatro milhões, o Chile é de mais a mais muito superior ao Perú no progresso das sciencias applicadas e nas sciencias particularmente economico-politicas e sociaes. A universidade chilena faz honra; alli estrangeiros, europeus como Seneuil, juriconsultos como o venezuelano André Bello, leccionaram gloriosamente. Os estudos superiores conseguem propagar-se, a instrução primaria e secundaria são mais fomentadas que em qualquer outra terra das antigas colonias americanas de Hespanha. Mesmo nas letras acolhe com enthusiasmo e applaude os vôos do espirito, as manifestações da intelligencia. Entre seus poetas especifica-se

Euzebio Lillo, Sanfuente, Blasta Gãna e Guilherme Matta, que têm merecimento e valor real, posto que não possam chegar ás alturas a que attingiram os da Columbia, que são os maiores e melhores lyricos da America hespanhola, como em outra conferencia já tive a honra de notar-vos, e nem mesmo os de Buenos-Ayres, que, unicos, quasi rivalisam com os Columbianos, como terei occasião de mostrar-vos mais tarde.

Nós, Brasileiros, porque somos Americanos, nutrimos as mais decididas sympathias por tudo o que é americano, sem guardar tradições antigas de metropoles ciosas.

Procurando engrandecer-nos e prosperar, desejamos tambem que nossos vizinhos e conterraneos medrem, progridam, desenvolvam-se em paz e civilisação. Possuindo sentimentos de cosmopolitismo, dirigimos preferencia contudo para essa America, que é nossa patria commum.

Por isso, lamentando que nem todos os Estados independentes conheçam e apreciem como devem os beneficios da ordem publica, da estabilidade das instituições que cada um adoptou, e de estima pelos vizinhos, fazemos ardentes votos aos céos para que raie a verdadeira luz e patriotismo para todos, afim de que a America seja, no mais breve termo possível, o fóco que receba a civilisação europea, que tende a deslocar-se e procurar asylo e séde nova, e a possa então irradiar, como centro de luzes, por todo o universo, succedendo á Europa, segundo a historia, como a Europa succedeu á Asia.

(*Muitos applausos acompanham o orador.*)

CURSO DE HISTORIA



Decima primeira conferencia

O Rio da Prata e as missões jesuiticas no Paraguay.

Meus senhores, minhas senhoras !

Entre as nações que maior brilho e gloria adquiriram nos seculos XV e principios do XVI figura Portugal, quer pela iniciativa dos descobrimentos maritimos, e notaveis expedições longinquas, quer pelas suas conquistas da Africa, Asia e America.

Data do reinado de D. João I de Portugal, o illustre chefe da casa de Aviz, o rei feliz pelo seu bom governo, o pai felicissimo pela phalange de filhos dignos, cavalheirosos e heroicos, esta moderna expansão da Europa para paizes novos e estranhos. Livre de Mouros e Arabes no seu territorio europeu, foi D. João I combatel-os em Ceuta, e ahi fixou o dominio de Portugal. Incitado pelas noticias confusas, mas brilhantissimas das Indias, que só pelo Egypto e Syria

entretinham alguma communicacão com a Europa, o infante D. Henrique collocou no promontorio de Sagres um observatorio, e dahi fez partir audazes navegadores em roda da Africa para procurar caminho directo para as Indias.

Primeiramente Zarco e Tristão Vaz descobriram a Madeira, depois logo Gonçalo Cabral avistou os Açores, Eannes vio o Cabo Bojador, outros navegantes portuguezes, proseguindo nas emprozas, chegaram ás ilhas do Cabo-Verde, á costa de Benin e da Mina; não tardou Bartholomeu Dias em descortinar o Cabo da Boa-Esperança, que por fim dobra Vasco da Gama, o primeiro europeu que visitou a India, e mostrou ás nações orientaes a bandeira das Cinco Chagas de Christo, enriquecendo assim o mundo, moral e materialmente. Após os Portuguezes, atiraram-se aos mares os Hespanhoes, apenas livres dos Mouros de Granada, sob o reinado de Fernando e Isabel, e, procurando em direitura a Asia, encontraram a America. Só depois é que se lançam tambem na carreira dos descobrimentos maritimos os outros povos, Francezes, Inglezes e Hollandezes, plantando aqui e alli dispersas colonias, que fomentam e promovem, parecendo que a America a todos estava reservada, enquanto que a Asia e Africa aos Portuguezes exclusivamente, como aos homens da iniciativa.

Não se contentaram os Hespanhoes com as posses que fixaram no golpho do Mexico; enviaram ao Pacifico expedições e ao sul do Atlantico, apezar de sabermem que os Portuguezes se tinham assenhoreado do Brazil.

Em 1515 veio ao Rio da Prata João Solis com duas caravellas: no reconhecimento que fez da terra, foi

trucidados pelos indigenas que se lhe oppuzeram. Poucos dos seus companheiros conseguiram voltar á Hespanha.

Em 1520 nova empreza se effectua para se apoderar do Rio da Prata, como caminho provavel para o Pacifico. Sebastião Cabot sobe o Paraná, funda um forte, que denomina do Espirito-Santo, e, recebendo alguma prata dos gentios, volve á Hespanha, trocando o nome de Solis, dado ao rio pelo seu descobridor, pelo—da Prata—, com que foi depois conhecido.

Em 1530 Hespanha manda um *adelantado* com ordens de colonisar. É Pedro de Mendonza. Trouxe 14 navios, 2,650 homens, 72 cavallos. Cumpria-lhe lançar povoações e fortifical-as, como posses de Hespanha.

Em 1535 lançam-se os fundamentos de Buenos-Ayres. Mas os gentios os arrasam em uma noite, chovendo sobre os invasores como raios inesperados e afugentando-os para bordo de seus navios. Pedro de Mendonza, acabrunhado com o desastre e com a morte de um irmão a frechadas de indigenas, passa o commando da expedição a Ayola, e se retira para Hespanha, onde não teve a fortuna de chegar, porque a morte o surpreendeu na viagem.

Ayola procurou outro sitio menos funesto; subiu o Paraguay, e fundou, em 1536, a cidade da Assumpção. Assassinado pelos gentios em uma expedição, tomou conta do poder Irala. De Hespanha parte segundo *adelantado*, Cabeça de Vacca, em 1540. Não ousa ir ao Rio da Prata; descansou em Santa Catharina, e por terra conseguiu effectuar uma perigosissima viagem á Assumpção, onde chegou, e assumiu a governação da colonia.

Irala não o deixa porém governar; prende-o e remette-o para Hespanha. A Irala succede Salazar, que tenta

debalde repetir a fundação de Buenos-Ayres, para ter um ponto na entrada do rio; os aborígenes a destruíram pela segunda vez. Por fim, em 1560, chegando Garay com reforços novos, conseguiu estabelecer fixamente a povoação de Buenos-Ayres e garanti-la contra os insultos dos indígenas. Começou, pois, a colônia hespanhola com estas duas cidades, e a pouco e pouco se foram outras plantando no rio Paraná. Garay morreu assassinado em um combate contra os gentios do Paraná. Em 1618 era tal a importância que já Assumpção e Buenos-Ayres, tinham ganho que o governo hespanhol dividiu os territorios do Prata em dous governos, subordinados ambos ao vice-reinado do Perú, com o qual por terra conseguira mais ou menos regulares communicações.

Difficil foi, portanto, e sangrenta a luta e a posse dos Hespanhoes no Rio da Prata. Encontraram resistencia, guerra offensiva e tenaz dos indígenas. Só a força os pôde repellir, segurando as conquistas do solo.

Não deixo de censurar as crueldades commettidas pelos conquistadores europeus: pôde-sê não desculpal-as, mas um pouco attenual-as a situação da epocha eivada de fanatismo, e, o que é mais, o caracter guerreiro e de luta do Hespanhol em hostilidade de mais de oito seculos contra Mouros e Arabes. Para o Hespanhol, o que não era catholico não era homem. Religião e patria formavam uma dualidade inseparavel. Não olhavam Mouros, Arabes, Judeus senão como inimigos, que cumpria exterminar: como procederiam de modo differente com os gentios da America?

Mas tambem me não deixo arrastar de amores pelas barbaras e antropophagas tribus americanas, que viviam errantes, sem habitação fixa, sem noções

de moral, religião, família, sociedade. Os europeus traziam-lhes a civilização e o christianismo para substituir a barbaria e idolatria. Muitos eram aventureiros, piratas, traficantes; mas o que eram os gentios?

Tribus brutas, ferozes, que se guerreavam e devoravam: typos de homens vigorosos, sim, mas sô respirando instinctos barbaros; mulheres escravas, ou, para melhor dizer, objectos para caprichos dos homens, mostrando no sorriso triste que sobressahia de uma physionomia achatada a prostração e abjecção em que eram tidas; nem as que se diziam casadas se constituam, como nas sociedades civilisadas, as vestaes do lar, exprimindo o seu divino sentimento, e entretendo o seu fogo sagrado.

Os europeus não vinham destruir, vinham povoar. Os gentios, em vez de paz, preferiram a guerra. Dahi a luta cruel que se seguiu.

O que produziram os gentios da America sem a colonização estrangeira? Pelo menos, quaesquer que fossem as crueldades do começo da conquista, os europeus formaram sociedades regulares, que se desenvolveram com o tempo, e que por fim se tornaram nações emancipadas e civilisadas: são estas da raça dos conquistadores.

Foi o triumpho da civilização sobre a barbaria, do christianismo sobre a idolatria. Melhor fóra que se não praticassem tantos actos horrorosos, que mais á acção moral que ás armas materiaes se devessem tão beneficos resultados. Convem, todavia, accitar os factos como são, e apreciar-os não sob uma só face, mas por todos os lados em que devam e possam ser encarados.

Mais demorado teria, de certo, sido o progresso da

colonisação européa, se após, ou quasi conjunctamente com os conquistadores, não viessem sacerdotes que fallavam a linguagem da paz e da concordia. Muitas ordens se illustraram na America, catechizando, conseguindo chamar á sociedade e á religião tribus nomades; muito sangue de religiosos se derramou por esse solo; — que ás vezes os gentios os não respeitavam nos seus furores, posto que elles os não atacassem, antes procurassem acaricial-os.

Os capuchinhos francezes no Canadá e Luiziania, os jesuitas nos domínios hespanhoes e portuguezes, foram superiores a todos os outros religiosos no zelo, na tactica, na sciencia, no devotamento, nos resultados vantajosos que conseguiram.

Os primeiros jesuitas entraram no Rio da Prata em 1558. Ao findar o seculo, já tantos existiam que formaram um governo provincial com séde na povoação de Cordova, de onde expediam missões a procurar gentios, catechisal-os e chamal-os á concordia com os Hespanhoes.

Julgo que não é fóra de proposito esboçar nesta occasião, posto que em largos traços, a historia desta companhia memoravel e gloriosa, que dous seculos dominou o mundo, porque influiu sobre reis, povos e governos, pelos meios que adquiriu, e que a fortificaram e desenvolveram.

Ao principiar o seculo XVI, emquanto Portugal e Hespanha só pensavam em conquistas maritimas, o resto da Europa estava sendo dilacerado por guerras intestinas e lutas religiosas. Depois da tomada de Constantinopla pelos Turcos, tentaram elles estender seu dominio e religião pela Europa, começando por curvar a Grecia e Macedonia; mas encontraram,

felizmente, resistencia nos Hungaros e cavalleiros de Malta.

Nem por isso os christãos da Europa se uniram para resistir-lhes. É que a religião havia decahido; é que a curia romana, com papas como Alexandre VI, se havia desmoralisado; como Leão X, só mostrava fausto luxuoso e riquezas mundanas, quando mais corresponde á consciencia e á sympathya o respeitavel ancião successor de S. Pedro com a caridade, simplicidade e virtudes que ensinára Jesus-Christo. Roma se desprestigiára pelo esquecimento da disciplina necessaria ao clero, pela relaxação dos dogmas indispensaveis á fé, pela opulencia e mostras de riquezas materiaes, e não pela modestia, pela santidade, pela moral, que são os thesouros do céo.

Que importava que fósse culta e artistica a curia romana, que templos sumptuosos se levantassem, se applaudissem quadros esplendidos, se apreciassem as lettras e a poesia? Á Europa faltava a fé, porque a curia romana a tinha feito perder-se, só olhando ella para riquezas e luxos terrestres.

A fé precisa tanto de nutrir-se com a pureza da doutrina como com a moralidade austera e virtudes selectas dos representantes da Igreja.

Luthero se aproveitara da venda escandalosa de indulgencias que arrecadavam dinheiro para Roma, e creara o schisma. Calvino, ainda mais rigido, levantou o grito em favor da moralidade dos costumes. A heresia se instituiu assim, e ia ganhando progressivamente terreno, vindo do norte para o sul, e ameaçando os proprios Estados italianos.

Cumpria crear a defesa da Igreja Catholica. Não era a primeira vez que ella, por suas faltas, estava

sériamente ameaçada. Fôra-o na guerra dos Albigen-
ses, e por Felippe-o-Bello, de França, que se apoderára
de Roma, e passára a curia pontificia para Avinhão.
Longo tempo reinou o schisma com papas e anti-pa-
pas. A igreja Catholica, pelo seu principio divino
e de revelação, e por um systema de regeneração de
disciplina, salvára-se naquellas duas occurrencias.
Nesta do seculo XVI convinha-lhe empregar eguaes es-
forços.

Felizmente a pontifices que só cuidavam de accom-
modar e arranjar sobrinhos e familias, e que mais pen-
savam em bens mundanos e politica temporal, succe-
dêra Paulo IV, e após Pio V e Innocencio XIII.
Reorganizaram-se então as ordens religiosas para pré-
gar e defender o catholicismo; tratou-se de restaurar
a disciplina da Igreja, de reformar os costumes do
clero, e de chamar o apoio dos governos lealmente ca-
tholicos.

Existia em Hespanha um homem extremamente
singular; cavalheiro, amador da poesia, dado a prazeres
mundanos, sequioso de aventuras de damas, dotado de
brilhante imaginação, guerreiro valente; chamava-se
Ignacio de Loyola.

Ferido em Pamplona, obrigado a conservar se ina-
ctivo no leito e condemnado a não poder mais com-
bater como militar, passou de leituras de romances de
Amadis da Gallia, de Vasco de Lobeira, e de outras
novellas cavalleirosas, para o estudo da vida de Christo
e dos Santos. Sentiu como que uma revolução mys-
tica e extraordinaria nos seus pensamentos, na direcção
do seu espirito. Resolveu-se a ser soldado da Igreja
Catholica, a trocar as Dulcinéas do mundo pela esposa
de Jesus-Christo, a mudar de amores terrestres por

devoções espirituaes. Logo que se conheceu curado dos seus graves ferimentos, depóz a espada e o capacete, partiu para Jerusalém, foi a Pariz, formou *in mente* a organização de um instituto ou companhia de homens religiosos, austeros e illustrados, incumbidos, não de defender o catholicismo só, mas de combater por elle, de aggreir a heresia no seu proprio campo, pela palavra, pela penna, pela acção. Achando alguns companheiros, offereceu-se a Paulo IV para formar a milicia avançada do catholicismo contra os sectarios do protestantismo. Obteve em 1540 approvação dos estatutos. Publicou-os, acompanhando-os de um escripto admiravel com o titulo de *Exercicios espirituaes*, que ensinava os modos por que se dominam as paixões humanas.

Creou-se assim o *Instituto dos Jesuitas*, sendo seu primeiro geral o instituidor, Ignacio de Loyola. Tres bases ou principios sustentavam o edificio: primeiro, obediencia com toda abnegação, porque a Providencia Divina reside no superior; segundo, separação completa das relações humanas, até ás de familia; terceiro, monopolisação do socio pela companhia, a quem elle se entrega e devota de corpo, alma e espirito.

Sua séde foi Roma. Em todos os paizes representou-se, dividindo-se em provincias ou collegios. Seu fim foi o desenvolvimento e propagação do catholicismo pela supremacia temporal e espiritual do pontifice romano. Apoderaram-se do pulpito; os jesuitas nas igrejas, nas praças, nas ruas publicas, nos desertos, levantaram pulpitos para prégarem ao povo: apoderaram-se da imprensa, já então inventada, e em todos os paizes e linguas publicaram logo escriptos religiosos; tomaram conta da instrucção, das

universidades, faculdades e ensino superior; instituíram collegios e seminarios de ensino secundario, escolas de ensino primario, e ninguem foi nos seculos XVI e XVII capaz de hobrear com os jesuitas no ensino. Esmagaram pela sua proficiencia todos os outros estabelecimentos publicos, e attrahiram aos que regiam quantos espiritos aspiravam aprender e saber. Um escripto do geral Aquaviva, sobre o ensino, mostra como elles o entenderam e praticaram; tem o titulo de *Ratio studiorum*. Começaram por ensinar, prégar, confessar gratuitamente, mostrando-se desinteressados dos bens do mundo. Não houve ramo de lettras, sciencias, artes liberaes, officios, em que os jesuitas não primassem.

A sociedade não gastou tempo nenhum em crescer. Parece que, como Minerva sahio armada da cabeça de Jupiter, ella resaltou completa e fortemente constituida do cerebro de Ignacio de Loyola. A companhia dos jesuitas produziu grandes historiadores, poetas, theologos, grammaticos, musicos, obreiros, naturalistas, geographos, botanicos, astronomicos, mathematicos, physicos, lexicographos, poliglotas, etc. Aprendiam todas as linguas, china, indiatica, persa, ethiope. Além disto, o instituto firmou a regra do procedimento mais severo, austero e moralizado dos seus socios, e influio sobre a disciplina do demais clero, obrigando-o a morigerar-se, e sobre os proprios pontifices, incitando-os á mais severa fiscalisação dos seus subordinados.

Pelas suas virtudes e saber, dominaram e dirigiram a consciencia dos reis; pela caridade, dominaram e dirigiram o povo, passando do palacio á choça, soccorrendo e consolando; pela instrucção, que sob seu

regimen foi a melhor, e tanto que até protestantes mandavam ás escolas dos jesuitas seus filhos a aprender, dominaram e dirigiram a sociedade dos seculos XVI e XVII.

Atiraram-se no meio dos protestantes, sem medo de processos, de perseguições, de prisões, patibulos, e começaram a combater seus doutores; á palavra oppuzeram a palavra, ao livro o livro, á escola a escola, á virtude o exemplo da mais exemplar virtude, e sobretudo a caridade, essa superior virtude do desgraçado, do abandonado da fortuna. O jesuita era medico, era enfermeiro, era confessor, era protector, era consolador, e assim a palavra e o feito do religioso ganhavam mais almas do que a espada dos guerreiros combatentes.

Acompanhou-se a instituição dos jesuitas com o concilio de Trento, em que elles tiveram ingresso e brilharam, e onde se depuraram e restauraram os dogmas; e com a reforma dos costumes da curia romana e do clero, com o vigor das disciplinas, a Igreja Catholica se foi erguendo e regenerando.

O certo é que nos primeiros cincoenta annos do seculo XVI o protestantismo invadiu, e quasi totalmente dominou a Allemanha do Norte, onde teve origem, a Suissa e França, onde Calvino espalhou suas doutrinas, os Paizes Baixos, Ilhas Britannicas, Polonia, Allemanha do Sul, Hungria, França, e veiu até á Italia. A igreja romana perdia quotidianamente terreno e adeptos; mas logo nos cincoenta annos immediatos estabeleceu-se a corrente da reacção religiosa em favor de Roma, que restaurou seu dominio na Baviera, Austria, Paizes Baixos, Polonia, França, e sitios que se consideravam

inteiramente perdidos pela contaminação das idéas protestantes.

E, a mais que ninguem, deve aos jesuitas a Igreja Catholica estes resultados propicios. E o jesuita não se apoiava senão na palavra, nunca na força material, e a prova é que lutou muito contra a inquisição, que applicava processos, tormentos, condemnações e autos de fé, e, si a inquisição não esmagou os jesuitas, foi porque lhe resistiram a grande importancia, prestigio e influencia da admiravel companhia, respeitada e estimada desde o mais sumptuoso palacio até ao mais miseravel albergue.

Assim, emquanto na Europa os jesuitas prestavam os maiores serviços á Igreja Catholica e á instrucção publica, trataram de sahir da Europa, e de chamar tambem ao catholicismo os idolatras das outras partes do mundo. Eis como partiram missões de catechese para India, Molucas, Japão, China, Tartaria, desertos africanos, America. Fallavam os jesuitas todas as linguas, e ensinavam todos os officios; tomavam os habitos dos novos paizes, insinuavam-se nos costumes e confiança dos novos povos, ora peregrinos, ora mascates, ora religiosos, ora mestres de letras e sciencias, ora de officios mecanicos, ora architectos ou musicos, ora geographos ou astrónomos, ora naturalistas. De tudo se serviam para effectuar a catechisação.

Si na Asia e na Africa Francisco Xavier e outros jesuitas commetteram acções prodigiosas, e conseguiram assignalados triumphos, na America não lhes ficaram inferiores os Anchietas e Nobregas. Nenhum instituto religioso conta tantos martyres; o sangue dos jesuitas ensopou muito a terra americana, africana e asiatica. A setta do selvagem, a massa do tapuaya, o alfange do

asiatico, sangravam os audaciosos padres que se atiravam entre elles a prégar. Mas, quanto conseguiram em compensação? Quantos espiritos chamaram á religião catholica?

Descendo agora á nossa historia do Rio da Prata, onde era tão encarniçada a luta entre Hespanhoes e indigenas, a chegada dos jesuitas, o seu emprego nas catechoses, valen muito aos conquistadores. Domaram os jesuitas nações inteiras de gentios, e tornaram-se por estas adorados com se foram santos. Subiram o Paraguay e o Paraná, e formaram aldeas de gentios catechisados nas proximidades e curso dos seus affluentes; Loreto e Santo Ignacio em Parapanema; no Ivalhy reorganizaram Villa-Real; no Piquiry, defronte do Salto, Grande, Villa-Real; S. Pedro nos Pinhaes, S. Paulo no Inhamy, Archanjos no Tayoba, S. Francisco Xavier no Imbiveralá.

Estas foram nos principios do seculo XVII as primeiras missões, governadas promiscuamente por jesuitas e Hespanhoes. Os Portuguezes, porém, de S. Paulo, no intuito de obter escravos para suas plantações, organizaram bandeiras, ou bandos de homens, que começaram em 1628 a assaltar essas aldeas e a trazer para escravos os gentios seus habitadores.

Em 1631 já mais de 6,000 haviam carregado. Os jesuitas, desanimados, entenderam-se então com a corte de Hespanha, e obtiveram cédulas reaes autorizando-os a formar novas aldeas de gentios que catechisassem, a governal-os temporariamente em nome da corôa, a armal-os convenientemente para resistir aos Portuguezes, com a condição de pagarem um peso por cabeça de habitante ao thesouro do Estado. Demarcou-se para fundação das aldeas, com o titulo de

—missões—, o territorio denominado geralmente Paraguay, que comprehendia o curso do rio Paraná de uma e outra margem, as margens ambas do Uruguay e as superiores do Paraguay. Eis o territorio que se organizou, e que tomou depois a denominação de—reino jesuitico.

De feito, com grande trabalho os padres transferiram as missões já existentes no Alto Paraná para mais baixo, e tantas foram as novas que fundaram, que pelo meado do seculo XVIII montavam a 30, com cerca de 150 a 160,000 gentios catechizados, sete á esquerda do Uruguay, em territorio hoje do Brazil, e que ainda se chama Missões, 13 em Entre-Rios e Corrientes, pertencentes a Buenos-Ayres, e 10 na margem direita do Paraná; compunham-se de Guaranyes, Timbues, Paraguayos, Minanos, Charras e outras tribus, que os padres conseguiram catechisar.

A companhia chegou a contar no Rio da Prata uma provincia com cerca de 400 padres e companheiros jesuitas. O provincial residia em Cordova. Havia tres governos seus subordinados, em Tucumã, Buenos-Ayres e Assumpção, com seminarios de letras, sciencias e theologia, e mais 12 collegios em varios pontos, como Mendonza, Jujuy, etc., onde se ensinavam, em escolas publicas, linguas, historia, philosophia, oratoria, sciencias naturaes.

Cada uma das trinta missões ou reduções era governada temporal e espiritualmente por um cura e um companheiro. Não se permittia o ingresso senão a socios da companhia mandados pelos superiores ou a inspectores do governo civil, ou a bispos ou seus delegados. Não lhes era, apezar do ingresso, facultada a communicação com os gentios da aldeia. O estranho

que lá chegava era constantemente vigiado e acompanhado até sahir do territorio.

Como, com que systema tinham os jesuitas conseguido terminar os ataques de selvagens e conservar estes aggregados sob seu jugo, obedientes, cidadãos pacíficos, esquecidos dos habitos ferozes da vida nomade e errante?

Os proprios padres nol-o confessam. Dirigiam-lhes a linguagem da paz, e tratavam de persuadil-os fallando-lhes aos instinctos, aos sentimentos mesmo incultos. Sabendo que a musica e o canto extasiavam os gentios, atiravam-se os jesuitas em pirogas, subindo ou descendo os rios, fazendo resoar os ares com musica e canto.

Os indigenas corriam a ouvil-os, e ficavam encantados. Alguns havia que se atiravam a nado atrás das pirogas. Produzido este primeiro effeito de attenção e sympathia, os padres desciam á terra, dirigiam-se a elles, fallavam-lhes, e assim conseguiam a catechese por meio dos sentimentos e instinctos.

Como os conservaram nas missões, e os tornaram cidadãos tranquillos e obedientes?

Tratando-os sempre conforme o coração e as paixões. A musica e o canto entravam sempre nos meios em pregados. Havia corpo de musica na aldeia, escolas de musica, dança e canto. Cantava-se, dansava-se, soava a musica a horas certas do dia. Além disto, os sacramentos da Igreja acompanhados com musica e canticos, as festas multiplicadas, concorriam para agradar e ganhar a affeição do gentio. Cada uma das missões era governada por um cura, ajudado por um companheiro: tinham sob suas ordens corregedores gentios, alcaides gentios, fiscaes dos costumes e dos trabalhos

gentios, caciques gentios, de eleição dos gentios. A aldeia tinha no centro uma praça, eram todas as aldeias uniformes. Na praça vinham dar ruas de todos os lados. Na praça residiam os dous jesuitas. Estavam nella a igreja, as escolas, as officinas, os hospitaes, os celheiros e armazens; os padres viam da praça quanto se passava na missão.

Cada quarteirão tinha o seu fiscal para rondal-o de dia e de noite, e communicar aos padres quanto se passava.

As mulheres solteiras e viuvias viviam separadas; os solteiros e viuvos tambem, e os casados em ruas especiaes. Os trabalhos eram os ruraes, ou de pastorio, ou de officinas. De madrugada havia preces, cantos e musica. Cada grupo seguia para seu trabalho acompanhado pelo fiscal respectivo; os meninos para as escolas, que eram de musica, canto, dansa, lingua guarany e castelhana.

A lingua guarany, formada grammaticalmente pelos padres e ensinada com regras certas e escriptas, prestava-se, como qualquer lingua litteraria moderna, ao verso e á prosa.

Compunham-se autos sacramentaes em fórma de comedias em lingua guarany, e regalavam-se os indios com o espectáculo! Os solteiros, homens e mulheres, chamavam-se — pellados, porque tinham os cabellos cortados. Só os deixavam crescer depois de casados. Os campos eram geraes do instituto, ou particulares de familia para certos dias. Semanalmente recebiam todos os indigenas a roupa precisa, mantimentos necessarios e instrumentos aratorios.

Havia companhias militares com officiaes, e exercicios semanaes nas armas. Fabricava-se na aldeia

armas de fogo, pólvora, espadas, enxadas, foice, instrumentos de musica, utensis domesticos. Tudo estava regularizado e se cumpria á risca.

O certo é que, com este governo, viviam felizes e contentes os gentios; adoravam os padres; obedeciam-lhes com dedicação e amor. Produziam mate, fumo, madeiras, assucar, mel, aguardente, e criavam gados. Em pranchas desciam os rios estes productos para Santa Fé ou Buenos-Ayres, onde se vendiam, ou se remetiam para a Europa por conta da companhia.

Calcula-se em um milhão de pesos o producto annuo das missões: deduzidas as despezas de custeio, cerca de vinte mil pesos, que só pagavam os padres ao thesouro hespanhol, restavam cerca de seiscentos mil pesos, que o geral de Roma recebia.

Para o gentio o padre era o consolador, o arrimo, o amigo, o protector. A legislação estabelecida pelos padres continha tres ordens de castigos: admoestações, preces e açoutes. Raros casos se deram durante cerca de 130 annos em que se applicasse este ultimo castigo, tão exemplar e moralizado era o procedimento dos gentios. Muratori, na sua historia, chama, com razão, a este reino jesuitico de—christianismo feliz. É que os jesuitas nas missões applicavam a verdadeira theoria religiosa, de que Jesus-Christo não veio ao mundo para castigar, sim para perdoar; não veio ao mundo para escravisar, sim para libertar; não veio ao mundo para matar, sim para salvar e remir. O gentio não tinha paixões, não tinha ambição, vivia satisfeito sob o jugo, sem o sentir, habituado ao trabalho fixado, ás preces religiosas determinadas, aos divertimentos constantes que lhe eram concedidos.

Assim, em vez de precisarem os jesuitas de soccorros para governar, eram elles que iam ás vezes prestal-os aos governadores e autoridades de Assumpção, Santa-Fé e outras povoações hespanholas, quer para sustentar a ordem publica, como por vezes succedeu, quer para combater os Portuguezes, que desde 1680, estabelecendo no Rio da Prata, por ordem do brigadeiro Manoel Lobo, a colonia do Sacramento, alli pretenderam permanecer e estender além o seu dominio. Companhias de gentios, com suas bandeiras especiaes e commandadas por seus proprios chefes, correram por vezes em auxilio de Hespanhoes, reclamadas aos padres pelas autoridades civis da metropole.

Nem por isso deixaram os jesuitas de ser por vezes perseguidos por autoridades hespanholas. O bispo D. Bernardino de Cardenas os exilou de Assumpção. Foi preciso ordem de Madrid para voltarem para seu collegio. O governador Autequera, em 1720, os lançou fóra da Assumpção e assaltou as suas missões. Veiu em soccorro dos jesuitas o vice-rei do Perú, e Autequera pagou no cadafalso o facto que commettêra, sendo executor das ordens o governador de Buenos-Ayres, Zavala.

Estê era o estado das missões e do Rio da Prata, quando em 1750 mandou-se cumprir o tratado entre Portugal e Hespanha, pelo qual cedia Portugal á Hespanha a colonia do Sacramento sobre o Rio da Prata, e recebia em compensação o territorio da margem esquerda do Uruguay, desde o Quarahim para cima, cessando assim, por mutuo accôrdo, a questão de limites, que trazia brigadas e em guerras constantes naquellas paragens as duas corôas européas.

Neste ultimo territorio estavam sete missões jesuiticas com cerca de 30,000 gentios.

Os jesuitas representaram á Hespanha contra este tratado, porque as missões não eram conquistas da corôa, sim da religião e da companhia; porque as terras e aldeas pertenciam aos gentios; porque estes tinham prestado muito bons serviços á Hespanha e não mereciam ser assim tratados; e porque, emfim, perdia muito Hespanha cedendo aquelle territorio aos Portuguezes.

Hespanha desattendeu-os, e ordenou que retirassem dalli os gentios e os estabelecessem em outras terras, levando tudo quanto era seu, e mandou que alli fossem demarcadores portuguezes e hespanhóes correr os rumos e linha de divisa.

Os gentios das sete missões levantaram-se, e não admittiram os demarcadores.

Marcharam tropas hespanholas do Rio da Prata, e portuguezas do Rio-Grande do Sul, sob as ordens do general Gomes Freire de Andrade, conde de Bobadella, governador e capitão-general do Rio de Janeiro, no intuito de obrigar os gentios a obedecer ao tratado.

Os gentios do Uruguay chamaram em seu soccorro as missões de Entre-Rios e Paraguay, e começaram uma guerra tenaz, que, perdurando sem resultado, levou a córte de Hespanha a declarar rôto o tratado e a deixar as cousas como estavam.

O Marquez de Pombal, ministro em Portugal, exasperou-se contra os jesuitas, e attribuiu ás suas intrigas a resistencia dos indigenas e a nullificação do tratado, que era favoravel a Portugal, porque, cedendo um ponto maritimo perdido no Prata, ganhava um territorio estrategico para a capitania do Rio-Grande.

Os jesuitas bem procuraram defender-se negando coparticipação na rebeldia dos indigenas. Mas quem pôde pensar que o ousassem estes sem os conselhos e insinuações, e até ordens dos seus chefes?

Dahi a guerra que desde logo começou o Marquez de Pombal contra o instituto dos jesuitas, requisitando ao principio de Roma sua reforma, e expellindo de junto do rei e da côrte, e de muitas funcções publicas, aos jesuitas.

Isto se passava no seculo XVIII, que já não corria favoravel ás idéas sustentadas pelos jesuitas, que tinham tanto de religiosas quanto de politicas.

Com o tratado de Westphalia se deu fim ás guerras religiosas; dahi por diante cessaram ellas na Europa. Cada um Estado ficou com a maioria ou minoria protestante, ou catholica, ou heretica, sem que admittisse mais luta de cultos. Dahi por diante viu-se monarchas catholicos alliar-se com protestantes, e só guerras politicas, e só por questões de Estado, se travarem. A influencia da curia romana foi, portanto, decahindo. Os governos, embora catholicos, começaram a apreciar o que lhes pertencia de politico, e a sustentar seus direitos de soberania temporal, deixando de receber a impressão e influencia de Roma para tudo o que não era do fôro espirital. Começou-se a separar o que era temporal do que se referia á Igreja. Era uma corrente nova de idéas que affeioava os interesses dos soberanos temporaes.

Além disto, a seita denominada dos Jansenistas principiou a propagar-se discutindo certos dogmas e disciplinas, e, apezar das condemnações de Roma, ganhava terreno; tendo homens illustrados á sua frente para propagarem suas idéas.

Appareceu ainda a dirigir-se e influenciar no seculo XVIII a escola chamada encyclopedica ou philosophica, que teve principal séde em França, e dahi espalhou adeptos por toda a França. Genios sublimes, talentos robustos, illustrações notaveis ella produzio. As sciencias, a litteratura, as artes do seculo receberam seu exclusivo influxo, apezar de suas tendencias ao scepticismo e á duvida, que alluam as bases de todas as religiões.

Ora, os jesuitas achavam-se sós e isolados, no seculo XVIII, a representar a idéa preponderante nos seculos XVI e XVII em favor da soberania temporal e espirital dos papas como reis dos reis. Todas essas forças que se levantavam, que forças, e forças effectivas são as idéas, iniciaram a guerra contra os jesuitas. Baticidos pelos Jansenistas e philosophos, foram-se tornando suspeitos aos reis e governos, que os olhavam como espiões do papa e instrumentos de Roma.

Não havia mais combates a oppôr ás heresias. Faltava este campo, em que tanto se haviam os jesuitas nobilitado, porque nasceram para o combate, particularmente o combate aggressivo. Agora eram precipitados na defensiva, e, o que é peor, na defensiva do seu proprio instituto, que nos seculos XVI e XVII se engrandecêra diante das grandes idéas que sustentavam, figurando de representantes do catholicismo regenerado. O pulpito pouco lhes aproveitava; na imprensa eram vencidos por maiores talentos. Antes tinham sido os jesuitas os homens mais illustrados. No seculo XVIII tinham cahido muito, porque já não tinham Ignacio de Loyola, Salmeron, Belarmino, Laynez, e outros vultos notaveis, ao passo que no tempo anterior não encontravam grandes inimigos pelo

talento, quando no seculo XVIII os maiores genios litterarios se apresentaram na liça contra elles.

Pelas virtudes asceticas, rigor das disciplinas, procedimento exemplar, tambem os jesuitas já não eram os primeiros discipulos de Santo Ignacio, pobres, mendigos, e influindo só pelo espirito e pela moral. A companhia se havia enriquecido, dispunha de casas bancarias e de commissões, exercia o commercio, apezar de alguns papas com isto se irritarem, e haverem lavrado censuras. Não se viam já aquelles puros e santos varões do seculo XVI. Por ahi perdia ainda a companhia no conceito do povo.

O que lhe restava? O confessorio, a escola, o ensino, porque ainda no seculo XVIII seus collegios, universidades, lyceus, escolas, eram os melhores. O proprio Voltaire com elles aprendêra. Não era, porém, bastante para se aguentarem contra a tempestade levantada, quanto mais para vencerem os novos inimigos que sob varios aspectos se lhes apresentavam!

Intrometteram-se na politica, manejaram as armas da intriga e dos partidos, para assim grangearerem força temporal, aproveitando-se das posições que ainda lhes restavam. A hypocrisia tomou as apparencias da religião; esta foi desaparecendo diante da roupagem, a tactica, a astucia, a dissimulação, o trabalho subterraneo, que os jesuitas empregaram em seu favor, e que mais os compromettiam ainda, e animavam e fomentavam seus inimigos.

Quando assim corriam as cousas na Europa, para cumulo de infelicidades do Instituto de Santo Ignacio, eis que quebram algumas casas commerciaes de jesuitas ou dirigidas por elles. Lettras mercantis são em França protestadas, recusando a companhia

pagal-as, a pretexto de só caber a responsabilidade aos padres signatarios. Os tribunaes e parlamento chamam a si o conhecimento do negocio. Foi a companhia condemnada por varias sentenças dos parlamentos como bancarroteira, e exposta assim á vergonha geral.

A conjuração contra a companhia rebentára : contra ella se manifestavam as idéas da epocha, influidas e dictadas pelos philosophos; contra ella manifestavam-se os reis, declaravam-se parlamentos; alguns papas mesmo se lhes mostravam indifferentes, si não hostis, e fallavam na necessidade de passar o Instituto por uma reforma radical ou transformação, afim de não chegar a total abolição. Benedicto XIV assim o pensava, e cuidava mesmo de promovê-la.

Podia-se dizer que seu tempo estava findo, sua missão concluida. Gloriosamente a preencherà, não era já a epocha para continual-a. Tudo no mundo tem nascimento, progresso, e morte: as instituições, como os homens, como as sociedades. Assim, porém, não quizeram entender os jesuitas, governados por um homem atrabiliario e teimoso como Ricci, seu ultimo geral, que em luzes, habilidade, tino, perspicacia, politica, não era para hobrear com os grandes varões que haviam sido seus antecessores no generalato da ordem.

Pombal deu o primeiro golpe. Resolveu por si a questão para Portugal e seus dominios. Reformador pelo arbitrario, aproveitou o facto da tentativa de morte praticada contra el-rei D. José I, em Junho de 1758, por fidalgos descontentes; acreditou, ou pensou acreditar que andavam os jesuitas com elles envolvidos em uma conspiração; além de fazer processar,

condemnar e executar jesuitas pelas leis do paiz, como Malagrida e outros, declarou, por um decreto de 1759, abolida a ordem em Portugal e seus dominios, expulsos todos os jesuitas do reino, e prohibido o seu ingresso dahi por diante, considerando confiscados para a corôa todos os seus bens e propriedades, que eram numerosos.

A França em 1764, sob o reinado de Luiz XV, e esforços de M^{me}. de Pompadour e do Duque de Choiseuil, acompanhou Portugal, e expelliu do seu solo os jesuitas, fundando-se em que o Instituto estava desnaturado pelos actuaes socios, que, como Lavalette e outros, se intromettiam em negocios mercantis e intrigas politicas, pelo que os tribunaes os tinham estigmatizado e condemnado.

A Hespanha, logo depois, em 1767, governando Carlos III, por um decreto firmado pelo ministro Aranda, determinou igualmente que ficava abolida a ordem nos dominios da corôa catholica, prohibido o ingresso de seus socios, e confiscados os bens para o thesouro.

E é curioso o facto praticado pela Hespanha. Os jesuitas attribuem a causa a uma sublevação do povo de Madrid contra uma ordem régia, que prohibia o uso dos chapéos de abas largas. Pensam que se os intrigára com Carlos III como instigadores do povo. O certo é que houve a sublevação, e o rei recuou, revogando o decreto. Os chapéos de abas largas foram conservados; deviam ser como o de D. Basilio, na opera buffa *Barbeiro de Sevilha* (*risadas*).

Isto succedeu em 1765. O ministro Aranda preparou e assignou com antecedencia, em segredo, que nunca foi rôto, ordens para todos os vice-reis e governadores

das colonias. No mesmo dia em que se publicou o decreto contra os jesuitas em Hespanha, se prenderam todos os jesuitas existentes; nas colonias todas, Perú, Mexico, Santa Fé, Cuba, Porto Rico, Rio da Prata, se publicou o decreto, e se agarraram tambem todos os jesuitas. Os das missões do Paraguay haviam sido chamados com antecedencia a Buenos-Ayres e Assumpção, como para um concilio, e presos em um momento; não resistiram os que não puderam comparecer, quando nas aldeas e collegios se apresentaram forças a arranca-los dalli.

Assim as tres principaes côrtes catholicas tomaram, como de accôrdo, a iniciativa da abolição do Instituto, antes que Roma tivesse assentido, Roma que o creára por uma bulla!

O Marquez de Pombal remetteu para Roma e fez desembarcar em Civita Vecchia quantos jesuitas permaneciam em Portugal, Brazil e Africa Portuguesa. O Marquez de Aranda praticou o mesmo em Hespanha. Mas os jesuitas hespanhoes excediam de seis mil, que se despejaram em quatorze navios velhos, atirados ao porão, como volumes de carga. Em Civita Vecchia não sendo recebidos, seguiram os navios para Leorne. Lá tendo a mesma sorte que em Civita Vecchia, correram os navios os mares durante seis mezes, até que, por misericordia, o Duque de Choiseuil consentiu que fossem os jesuitas desembarcados na Corsega. Quando lá chegaram, bem diminuido estava o numero, pelas molestias, pelo tratamento, pela fome! Eram mais despedaçados e macilentos cadaveres que creaturas humanas! (*sensação*).

Na Europa sua missão estava de ha muito, pôde-se dizer, concluida; mas na America ainda podiam

commetter os jesuitas serviços relevantes, e os Americanos devem ser muito gratos á sua memoria.

Aqui não havia politica, como na Europa, em que elles se intromettessem; havia catechese de gentios, defesa dos gentios, principios christãos e moraes a plantar, sociedades novas a instituir e elles foram verdadeiros heróes nesta missão particular!

O papa Clemente XIII desesperou-se contra o acto dos tres governos catholicos, e mais ainda quando os soberanos de Napoles e de Parma o repetiram em seus dominios. Em vez de pacificar, fez Clemente XIII recrudescer as iras dos governos temporaes, publicando uma bulla impolitica como resposta: considerando feudo de Roma o Estado de Parma, declarou expellido do throno o duque reinante, como si corresse ainda o tempo em que os papas dispunham das coróas da Europa!

A replica recebeu-a logo. A França tomou conta de Avinhão, que era ainda possessão de Roma. Hespanhoes e Napolitanos se apoderaram de Benevento e Ponte Corvo, e ameaçaram entrar em Roma; Baviera, Veneza e outros Estados catholicos declararam-se contra o papa, e a imperatriz da Austria, Maria Theresa, mandou dizer á Sua Santidade que tratasse de accommodar-se como pudesse, que ella se não ingeria na questão.

Abandonado por todas as potencias catholicas, Clemente XIII morreu de desgostos. Foi eleito o cardeal Ganganelli, que tomou o nome de Clemente XIV. Commetteu um acto de alta politica declarando abolida a Companhia de Jesus, que era a causa da luta com todos os soberanos e governos catholicos

da Europa. Tudo então se aquietou e pacificou-se no velho mundo.

Assim terminou a celebrisada Companhia de Jesus!

Voltando á nossa historia americana, as missões que passaram a ser governadas por autoridades civis e outras ordens monasticas, começaram logo a decahir. Os gentios só tinham confiança nos jesuitas. Retirados os padres das missões, os indios se foram dispersando. Muitos voltaram á vida nomade; outros não quizeram mais prestar-se aos trabalhos. Fecharam-se as escolas, as officinas, e nunca mais as missões puderam reerguer-se.

Em 1778 a importancia, comtudo, das povoações do Rio da Prata era tal, que se creou um vice-reinado destacado do Perú. Buenos-Ayres tornou-se a capital. Era já tempo, porque cresciam os Estados do Prata em prosperidade, e as restricções impostas a seu commercio, por se considerarem governos subordinados ao vice-reinado do Perú, lhes manietavam o movimento progressivo, e prejudicavam a metropole.

Só certo numero de navios podiam communcial-os até então com Hespanha, fixando-se de antemão a carga.

O contrabando pelo Rio-Grande do Sul se organizára em consequencia. Com a erecção do Prata a vice-reinado, abriam-se novos horizontes á colonia.

Paremos hoje aqui, meus Senhores, para continuar em outra occasião.

(Muitos e repetidos applausos são prodigalizados ao orador.)

CURSO DE HISTORIA

Decima-segunda Conferencia.

Continuação do Rio da Prata.—Canadá.—Goyannas.—Cubs.

Senhoras e senhores!

Instituido no Rio da Prata um vice-reinado, com sêde em Buenos-Ayres, e abrangendo os territorios que formam actualmente a Republica Argentina, o Estado Oriental, o Paraguay, e grande parte da republica de Bolivia, correram dahi por diante mais ou menos regularmente os negocios publicos, e progrediu o commercio entre a colonia e a metropole, povoando-se o paiz cada vez mais com crescente immigração castelhana. Continuaram, todavia, lutas e contendias com os Portuguezes, senhores do Brazil. Sempre que na Europa se batiam as duas nações, nas suas respectivas possessões americanas se repetiam igualmente as brigas. Os Portuguezes, que haviam fundado na margem direita

do Rio da Prata a povoação da colonia do Sacramento, foram compellidos a abandonal-a. Os Hespanhoes edificaram Montevidéo e Maldonado, e para ali segurarem seu dominio, levantaram fortificações de defesa e ataque, povoando a margem direita com colonos trazidos das ilhas Canarias. Conseguiram igualmente occupar por algum tempo a ilha de Santa Catharina, e valiosa porção do Rio-Grande do Sul, até que em 1801 o tenente-general [portuguez Sebastião da Veiga Cabral firmou os limites da provincia portugueza, apoderando-se do territorio das sete missões jesuíticas á margem esquerda do Paraguay, com o que se fixaram dahi em diante pontos estrategicos e limites mais definidos.

A guerra promovida por Inglaterra contra França e Hespanha, colligadas nos primeiros annos do seculo XIX, incitou no governo britannico o desejo de ferir Castella apoderando-se de colonias americanas. Em 1806 uma esquadra ingleza, sob o commando de Beresford, desembarcou gente em Buenos-Ayres, obrigou o vice-rei, Marquez de Sobremonle, a fugir, abandonando seu posto de honra, e deixando a cidade render-se ao inimigo. Não poderam, comtudo, os Inglezes ahi firmar-se, porque o governador de Montevidéo, Huidobro, confiou forças a um Francez, Liniers, que servia no exercito hespanhol, e este valente militar, correndo sobre Buenos-Ayres, conseguiu expellir os invasores, restituindo a capital do vice-reinado ás autoridades hespanholas.

Mas o povo não quiz mais aceitar o vice-rei, e o depôz do mando supremo, nomeando provisoria, mas revolucionariamente para governa-lo, aquelle soldado feliz que vencêra os Inglezes, e os repellira da patria.

Não desistiram, comtudo, os Inglezes de seus projectos.

Nova expedição, composta de cerca de treze mil homens, chega logo no anno seguinte ao Rio da Prata, apoderou-se de Montevidéo, e dahi se dirigiu sobre Buenos-Ayres. Liniers os combateu de novo, e os venceu pela segunda vez, compellindo-os a abandonar o Rio da Prata.

A metropole confirma Liniers no posto de vice-rei, e nomêa o general Elio para governador de Montevidéo.

Com a deposição do vice-rei Solvamente haviam os povos aprendido a levantar-se contra a autoridade. A idéa ficou plantada no solo, para dar mais tarde fructos de maior ponderação e importancia politica e social.

D. João VI, principe regente de Portugal, que de Lisboa se havia retirado em fins de 1807, procurando asylo no Brazil, e desamparando á voracidade invasora do imperador Napoleão I o seu reino europeu, que, de combinação com Hespanha, deliberára o guerreiro corso roubar á casa e dynastia de Bragança, e destruir a autonomia nacional do paiz, encontrou excellente acolhimento no Rio de Janeiro, e ahi estabeleceu a séde e córte da monarchia portugueza.

Em guerra com França e Hespanha, resolve D. João mandar, como mandou, arrancar á primeira as posses da Goyanna, além do Amazonas, e pensa ao mesmo tempo em annexar ao Brazil as colonias hespanholas do Rio da Prata.

Empregaram-se para esse fim meios geitosos e moderados; officiou-se ás autoridades de Buenos-Ayres convidando-as a unir-se sob o sceptro portuguez, visto como os Inglezes tinham cortado por mar todas as communicações do Prata com Hespanha. Prometteu-se

aos povos um governo liberal, franqueza de commercio, regimen proprio e capaz de desenvolver a riqueza e progressos do seu paiz. No caso de não accitarem amigavelmente a proposta, dirigiam-se-lhes então ameaças de atacal-os, e occupar a terra militarmente, tratando-a depois como conquista de Portugal.

Mas os habitantes do Prata, as autoridades hespanholas alli funcionando, recusaram as propostas de D. João, e prepararam-se para defender-se contra insultos de Portuguezes e Brasileiros do Rio de Janeiro.

Nestas occurrencias, e quando por este feito se manifestavam symptomas de luta na America, levantasse grande parte de Hespanha contra o governo de José Bonaparte, elevado ao throno de Carlos V pelas abdições forçadas do rei Carlos, e de seu filho primogenito e herdeiro presumptivo da corôa, D. Fernando de Bourbon. Napoleão I os conservára prisioneiros, e a toda familia real hespanhola, em França, e pretendia instituir na peninsula iberica um reino para seu irmão, que elle sustentava em Madrid com tropas francezas introduzidas em Hespanha, continuando a conservar Portugal sempre curvado ao seu agente, o general Junot.

Mudam-se, pois, as scenas. Hespanha não é mais inimiga de Portugal, deve ser sua alliada e de Inglaterra, para, de commum accôrdo, combater Francezes. Já D. João VI não pôde imaginar pretextos para invadir o Prata, e apoderar-se de colonias hespanholas. Em Portugal e Hespanha batem-se junto com Inglezes os dous povos peninsulares, no nobre intuito de restaurarem sua autonomia, e repõem nos thronos respectivos seus monarchas decahidos.

Uma junta principal do governo de Hespanha,

coadjuvada por muitas juntas de provincias, organiza-se em Sevilla. Ao passo que prepara a guerra contra Francezes, cuida de segurar as colonias americanas de Hespanha. Suspeitando de Liniers, por ser Francez, demitte-o do posto de vice-rei, e manda para o Rio da Prata, nessa qualidade, ao general Cisneros, que toma tranquillamente posse da autoridade e a faz reconhecer em toda a colonia, em nome de Hespanha. Liniers retira-se para Cordova, no desejo de entregar-se á vida particular. Decorriam estes graves acontecimentos no anno de 1809.

As idéas de liberdade e emancipação, coadjuvadas pelo conhecimento de elementos e forças proprias americanas, grassavam espantosamente em Buenos-Ayres, e desde logo clubs, sociedades secretas, propagandas revolucionarias, se foram formando e desenvolvendo. Homens de merito e talento, nascidos no Rio da Prata, se collocaram á frente do movimento que se preparava. O general Belgrano, o advogado Moreno, e outros vultos distinctos, eram apontados pela opinião dos nacionaes americanos como os seus salvadores, os imitadores de Washington e Franklin.

Mas, feita a revolução e proclamada a independencia, como constituir-se, organisar-se o paiz? Esta questão magna agita os espiritos, e os colloca em duvidas aterradoras. Os animos, os habitos, as leis, tudo tornára e educára os habitantes para o regimen monarchico. Onde, porém, encontrar um rei? Aceitar o systema republicano? Mas não se mostrava o paiz preparado, e nem disposto material e moralmente para elle.

D. Carlota Joaquina de Bourbon, casada com o principe real D. João, regente em nome de sua mãe D. Maria I, era uma senhora incontestavelmente de

grande intelligencia e atilamento ; além disto, ambiciosa do mando, e dotada de astucia e do genio da intriga, para levar á execução os designios que formava.

Lembrou-se que os membros de sua familia se achavam todos prisioneiros de Hespanha, que ella unica em liberdade representava a casa e dynastia bourbonica nos dominios castelhanos. Já que lhe não permittia o esposo ingerencia no governo de Portugal e Brazil, porque não procuraria para si um governo proprio e particular no Rio da Prata, e até mesmo dalli dominando toda a America hespanhola ?

Tratou de realizar este sonho dourado. Teve a habilidade de entender-se, por meio de emissarios, com os principaes personagens de Buenos-Ayres, não hespanhoes, mas americanos, que aspiravam á independencia. Belgrano, Moreno, Peña e os mais importantes chefes do Rio da Prata, declararam-se promptos a accital-a como regente, com uma constituição liberal, franqueza de commercio, e administração de todo separada da metropole. Concordaram igualmente em preparar o movimento da emancipação, e em pratical-o logo que ella chegasse ao Rio da Prata, depondo-se nessa occasião o vice-rei nomeado pela metropole.

D. João VI estava sciente dos planos da consorte. Acariciava-os, coadjuvava-os ás occultas, levado pelas idéas de que lhe aproveitariam, collocando, por fim, sob seu sceptro e poder o Rio da Prata. Havia mesmo promettido licença á princeza para partir para Buenos-Ayres, segundo declarações que esta em cartas publicou posteriormente.

Chegaram, emfim, os emissarios do Prata para declarar á princeza que era urgente deixar o Rio de Janeiro,

não podendo mais ser adiado o movimento revolucionario. Mas no Rio de Janeiro predominava Lord Strangford, embaixador de Inglaterra, a nação aliada e protectora de Portugal. Lord Strangford era desaffeiçãoado á princeza, e, empregando todos os recursos, conseguiu que D. João recusasse licença a D. Carlota Joaquina de partir para o Rio da Prata. Por mais que a princeza se pegasse com o almirante Smith, afim de alcançar do regente o cumprimento de uma promessa que ella affirmava haver-lhe sido feita pelo consorte, nada conseguiu. Desengnados os emissarios do Rio da Prata de que a princeza não iria a Buenos-Ayres, deixaram o Rio de Janeiro, e em Buenos-Ayres communicaram a seus amigos politicos os acontecimentos verificados.

Resolveram então os Americanos do Prata dispensar o auxilio de D. Carlota, e realizar seus planos, formando um governo proprio, representado por uma junta de eleição popular, e expellindo o vice-rei e as autoridades hespanholas.

Praticou-se assim a revolução em 1810. Cisneros foi deposto e expellido. Uma junta se organizou para o governo do Rio da Prata, posto que na realidade independente da metropole, mas guardando ainda as apparencias de união, visto que se declarava sujeita a Fernando VII de Hespanha. Novas leis, nova organização, se deram ao paiz, substituindo tropas hespanholas dissolvidas por milicias americanas armadas e regularizadas.

O movimento, porém, ficou ao principio restricto a Buenos-Ayres. Montevidéo sob o governo de Elío, declarou-se contrario, e negou-se a obedecer-lhe. As provincias do interior e o Paraguay acompanharam

Montevideo, e se não prestavam a receber ordens dos revolucionarios de Buenos-Ayres.

Uma revolução que para é uma revolução abortada. Bem o entenderam a Junta installada em Buenos-Ayres. Duas expedições militares se organizaram logo para submeter e curvar os territorios que se haviam negado a adherir ao movimento verificado. Foi sua intenção, subordinado o interior, atacar depois Montevideo, que mais fortalecido se mostrava pelos militares e tropas hespanholas que se abrigaram e accumularam dentro em seus muros, e pelos navios de guerra hespanhoes, que alli estacionavam como porto mais seguro.

Uma expedição se dirigiu sobre Cordova, comandada por Alvear. Alli reunira Liniers varios Hespanhoes para a resistencia. Liniers foi batido, preso, e fuzilado com alguns dos seus partidarios. Continuando Alvear na marcha, derrotou em seguida Nieto e Sanz, e os fez igualmente passar pelas armas, domando de todo o interior á direita do rio Paraguay.

Belgrano seguiu no emtanto por Corrientes para o Paraguay, governado pelo general hespanhol Velazco. Foi, porém, infeliz. Soffrendo revezes sensiveis, teve de recuar para Buenos-Ayres, deixando esse territorio curvado á Hespanha, depois de assignar uma capitulação em que se compromettia a não atacar mais o Paraguay.

Não perdeu Buenos-Ayres com isto porque, internado o Paraguay, e separado de toda a communicação com Hespanha, viu-se compellido a depôr o governador castelhano, e a installar um governo nacional, de que foi chefe D. Gaspar Francia, advogado, que muitos escriptores dizem ser filho de um Brasileiro de S. Paulo, que na Assumpção se estabelecera. Mas

Francia e os Paraguayos annunciaram logo que formavam nação independente de Hespanha e de Buenos-Ayres.

Ficaram, pois, só curvados á Hespanha Montevidéo e a margem direita do Rio da Prata.

Não é minha intenção summariar-vos por miudo todos os acontecimentos supervenientes. Basta dizer-vos que a independencia se fez, posto que se declarasse ainda officialmente e só *in nomine* a suzerania de Hespanha: em 1812 houve em Buenos-Ayres uma mortandade extraordinaria de Hespanhoes, pela descoberta de uma conjuração; domou por fim Buenos-Ayres em 1814 a Montevidéo, ficando apenas com autonomia o Paraguay.

Organizou-se, porém, o paiz? Desgraçadamente não; imaginavam-se planos de instituições que logo se desfazião ao menor sópro de opposição. Nenhum homem, por mais notavel e prestigioso, se pôde sustentar no poder. Nomeavam-se e destituíam-se continuamente as autoridades. A anarchia envolvia tudo sob seu horrivel regimen.

Um governador, Alvear, lembrou-se de mandar pedir o protectorado de Inglaterra, em 1815. O governo inglez recusou-o. Logo depois partiram do Prata em commissão para a Europa tres dos mais notaveis vultos, Bernardino Rivadavia, Belgrano, e Manoel Sarratea, a pedirem a Fernando VII, rei de Hespanha, que lhes dêsse um rei, qualquer dos seus irmãos, para os governar.

Recusando Fernando VII, imploraram a Carlos IV, pai de Fernando VII, que abdicára a corôa castelhana e se recolhêra a Roma, que consentisse que seu filho, o infante D. Francisco de Paula, que vivia em

sua companhia, viesse para o Rio da Prata afim de ser rei, sustentando que Carlos IV era para isso competente como chefe de familia. Carlos IV teve sustos de se intrometter em negocios politicos, quando o rei de Hespanha era seu filho primogenito Fernando VII, e recusou por sua parte annuir ao pedido. Manuel Saratea propôz aos companheiros que se raptasse em Roma o infante, e que, conduzido ao Rio da Prata, fôsse proclamado, embora não houvesse assentimento de Fernando VII e nem ao menos de Carlos IV. Não vingando ainda esta lembrança, volveram ao Rio da Prata tristes e desapontados os tres emissarios.

Reuniu-se então o Congresso Constituinte em Tucuman. O general Belgrano propôz que, sendo preferivel o systema monarchico, se mandasse buscar para rei um descendente dos antigos Incas do Perú, que deviam existir nas serranias e vizinhanças de Titicaca. Repellido a idéa, votou-se o regimen republicano, redigiu-se uma constituição unitaria, e proclamou-se aos povos afim de lhe prestarem obediencia.

Nasceram desde logo os dous partidos, unitário e federalista. Estes recusaram obediencia á constituição. Artigas, antigo contrabandista, e gaúcho do Estado Oriental, foi um dos primeiros a separar de novo Montevideo do jugo de Buenos-Ayres. Corrientes, Entre-Rios, Santa Fé, lhe imitaram o exemplo, e em varias localidades se repetiu o mesmo acontecimento.

Continuou a anarchia, e mais deploravel ainda com a existencia de dous grandes partidos, o primeiro apoiado nas cidades, o segundo formado nos campos; o primeiro exprimindo a idéa tradicional, o segundo a completa independencia do gaúcho.

Muitas cidades foram, assoladas, arruinadas, incendiadas pelos gaúchos. Aqui e alli se levantavam caudilhos, isto é, chefes de gaúchos, dizendo-se federalistas, mas pretendendo dominar violenta e despoticamente nas provincias, apoiados em bandos de gente bruta, selvagem, barbara, capaz de todos os crimes.

O gaúcho pôde-se dizer o representante da barbaria e selvageria; o habitante da cidade, da civilisação e da ordem. Infelizmente nos gaúchos é que repousava a força do partido federalista.

Buenos-Ayres, separado das provincias, conhecia sua fraqueza. Ainda houve uma tentativa de monarchia por intermedio do governo francez. Aceitava-se o Infante de Parma para rei, casando-se com uma das filhas de D. João VI, afim de reunir em favor toda a força e prestigio das familias e Bourbon Bragança e a França se compromettia a conseguir de Fernando VII o reconhecimento da independencia. Não foi avante o intento. Tudo continuou na desordem e anarchia.

No emtanto D. João VI, cansado de tropelias de Artigas nas fronteiras do Rio-Grande, mandou uma expedição militar occupar Montevidéo, sob o commando do general Lecor. De 1817 a 1819 gastouse o tempo em bater Artigas, Lopes, Fructo Ribeiro e outros caudilhos, até que Artigas, refugiando-se no Paraguay, ali morreu; outros caudilhos se submeteram, e o Estado Oriental subordinou-se por fim ao governo portuguez.

Posto que ao proclamar-se a independencia do Brazil em 1823, se houvessem os povos de Montevidéo declarado em favor da continuação da união com o novo imperio americano, todavia em 1825 começaram um movimento de separação, coadjuvado pelos outros

vizinhos oriundos de sangue hespanhol. Em 1828 firmou-se por tratado de paz a independencia de Montevideo, formando um Estado autonomo.

No emtanto Buenos-Ayres continuava em lutas particulares, e em guerras entre federalistas e unitarios. Bernardino Rivadavia, o estadista mais notavel, não se pôde sustentar no poder, nem fazer prevalecer suas idéas civilisadoras e illustradas. Um governador ou presidente é assassinado, outro exilado, estes fuzilados, apenas vencidos. Não ha governo possivel, nem estavel.

Appareceu em scena, em 1829, D. João Manoel Rosas caudilho federal. Após lutas sanguinolentas, dominou Buenos-Ayres, e fez-se chefe do Estado, por um desses acontecimentos extraordinarios, que quasi só se têm realizado nas republicas americanas oriundas de Hespanha.

O caudilho é o proprietario de estancias dispersas por esse vasto e deserto solo, verdadeiro senhor feudal, valente, destemido, cruel, e que reunia em torno de si e sob seu mando uma cópia consideravel de gaúchos, gente miseravel, perversa, habituada aos crimes, ao roubo, ao incendio, ao assassinato. O caudilho é o terror da cidade, cujos habitantes o detestam, como os antigos Hespanhoes detestavam os gentios, por se acharem expostos ás suas tropelias e assaltos.

Não admira que os habitantes de Buenos-Ayres centro da civilisação daquellas paragens, rica e industriosa cidade, se curvassem a Rosas, o aceitassem para governador, lhe dessem todos os poderes dictatoriaes, todo o poder arbitrario. Tinham sede de governo estavel, qualquer que fosse, comtanto que exterminasse a anarchia, restabelecesse a ordem publica, fundasse a

tranquillidade, afim de que cada um podesse cuidar dos seus negocios particulares.

É a historia de todos os povos ; depois da anarchia vem como salvação a dictadura ; haja governo, contando que haja ordem ; é a pobre liberdade a primeira sacrificada á necessidade de socego e da quietação publica.

Assim apparecem os Cesares, os Cromwells, os Bonapartes, os Syllas.

O que tem direito de espantar-nos é que essa raça de homens briosos de Buenos-Ayres se curvasse humilhada sob o governo despotico, selvagem, horroroso de Rosas até 1852 : que fôsse preciso, para ser elle derribado do poder, que em Corrientes, Entre-Rios e Estado Oriental se levantasse a revolução restauradora da liberdade e da civilisação, coadjuvada pelo Imperio do Brazil, que a soccorreu, promoveu com dinheiro, com tropas auxiliares e com sua frota poderosa.

Rosas, apenas empossado da autoridade suprema, fez o que costumam fazer todos os demagogos : começou por destruir e assassinar todos os instrumentos que o haviam servido para subir, receioso de que contra elle se declarassem ; tornou-se, elle o caudilho mór, o mais decidido inimigo dos caudilhos. Já elles lhe não podiam ser uteis, convinha-lhe delles desfazer-se. Facundo Quiroga, o tigre das Pampas, Lopes, o terror do campo, e muitos outros, acabaram seus dias, conjunctamente com grande parte dos mais notaveis unitarios, á ponta do punhal, á bala do bacamarte, ao emprego do patibulo. Restabeleceu-se a ordem, mas a ordem produzida pelo terror, que é ainda peor que a propria anarchia. Não consentiu respirar, pensar, gemer, ao pobre povo que se prostrava a seus pés.

Uma sociedade de sicarios, com o titulo de Mashorca, executava, matava, no meio das ruas, ao dia claro, a quantos se suspeitavam de unitarios, a quantos convinha assim denominar, para se lhes roubar os bens, as propriedades.

Federalista, fez-se perseguidor dos federalistas, para plantar a unidade dictatorial do seu governo, para governar despoticamente de Buenos-Ayres a todas as provincias.

Entretanto, com hypocrisia espantosa, declarava-se sempre federalista de nome, distribuindo disticos de morte aos selvagens unitarios, e obrigando seu povo a usar e trazer nos braços, nos chapéos, esse distico de guerra. Em tudo pesou seu jugo de ferro: politica, só a que elle imaginava; administração, á sua vontade; justiça, segundo seus interesses; industria, ageitada a seu sabor; legislação, a seu capricho; instrucção publica, condemnada; estabelecimentos litterarios que Rivadavia promovêra e creára com tanto gosto, abolidos; sciencias, proscriptas; jesuitas introduzidos de novo em Buenos-Ayres para serem seus instrumentos na direcção do ensino, das consciencias, e seus espias de pensamentos occultos de quantos ousassem tel-os e lhe não fôsem agradaveis; padres, bispos, subjugados no temporal e no espirital ás suas ordens, dictames e intentos.

Os talentos nacionaes proscreeveu, porque se não confiava nelles; os militares de merecimento encarcerou-os, ou deportou-os. Para redacção de escriptos que devessem ser publicados, de actos officiaes que devessem ser cumpridos, tomou a soldo pennas mercenarias e estrangeiras. Entre os escriptores empregados, nota-se Pedro de Angelis, napolitano habil, que

foi um dos instrumentos litterarios do seu governo. Prohibia a imprensa para seus inimigos, mas servia-se della para segurar seu poder e favorecer seus interesses.

Por todas as provincias organizou espionagem, regimen selvagem e sanguinario. Exercito de espiões, delatores, carrascos, assassinos, se espalharam por sua ordem desde os Andes até ás bocas do Rio da Prata. Nem Felipe II o iguala em crueldades; começou como Tiberio, acabou como Caligula.

Obrigava os homens, e até as senhoras, que nas circumstancias criticas se mostram muitas vezes mais independentes, a usar do laço encarnado nas vestes, nos adornos, nos enfeites, do distico barbaro em lettras graúdas de—Morte aos selvagens unitarios!

A estrangeiros insultou, vilipendiou, perseguiu egualmente. Tratava os diplomatas com desdem, compellia-os a villanias, apregoando que era para mostrar a supremacia e superioridade do povo argentino. Nem um rei do direito divino, orgulhoso do seu sangue e dynastia, poderia hobrear com elle em etiquetas que o realçassem, e ao mesmo tempo humilhassem os subditos. Aventureiro, sahido do nada, filho dos Pampas, elevado pelas revoluções ao poder supremo, queria que o tivessem como divindade, e de origem celeste, differente dos demais homens.

Chegou até a sua loucura tyrannica a decretar, em 1831 ou 1832, que fôsse S. Martinho de Tours despojado do titulo e honras de padroeiro da cidade de Buenos-Ayres, conforme, desde a sua fundação no seculo XVI, o haviam instituido os Hespanhoes, conquistadores das terras do Rio da Prata e seus affluentes.

S. Martinho, segundo o decreto, não livrava o povo

da peste, das bexigas e da escarlatina; não trazia chuvas necessarias aos campos e á relva resequida, para produzirem fructos; não evitava enchentes de rios; não fazia augmentar a criação dos gados; não prevenia sedições e rebelliões, e, o que era mais aggravante ainda, nas lutas com Francezes, lembrava-se antes que era Francez que padroeiro da cidade (*risadas*).

Ficava, portanto, dahi por diante, proscripto como selvagem unitario, e sua imagem devia ser arrancada dos templos para não ser mais adorada. Em seu lugar se collocava Santo Ignacio de Loyola, já naturalizado argentino, por ter casa no Estado, habitada por seus discipulos; deveria ser installado no posto a que era elevado, com as honras de brigadeiro general da republica, e acompanhamento de procissão, fixando-se-lhe uma pensão annua para luzes ao altar e brilho ao culto (*lularidade prolongada*).

E o povo continuava humilhado e subserviente diante destas extravagancias do tyranno! E o povo ouvia submisso chamar esse despota ao Estado de republica, quando de nem-uma liberdade privada ou publica dispunha, e só predominava a maior e mais sanguinaria dictadura!

Raiou, emfim, a epocha da libertação! Rosas pretendeu reconstruir o antigo vice-reinado de Buenos Ayres, sob seu dominio. Atacou Montevideo, mandando um exercito para lhe destruir a autonomia, sob o pretexto de restaurar o general Oribe, presidente decahido diante da força de Fructuoso Ribeiro. Agitou a Bolivia para se apoderar das provincias que haviam pertencido ao vice-reinado. Insultou o dictador do Paraguay, Carlos Lopez, e ao Brazil. Formou-se então uma liga sob a protecção e influencia do Brazil, e

Garzon do Estado Oriental, Urquiza á frente de Corrientes e Entre-Rios, coadjuvados por tropas brazileiras, depois de expellirem Oribe dos campos de Montevideu, atacaram Rosas no próprio Estado de Buenos-Ayres, e a victoria conseguida em Montecaseros deu fim a um governo inconcebivel de selvageria e sangue, que causa horror e admiração no seculo XIX.

O Paraguay e a Bolivia não se moveram, posto que nutrissem sympathias pelos levantados, mas aproveitaram seus triumphos com a quêda de Rosas e sua fuga para a Europa.

Desde então Buenos-Ayres pôde reorganizar sob constituição regular um governo mais ou menos solido; e posto que ás vezes interrompido o periodo até hoje por movimentos revolucionarios, guerras civis e ataques de indios das fronteiras do Sul, quanta differença faz hoje do tempo do dominio de Rosas!

Industria, commercio, immigração, riqueza, liberdade, tudo se tem desenvolvido; as cidades augmentadas, os campos mais productivos, a prosperidade a olhos vistos. É que um governo regular, e particularmente civil, favorece a fortuna publica e privada, e civilisa um paiz qualquer. A anarchia, o despotismo, tudo estragam e arruinam.

Em relação ao Paraguay, posto que fechado por D. Carlos Lopez, continuador da politica de Francia, ao mundo inteiro, crescia todavia tambem em população e riquezas, bem que não em instrucção publica, até que Lopez Filho, successor do pai na dictadura, levado por sonhos ambiciosos e extravagantes, chamou tambem contra si, como Rosas, a animadversão, e uma liga do Brazil e dos Estados do Prata; e ao passo que o dictador sanguinario acabou a vida

em combate, compensando com morte mais ou menos gloriosa de militar os crimes que o nodoavam, ficou o paiz prostrado pela guerra, e arruinado de um modo desastroso.

Montevideu, constituido em Estado independente pelo tratado de 1828, tem tido vicissitudes desgraçadas. Guerras civis sobre guerras civis, assassinatos barbaros de um por outros chefes, lhe têm embargado a marcha progressiva. Mas tal é a constituição e uberidade do solo, que produz trigo e generos importantes, a abundancia da criação dos gados, os objectos de mercancia, a bondade do clima e a situação admiravel do porto, que logo que raia e dura por períodos curtos a paz e tranquillidade, galga espontaneamente em prosperidade e riqueza, e recobra o tempo estragado e perdido.

Eis-ahi, minhas senhoras e senhores, a situação do antigo vice-reinado do Rio da Prata, sob os pontos de vista politico, social, historico e administrativo.

Apreciemos agora a sua situação relativamente ao desenvolvimento das sciencias, das artes e das letras.

Do Paraguay nada ha que dizer. Fôra educado pelos jesuitas; e posto que lhe tivessem sido arrancados os jesuitas pelo governo da metropole, o germen da obediencia, da disciplina, da submissão, ficára e se conservára. A lingua guarany foi a geral do povo; escolas de guarany se continuaram, ainda que a lingua official perseverasse castelhana. Como esperar ahi litteratura, sciencias? Nem um livro se publicou, nem um homem se tornou notavel na esphera do espirito. Verdadeira China na America até Lopez II, tyrannia permanente de governo, e absolutismo tradicional, posto que guardando sempre o titulo de

republica, ruina geral depois da guerra,— tudo alli é triste, merencorio, miseravel;— nada nos chama a attenção sob o aspecto de letras, sciencias, artes, industria, commercio, agricultura, obras ou monumentos!

Em Buenos-Ayres—ah! sim!—ahi resplandece um periodo brilhante. Digo mal, não houve um periodo brilhante para as letras, artes e sciencias. Manifestaram-se em certa epocha grandes talentos, illustrações notaveis, vultos gloriosos como poetas, litteratos, criticos, politicos. O vice-reinado nada produzira; as revoluções até ao tempo de Rosas não davam occasião para que os talentos se applicassem ás letras e ás sciencias. A politica, os partidos, ou lutas, attrahiam todas as attenções, todas as intelligencias.

Rosas, perseguindo, proscovendo, obrigando ao exilio os homens notaveis, fez com que muitos, que na sua patria só cuidavam de jornalismo e de discussões, partidos e lutas politicas, compellidos a viver no desterro, empregassem os dotes de seu espirito, e se manifestassem gloriosamente, provando assim o genio argentino. É esse o periodo brilhante da litteratura de Argentinos, fóra, e não dentro do seu paiz!

Foi a miseria, a tome, a dôr do exilio, que deram conhecimento ao mundo de que havia poetas argentinos, como Marmol, Echeverria, Ascabusi, Mitre, Florencio Balcarce; philosophos e publicistas, como Sarmiento, Alberdi, Alsina, Florencio Varella; criticos, como Gutthierres e Dominguez: longe da patria, por ella soffrendo e chorando, é que elles, no Chile, no Perú, na Europa, em Montevideu, se dedicaram a obras litterarias e scientificas, e as publicaram, para assim se alimentarem e poderem viver!

Alguns desses vultos notaveis feneceram no estrangeiro, antes de ver a patria libertada do jugo de Rosas: Varella assassinado em Montevideo por ordem do monstro do Prata, em 1848; Echeverria abandonando a vida em 1851; Ascabusi, depois de escapo de carceres que o detiveram dous annos, acabando seus dias em 1852; Florencio Balcarce espirando em 1839.

Mais felizes volveram outros ao solo querido, que falla sempre poderosa e encantadoramente ás almas nobres, quando Buenos-Ayres, depois de 1852, reorganizou o seu governo.

Esqueceram-se, quasi todos, das musas, para se entregarem exclusivamente á politica, quando a politica é sempre ingrata, e as musas perseveram agradecidas e fieis amigas. Em vez de continuarem na patria a publicar obras que lhes augmentassem a reputação e a glóriassem, deram-se só á politica, casaram-se com a politica, e só viveram para a politica. Mitre não escreve mais os bellos canticos do gaúcho, e nem biographias de homens célebres como Belgrano; Sarmiento esquece-se de que a providencia o dotára com a força que manifestou no seu bello livro da civilização e da barbaria; Guthierres e Dominguez só de politica trataram; Marmol é que ainda publicou seu excellente romance de *Amalia*, bem que se olvidasse de accrescentar poemas aos admiraveis *Cantos do Peregrino*, com que no exilio se elevára tão alto. Alsina, não o actual ministro da guerra de Buenos-Ayres, mas o pai, que é já morto, poeta agradavel, publicista de merito, nem nos deixou memorias sobre esse lindo e tocante episodio de sua propria vida, quando escapou ás garras de Rosas e a uma sentença de morte a que fôra condemnado!

Sim, é um bello episodio o que elle deveria miudamente narrar. Preso em um pontão, carregado de ferros, esperava a todo o instante que chegasse o carasco e lhe cortasse os fios da vida. Aproxima-se ao pontão uma barca, saltam della soldados; um official apresenta uma ordem para que se lhe entregue o preso. O carcereiro obedece, ouvindo ao official que o ia immediatamente fuzilar em virtude da sentença. Passa-se Alsina para a barca, mas, em vez de seguir esta para a cidade, toma outro rumo. O official era a mulher do preso, que tomára uniforme disfarçado, fabricára uma ordem de Rosas, e, reunindo gente que fardou de soldados, conseguira salvár o marido e com elle passára-se para Montevideu. Só o coração da mulher é assim devotado e sublime! (*muitos applausos*).

Quereis ter uma idéa da poesia doce e tenra do Rio da Prata? Nenhum escriptor excede Echeverria no seu poema da *Captiva*. Tem seus visos de cópia da *Atala* de Chateaubriand no enredo geral, mas encerra tanta originalidade nos episodios, tanto sentimento nas paixões, tanta melodia no verso, tanta elevação no pensamento, que é a *Captiva* uma linda e preciosa joia litteraria.

Um arraial hespanhol é atacado repentinamente e de noite pelos gentios, que, além de matarem alguns dos europeus, levam outros prisioneiros para suas tabas do deserto. Entre estes figura um joven casado. A consorte, desesperada, atira-se ao centro da floresta em procura do marido. Alta noite o encontra amarrado a uma arvore, e enquanto se banqueteam e fazem os gentios resoar os ares com seus gritos de guerra e seus instrumentos agrestes, corta a esposa os laços que prendem o Hespanhol, e com elle foge. Eis que achando-se no meio do Pampa, lavra um incendio, que em pouco tempo

tudo devasta, dirigindo-se para seu lado em lavas ardentes. O marido não pôde mais andar, enfraquecido por feridas que lhe retalham o corpo. Ella o colloca sobre as costas, consegue apanhar um rio, lança-se a nado com a carga querida, e alcança a margem opposta. Ao chegar, encontra Hespanhoes, e grita de alegria; mas ao saltar em terra, já o marido era cadaver, e ella, não podendo sobreviver-lhe, exhala o ultimo suspiro no meio das lagrimas e admiração dos seus compatriotas.

Desejais apreciar os vãos lyricos mais altanados? Percorrei os *Canticos do peregrino* de Marmol, as imprecações apaixonadas e patrioticas de Florencio Balcarea, a inspiração do gaúcho de Mitre, as consolações de Echeverria. Ahi encontrareis verdadeiros arroubos de poetas que, unicos da America hespanhola, igualam os de Venezuela e Nova Granada.

Pena é que os que volveram do exilio á sua patria não continuassem a trilhar a carreira litteraria, abandonando-a pela politica. O exilio ensina pelo sentimento, o mundo educa pela experiencia, a historia illumina pela razão. Fariam bem a si e á patria; que todo o movimento litterario e poetico que abrilhanta o Rio da Prata pertence aos seus escriptores durante o exilio, e fóra da terra natal; não dentro della, não nos seios adorados do solo patrio: *il dolce nido del paterno tecto*.

Em Montevideo, ou incitados pelos Argentinos que alli viveram desterrados, e que, descendentes dos cavalleiros andaluzes, sabiam, como os Arabes, entoar canticos e endeixas lyricas e sentimentaes, ou por movimento espontaneo, alguns poetas têm apparecido, que merecem não tanta, mas, ainda assim, bastante nomeada. A raça canaria, que predomina no Estado

Oriental, conta, entre litteratos distinctos, seus descendentes americanos: Carlos Gomes, Magarinos, autor das *Brisas do Prata*; Figueirôa, epigrammatico e satyrico de valor; Berro, morto em 1841, cheio de talento e inspiração poetica. Tambem passou a epocha em que elles brilharam, e as dissensões e guerras civis fizeram parar o estudo e cultivo das letras, absorveram todos os engenhos elevados.

Restam na America, minhas senhoras e senhores, alguns Estados coloniaes da Europa; as Goyannas Ingleza, Franceza e Hollandeza, mais presidios de degradados que paizes civilizados; algumas ilhas no golpho do Mexico, pertencentes a varias nações da Europa, pouco povoadas, e pontos apenas de abrigo, que, como as Goyannas, quasi que não têm historia. Ao Norte, possessões da Russia viradas para a Asia, nas quaes apenas se pratica o commercio de pelles de animaes bravios; o Canadá e Nova Brunswick, que Inglaterra ainda domina, porque não querem emanciparse, ao que o governo britannico se não oppõe, e tanto que lhes concede assembléas legislativas, e administrações inteiramente locaes e independentes. Inglaterra sabe que mais lucra com Estados independentes que com colonias; mais tem ganho com os Estados-Unidos depois da separação que lucrava antes della. Assim Portugal, em relação ao Brazil. Quando rendeu o Brazil em favor de Portugal, como hoje rende? Hoje que é independente? Hoje que offerece á população desvalida da antiga metropole asylo, fortuna, porvir? Hoje que guarda as tradições, a gloria, a lingua de Portugal, e transmittirá, de certo, ao futuro os thesouros herdados e accrescentados da mãe patria?

No Canadá ha duas populações differentes; Francezes,

que predominam em Quebec e Montreal, e Inglezes, que habitam a maior parte do paiz, separados, guardando suas linguas, mas vivendo em paz. Por essa mesma razão ha grande instrucção espalhada, enorme commercio, industria extensa, civilisação progressiva, liberdades praticas e sinceras, garantias de pessoa e propriedade; mas não apparecem homens illustres nas concepções e obras do espirito, vultos originaes, talentos que se distingam e se façam apreciar no mundo, contentando-se os habitantes com o que lhes vem da Europa.

Resta Cuba, importantissima ilha, cheia de vida, de movimento, de commercio, de industria, de riqueza, mas que a Hespanha teima em segurar, domar e curvar pela força das armas, concedendo-lhe tudo quanto lhe possa favorecer o progresso material, recusando-lhe, porém, o que lhe deve incitar a vida espiritual, os dotes da intelligencia.

Cuba anda em luta constante, gasta as proprias forças e as de Hespanha; apezar, todavia, dessa situação anomala, Cuba tem produzido alguns poetas distinctos que, ou se têm convertido em Hespanhoes, mudando de domicilio para a metropole, ou têm sido perseguidos pelos donos da terra. O infeliz Placido foi fuzilado. Heredia morreu em exilio, deixando canticos de verdadeira inspiração poetica, poemctos lyricos de muito merecimento. Mas a idéa da liberdade e da independencia não pôde ainda alli morrer, apezar dos cadafalsos, do sangue e dos carceres. Será sonho, mas persiste o sonho, e os exilados, pelo menos, o alimentam, levantando de quando em quando incendios revolucionarios na ilha querida.

É esta, minhas senhoras e senhores, a situação actual da America. Falta-nos tratar especialmente da nossa patria. Quando e como o farei?— Só Deus o sabe! Cumpri a maxima parte da missão que me impuz, de vos historiar os progressos da civilisação na America. Relevai-me os erros, em attenção ao zelo e boa vontade.

(Numerosos e repetidos applausos são prodigalisados ao orador ao descer da tribuna.)



INDICE

1ª Conferencia—pag. 7.

Idéas sobre o que seja civilisação. — Considerações acerca das actuaes nações europeas.—Como se deve escrever a historia geral e especial.—Necessidade de comparar uns com outros os povos contemporaneos.

2ª Conferencia—pag. 23.

Comparação entre as nações europeas conquistadoras, e differença entre as instituições, sociedades e costumes que plantaram nas suas colonias americanas.

3ª Conferencia—pag. 52.

Continuação do mesmo assumpto, e feição particular das letras, sciencias e artes.—Differença entre as varias colonias americanas.

4ª Conferencia—pag. 81.

Sacrificios que á Europa custaram o descobrimento, posse e colonisação da America.

5ª Conferencia—pag. 107.

Intenções da Europa sobre a America; systemas de colonisação, escriptos publicados a respeito.

6ª Conferencia—pag. 122.

Continuação do assumpto da conferencia anterior,
em relação particular ao Brazil.

7ª Conferencia—pag. 144.

Estados-Unidos da America do Norte.

8ª Conferencia—pag. 163.

Mexico.—Sua historia, sua actual situação.

9ª Conferencia—pag. 177.

Columbia.—Sua historia, sua actual situação.

10ª Conferencia—pag. 191.

O Perú, o Chile, a Bolivia e a Araucania.

11ª Conferencia—pag. 207.

O Rio da Prata, e as Missões Jesuíticas no
Paraguay.

12ª Conferencia—pag. 234.

Continuação do Rio da Prata — Canadá —
Guyanas—Cuba.

